

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentlích

Folge 38

São Paulo, 20. September 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 15\$000, ganzjährig 30\$000, für Deutschland und die Weltpostvereinsländer 7 Mark

Superioridade aérea alemã

A Guerra das Falsidades Nosso Quadro Negro

54.a Semana

kt. — Todas as atenções se voltam hoje para a luta que se trava em torno de Londres. As preocupações e as esperanças augmentam quasi de hora em hora, e não raramente as paixões turvam o julgamento acerca de um acontecimento, cuja significação obumbra os successos de maio e de junho deste anno. E' nessas horas que devem manter-se tranqullo o coração e lucida a razão, notadamente quando as incoherencias nos comunicados sobre as operações militares ultrapassam a medida habitual. Só quando tiverem silenciado de novo as armas é que o mundo afastado do scenario da luta ficará sabendo, definitivamente e com toda a clareza, a realidade dos factos. Até lá, tudo se resume numa questão de confiança e — da experiencia colhida através das occorrencias na Polonia, Noruega e França. Uma critica dos comunicados militares não pôde, por conseguinte, levar em consideração os detalhes, cabe-lhe, porém, esclarecer algumas questões fundamentaes, o que tentaremos fazer a seguir.

Parlapafices em torno da guerra de gaz

Durante a campanha na Polonia, foram espalhadas e commentadas, no Brasil, numerosas noticias estrangeiras, segundo as quaes as tropas teutas teriam se utilizado de gazes toxicos. Tratava-se, sem nenhuma excepção, de deslavadas falsidades, e hoje ninguém mais fala nisso. Por occasião das lutas na Noruega e na frente terrestre no occidente, surgiram as mesmas patranhas, embora mais escasas, mas provaram logo ser uma reedição de noticias anteriores, devida ás manobras dos aliados de então e dos seus honrados asseclas. Segundo parece, tambem na Inglaterra nenhuma personalidade competente não mais conta com ataques a gaz por parte dos teutos, pois o senhor Chamberlain, sua esposa e outros representantes da camada governante britannica ha mezes já que não mais se deixam photographar de mascara contra gaz a tiracolo, o que, aliás, occorria todos os dias e de todas as maneiras imaginaveis, no inicio da guerra. As revistas andavam repletas desses gozados documentos photographicos. Entretanto, como os gazes delecterios se prestam excellentemente — abstracção feita de sua propriedade de elemento de combate condemnado pelo direito das gentes — para fins propagandísticos, deveria causar estranheza, se não se abusasse delles, e uma vez que certa gente não ousa repetir essas petas surradissimas, portanto gastas e inefficazes, essa certa gente vem com insinuações, suspeitando dos allemães e italianos e attribuindo-lhes a altruistica intenção de aplicar, na hora azada, aquillo que até aqui ainda não lhes occorrera. Neste sentido, tornou-se particularmente explicito, em 14-9, um emigrado portuguez, ao entoar uma de suas periodicas odes de odio contra a Alemanha. Esse cavalheiro, a quem o solo de sua Patria se lhe tornou ardente demais, sob o governo ordeiro e progressista de Salazar, sac-se, entre outras, com a affirmacção insolente de que Adolf Hitler mandaria bombardear Londres a esmo, no que, aliás, estaria no seu papel. Proseguindo na sua moxinifada, escreve o articulista, que seria muito natural que Hitler prosiga, com toda a violencia, na luta, e que, ao invadir a Inglaterra, talvez recorra a gazes, empregando tambem bacterios. Basta que registemos esses disparates, não occultemos, porém, tambem, que os mesmos podem produzir um effeito assaz desastroso, sobretudo para a Inglaterra. Do caldo de cultura de uma intriga desse jaez brotam as suggestões inglezas de que a „Royal Air Force“ deveria incendiár, systematicamente, os campos e as florestas allemães, nomeadamente a Floresta Negra, conforme se lê em varios telegrammas procedentes de Londres. E trata-se logo de concretizar as suggestões, tanto assim que os breões cuidaram de lançar sobre o territorio allemão, desde 11 de agosto, enormes quantidades de plaquinhas de combustão expontanea (T. O., 10-9) e, finalmente, bolsas cheias de pulgões vermelhos („dorifora leptonotarsa“), conhecida praga dos batataes (T. O., 12-9). Ora, todo o mundo ha de compreender (Continua na 2.a pag.)

BERLIM, 18. (T.-O.) Segundo uma estafística alemã, sabe-se que desde o dia 1.º de agosto até 14 de setembro, deste anno, foram destruidos 2.096 aparelhos inglezes. Em agosto, perdeu a aviação ingleza 1.354 aparelhos; na primeira semana de setembro 481 e segunda semana 261.

Milão, 19. (T.-O.) — O órgão officioso „Popolo d'Italia“ escreve hoje sobre a destrutiva efficacia dos bombardeios allemães contra Londres. Depois do arrazamento do porto de Londres, esperaram os inglezes poder assegurar o trafego de produtos alimenticios por comunicacção ferroviaria com o porto de Liverpool. Mas a referida comunicacção foi interrompida por implacaveis ataques da aviação alemã. Oito milhões de londrinos estão além disso ameaçados de destruição pela fome, não lhes restando outra alternativa senão abandonar a capital inglesa, pondo em confusão o interior do pais, ou reconhecer a angustiosa situacção creada pela superioridade aérea alemã e render-se.

Estocolmo, 19. (T.-O.) — O correspondente do jornal „Stockholms Tidningen“ communica hoje em sua descrição dos ataques allemães do dia de hontem que os bombardeios de Londres foram mais intensos do que nunca, tendo os aparelhos allemães empregado a nova tactica de se apresentarem aos grupos de 3 bombardeiros acompanhados de 20 caças. Ao mesmo tempo, os caças allemães usaram de um truque terrivel, pois se atravam contra os caças inglezes, obrigando-os a lutar enquanto os bombardeiros cumpriam tranquilamente sua tarefa destruidora.

O correspondente do „Stockholms Tidningen“ acha que, mediante semelhante manobra, a defesa aérea sobre Londres está completamente desbaratada.

Der Lügenkrieg Unser schwarzes Brett

54. Woche

kt. — Aller Augen sind auf den Kampf um London gerichtet. Die Sorgen und Hoffnungen steigen fast von Stunde zu Stunde, und Leidenschaften trüben nicht selten das Urteil über ein Geschehen, dessen Bedeutung die Ereignisse vom Mai und Juni dieses Jahres in den Schatten stellt. Da gilt es, das Herz ruhig und den Verstand klar zu erhalten, vor allem, wenn Widersprüche in den Berichten über die Kampfhandlungen das gewohnte Mass weit überschreiten. Endgültige Klarheit wird dem Aussenstehenden erst die Stunde bringen, in der die Waffen wieder ruhen. Bis dahin ist alles Sache des Vertrauens und — der Erfahrung aus den Vorgängen in Polen, Norwegen und Frankreich. Eine Kritik der Kriegsberichte kann demnach nicht die Einzelheiten berücksichtigen, sondern muss einige grundsätzliche Fragen klären, wie es im folgenden versucht wird.

Gerede vom Gaskrieg

Während des Feldzuges gegen Polen wurden in Brasilien zahlreiche ausländische Nachrichten verbreitet und kommentiert, nach denen die deutschen Truppen Giftgase benutzt hätten. Es waren ausnahmslos dreiste Fälschungen, und heute spricht kein Mensch mehr davon. Zur Zeit der Kämpfe in Norwegen und an der Landfront im Westen tauchten dieselben Behauptungen auf, wenn auch etwas seltener, und erwiesen sich wiederum sehr schnell als Mache der damaligen Alliierten und ihrer ehrenwerten Parteigänger. Jetzt rechnet auch in England offenbar keine zuständige Persönlichkeit mehr mit deutschen Gasangriffen, denn Herr Chamberlain, seine Gattin und andere Vertreter der britischen Herrschaft haben sich bereits seit Monaten nicht mehr mit der Gasmaske photographieren lassen, was zu Beginn des Krieges bekanntlich täglich und auf allen nur denkbaren Wegen geschah. Die Zeitschriften waren voll von jenen köstlichen Bild-dokumenten. Da die Giftgase sich jedoch, abgesehen von ihrer Eigenschaft als völkerrechtlich verbotene Kampfmittel, ganz vorzüglich für propagandistische Zwecke missbrauchen lassen, müsste es wundernehmen, wenn sie nicht missbraucht würden, und da „man“ zurzeit nicht wagt, die abgedroschenen und deshalb unwirksamen Schwindeleien zu wiederholen, fängt „man“ es feiner an und unterstellt den Deutschen und Italienern die menschenfreundliche Absicht, bei nächster Gelegenheit das Versäumte nachzuholen. Am deutlichsten wurde dabei am 14. 9. ein portugiesischer Emigrant in einem seiner periodischen Hassgesänge gegen Deutschland. Dieser Herr, dem der Boden seiner Heimat unter der ordnungsliebenden und erfolgreichen Regierung Salazars zu heiss geworden ist, stellt u. a. die freche Behauptung auf, Adolf Hitler lasse London aufs Geratewohl bombardieren und befinde sich dabei in seinem Elemente, um dann fortzufahren, es sei ganz natürlich, dass Hitler den Kampf mit aller Gewaltsamkeit weiterführen werde; er werde bei dem Einfall in England vielleicht gar zu Giftgasen und zum bakteriologischen Krieg greifen. Es genügt, derartige Entgleisungen festzunageln, es sei aber auch nicht verschwiegen, dass sie sich sehr, sehr gefährlich auswirken können, vor allem für England. Auf dem Nährboden einer solchen Hetze erwachsen die englischen Forderungen, die „Königliche Luftwaffe“ solle deutsche Felder und Wälder, insbesondere den Schwarzwald, systematisch in Brand stecken, wie mehrere Telegramme aus London berichteten. Auf die Forderungen folgt die Tat, wie denn seit dem 11. August unabsehbare Mengen von Zündoblaten über deutschen Landen abgeworfen wurden (TO 10. 9) und schliesslich Taschen voller Colorado-Käfer, dem bekannten Kartoffelschädling (TO 12. 9). Dass

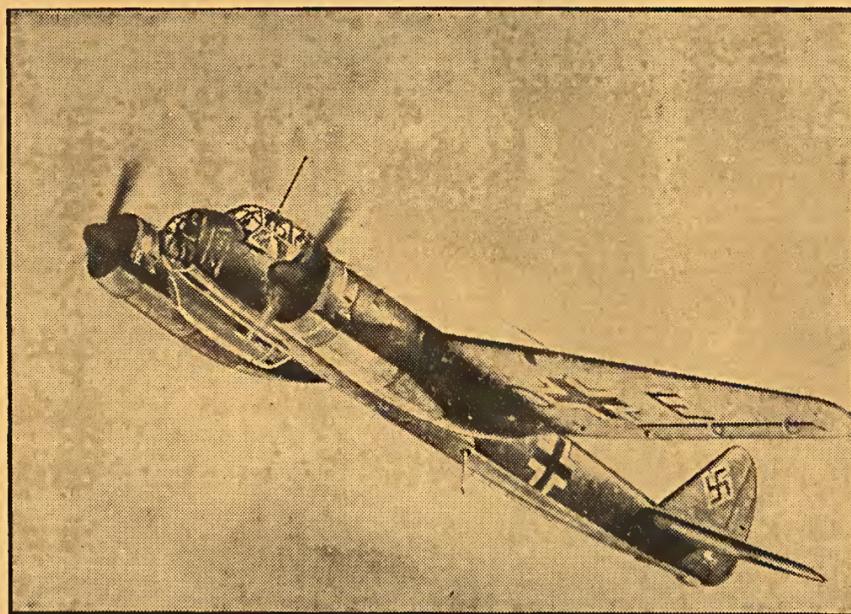
Adler-Flug und Schildkröten-Strategie

England ist dank der Politik der Kriegstreiber Churchill, Chamberlain und dank der zahlreichen „Rückzugssiege“ seiner alten Generale, dem Löwen, seinem alten Wappentier, in diesem Krieg endgültig untreu geworden. Auch mit Flügel versehen, wollte oder konnte der Löwe kein richtiger Löwe mehr sein. Er hat zu lange in den Davidstern geblinzelt, um die irdischen Vorgänge in seiner Umwelt noch klar zu erkennen. Die Welt hat sich dann den Kopf zerbrochen, welches Tier wohl am besten den Löwen ersetzen könnte. Man kam da zu den unmöglichsten Vorstellungen. Manche meinten, man müsse eine Bulldogge mit einem Meerespolypen kreuzen. Andere brachten Nilpferde und Aasgeier zusammen und wieder andere den Vogel Strauss mit einem gerupften Pfau. So unmöglich und widernatürlich diese Kreuzungsprodukte erscheinen mögen,

so zutreffend dürften sich ihre etwaigen Eigenschaften zurzeit auf die grossbritannische Weltmachtstellung beziehen lassen, wenn man sie ohne Scheuklappen sieht. Zwar hat ein Prophet namens Sana-Khan einem hiesigen Boulevardblatt nach Ankündigung der deutschen Invasion in England am 17. September u. a. auch geweissagt, dass England trotz weiterer Erfolge der Achsenmächte sich in einen sechsköpfigen Leopard verwandeln würde, der einfach unbezwinglich sei. Aber der weise Mann Sana-Khan muss ja wissen, wem er solchen Blödsinn erzählen kann.

Der militärische Mitarbeiter der Agentur Reuter weiss dagegen viel besser über Englands gegenwärtige und zukünftige Wappentiere Bescheid als alle Propheten. Er protestiert heftig gegen die Tatsache der neuerlichen Kreuzungsprodukte (Schluss auf Seite 2.)

Um Junkers „Ju 88“ — o mais moderno bombardeiro para vôo horizontal e picado da Arma Aérea allemã. Este aparelho tem registado os mais brilhantes successos em seus raidés sobre a Inglaterra. O marechal do Reich Hermann Goering pilotou pessoalmente um „Ju 88“ em seu vôo sobre Londres, ha poucos dias, isto é, na noite de 15 para 16 de setembro.



Der modernste Horizontal- und Sturzkampfbomber der deutschen Luftwaffe — Junkers „Ju 88“, wurde bei den Flügen gegen England mit besonderem Erfolg eingesetzt. Reichsmarschall Hermann Göring steuerte diese Maschine bei seinem Flug über London in der Nacht vom 15. zum 16. September.

auf die Dauer die Vergeltung nicht ausbleiben kann, muss jedermann begreifen, denn Krieg ist Krieg, und wie eine deutsche Vergeltungsaktion beschaffen ist, zeigt das Schicksal Londons seit dem 7. September. Die Hetzer allerdings trifft das nicht, denn die sind immer — weit vom Schuss und finden Zeit und Ruhe, die Welt mit ihrem Geschrei über die unmenschlichen und mitleidlosen Flieger Görings zu erfüllen.

Bestellte Klageweiber

In guten alten Zeiten erforderte der Brauch, bei Trauerfällen Klageweiber anzustellen. Die mussten an der Bahre nach Kräften jammern, Tränen vergießen und ihr Haupt mit Asche bedecken und wurden für ihre Leistungen bezahlt. Der Brauch besteht auch in unseren Tagen noch fort, allerdings unter anderen Formen und weniger im bürgerlichen als im politischen Leben. Seite an Seite mit den trauernden Hinterbliebenen standen solche gegen angemessene Vergütung bekümmerten Gestalten an der Bahre des Versailer polnischen Staates, an den sterblichen Resten der französischen Republik mit ihrer entseelten „Freiheit, Gleichheit und Brüderlichkeit“, und selbstverständlich stehen sie seit einer Woche an den rauchenden Trümmern der Londoner Munitionsfabriken, Oeltanks und Hafenanlagen. Sie wimmern über „die Hölle auf Erden“, über die „unbarmherzigen Nachtangriffe“ der Deutschen (die monatelang von den Briten durchgeführten Nachtangriffe auf deutsche Städte und Dörfer hatten sie kurz vorher bejubelt!), über tote „Kinder, Mütter und Krankenschwestern“, über die Beschädigungen am Buckingham-Palast (bei dem sich in 100 Meter Entfernung ein grosses Brennstofflager befindet), über das zerstörte Schwimmbecken der Prinzessinnen, über die Stadtviertel, die ohne jede menschliche Regung dem Erdboden gleichgemacht wurden (U. P. 9. 9.), und über vieles andere. Selbstverständlich werden auch die geflüchteten Kindlein immer von neuem in den Kreis der weinerlichen Betrachtungen gezogen und weitgehend photographisch ausgebeutet: man sehe nur, wie liebevoll Herr Geoffrey Shakespeare zwei Kinder umarmt, deren Schiff angeblich von den Deutschen torpediert wurde (Photo A. P. 17. 9.)! Wenn eine italienische Zeitung zu diesen Litaneien Stellung nimmt und ein offenes Wort spricht, dann heisst es: „Die faschistische Presse rühmt das unmenschliche Zerstörungswerk der Nazi-Flieger“ (U. P. 13. 9.). Zahllose Betrachtungen ausländischer Propagandisten sind auf das Thema „Untergang des Abendlandes“ und seiner Kultur abgestimmt. Diese Herren blicken künstlich-resigniert über den Ozean, orakeln, die alte Welt werde sich selbst zerfleischen, bis nur noch ein „Ruinenhaufen“ oder ein „Lazarett“ übrig bleibe, und beschreiben ihre Klagelieder gewöhnlich im Sinne jenes bekannten Kanadiers von Seume, der sich seitwärts in die Büsche schlug und dabei feststellte: „Wir Wilden sind doch bessere Menschen.“ — Mit dieser Machse sind selbstverständlich nicht die ernsthaften Ueberlegungen verantwortungsbewusster Männer zu verwechseln, die sich gelegentlich auch zu Worte melden. Der Luftkrieg ist kein Spiel, und auch die Bombardierung Londons stellt ein sehr ernstes Kapitel der Geschichte dar, vielleicht sogar eine grosse Zeitenwende. Soll die damit verbundene Tragik jedoch in unparteiischer Weise gewürdigt werden, so heisst es, die Frage nach den Schuldigen zu beantworten.

Wer trägt die Schuld?

Für die Deutschen und sehr viele Neutrale sowie für die Mehrzahl der besiegten Ex-Verbündeten Englands steht die Antwort ein für allemal fest; sie brauchen sich nur an den Leidensweg Mitteleuropas von Compiègne 1918 bis Compiègne 1940 zu erinnern, an Hitlers Friedens- und Bündnisangebote, die von den Londoner und Pariser Machthabern hohnlachend abgewiesen wurden. Voraussetzlich wissen auch die Engländer selbst Bescheid, denn sonst würden seit einigen Wochen die Ereignisse bei Ausbruch des Krieges nicht so oft verkehrt dargestellt worden sein. Churchill behauptete erst vor kurzem, Hitler habe den Brand entzündet (U. P. 11. 9.); seine Gefolgsleute blasen in dasselbe Horn und bemühen sich, die Tatsache zu verwischen, dass Grossbritannien mit allen Kräften, wenn auch erfolglos, die Einkreisung betrieb, dass es die Polen zu ständigen Herausforderungen ermutigt und schliesslich auch den Krieg erklärt und begonnen hat. Die vorsichtigsten Englandänbeter schreiben der Londoner Regierung nur die Schuld einer Unterlassungssünde zu: sie habe jahrelang eine „verbrecherische Gleichgültigkeit gegenüber dem festländischen Europa“ zur Schau getragen und dadurch den Ausbruch des Krieges ermöglicht. Durch Manöver dieser und ähnlicher Art lassen sich aber die Tatsachen, die mittelbar zu den Angriffen auf London führten, nicht ungeschehen machen, und ebensowenig die britischen Unternehmungen, die den unmittelbaren Anlass gegeben haben. Hat England nicht schon im September 1939 die Hungerblockade erklärt? Hat es sich nicht von Woche zu Woche immer wieder gebrüstet, es werde den National-

Adler-Flug und Schildkröten-Strategie

sten italienischen Siege beim Vormarsch durch Ägypten in Richtung auf den Suezkanal und sagt, man müsse die britische Politik und Kriegsführung stets als eine „elastische Verteidigung“ betrachten; England wende dieselbe Taktik an, wie die Schildkröte in ihrem Panzer. So — also die Schildkröte! Auf der ist nun das britische Weltreich gelandet. Richtiger wäre es allerdings gewesen, den Krebs herauszustellen, jedoch ist die Wandlung des Löwen zur Schildkröte symbolisch von zunächst nicht zu unterschätzender Bedeutung. Hoffentlich ist der genannte Reuter-Mitarbeiter, der ja das unbedingte Vertrauen Winston Churchills, Duff Coopers und Genossen genossen muss, inzwischen zu der Erkenntnis gekommen, dass unter deutschen Stukabomben die modernsten Panzer des 20. Jahrhunderts zerspringen, und dass die „elastische Verteidigung“ Londons ein hoffnungsloses Unternehmen ist.

Churchill hat das Wort von „Schutt und Asche“ gesprochen, es lastet nun als Fluch über der untergehenden Hauptstadt des Empires. Der Führer hat vergeblich auf das Schicksal Warschaws hingewiesen. Mr. Knickerbooker, der berüchtigte deutschfeindliche Hetzjournalist, musste wohl wissen, was er der Öffentlichkeit trotz der strengsten britischen Zensur mitteilte, als er schrieb, dass er weder in Spanien noch in China, Abessinien und Frankreich so viel Ruinen in einer Stadt gefunden habe wie in London. Das war zu Beginn dieser Woche. Seitdem sind die deutschen Bombengeschwader in immer grösserer Zahl über England gewesen, und Tag und Nacht erreicht das Strafgericht an den Kriegsverbrechern und Nachtpiraten folgenswerere Ausmasse. Die Zusammenziehung sämtlicher verfügbaren Jäger der RAF über London, die gewaltigsten Ballonsperren, das blinde Abwehrfeuer der britischen Flak, die nach Errechnung amerikanischer Beobachter in jeder Nacht Munition im Werte von 5 bis 10 Millionen Dollar verpulvert, konnte den Adlerflug der deutschen Luftwaffe nicht aufhalten. Unablässig rollen die Angriffe der Geschwader durch Sturm und Regen, durch Wolken und Nebel und keine Bombe verfehlt ihr Ziel. Mit verblüffender Hartnäckigkeit versuchen die britischen Machthaber ihre Niederlage noch hinauszulügen. Ihnen wird kein Manöver mehr helfen. Sie sind rettungslos der Stosskraft des deutschen Adlers ausgeliefert und werden noch auf dieser Erde Rechenschaft für ihre vermessene Herausforderung abzulegen haben, mit welcher sie dem deutschen Volk und seiner Führung vor einem Jahre den Tod ansagten. Wenn ein englischer Abgeordneter soeben erst von der Regierung forderte, dass sie der RAF den Befehl zur Auslieferung von zwölf deutschen Grossstädten bis auf das letzte Lebewesen erteilen solle, dann ist das glattweg eine Aufforderung zum Mord, auf die Deutschland mit um so härteren Vergeltungsschlägen antworten wird.

Ein Volk, das nur noch in Luftschutzräumen lebt, kann keinen Krieg gewinnen, auch wenn es mit dem ganzen Nimbus einer jahrhundertalten Weltmacht behangen ist. Churchill jedenfalls glaubte, den Engländern ei-

sozialismus durch den Mangel an Lebensmitteln und Rohstoffen überwinden, und hat es nicht die systematischen Angriffe auf friedliche deutsche Städte allmählich durchgeführt, als die deutschen Flieger noch Wattlebüsche und Regenschirme abwarfen? Die deutschen Hinweise auf die notwendigerweise folgende Vergeltung wurden verlacht und als Zeichen der Schwäche ausgelegt. Nun ist die Vergeltung über Nacht hereingebrochen, und niemand kann der deutschen Heeresleitung einen Vorwurf machen. Im Gegenteil: sie muss so handeln, wie sie handelt, denn nur durch harte Schläge kann sie England ins Knie zwingen und der Welt den Frieden wiedergeben, den eine kleine Kaste von unersättlichen Imperialisten verantwortungslos und in völliger Verkennung der europäischen Kräfteverhältnisse gebrochen hat. London bedeutet ein Opfer, das die Londoner Regierung und sonst niemand verschuldet hat.

Trotzdem — glückliches England?

Es gibt kein Volk, das schwerer unter dem Krieg leidet und mit ernsteren Befürchtungen in die Zukunft blickt, als das englische. Um fünfzig veraltete Zerstörer verhandelte es wertvolle Kolonien, und sein Ministerpräsident gesteht, dass er noch heftigere Angriffe der Deutschen erwarte, als bisher erfolgt seien. Die britische Presse setzt jedoch, wenigstens in den für das Ausland bestimmten Artikeln, neben den erwähnten Klageliedern ihre Schönfärberei fort, mit der sie sich seit einem Jahre schon so oft blamiert hat. Ein Herr Evelyn A. Montague vom „Manchester Guardian“, der führenden Provinzzeitung, erklärt z. B. über die Associated Press wörtlich: „Grossbritannien ist heute ein glückliches Land. Das ist das Merkwürdigste, was in diesem merkwürdigen Jahre über uns gekommen ist... wir sind glücklicher als vor zwölf Monaten!“ Nun, da das Glücksgefühl etwas Subjektives ist, lässt sich darüber nicht

nen Trost schuldig zu sein, als er in der Unterhausrede am Dienstag erklärte, es sei zwar sehr schlimm, was man bisher habe durchmachen müssen, aber alle Briten müssten darauf gefasst sein, dass Hitler seine Angriffe noch gewaltig steigern würde. Dann darf man auch nicht an seiner Aeusserung vorbeigehen, wonach „Hitler einen Zeitpunkt für die Landung wählte, der ihm der geeignetste erscheint“. Mit anderen Worten: Churchill ist überzeugt, dass die deutschen Soldaten kommen, aber sie werden kaum so erscheinen, wie die Engländer sich das vorstellen. Eine schwedische Zeitung plauderte in dieser Beziehung wie folgt: „Die englischen Militärkreise befürchten, dass die Deutschen Landungen grosser Truppenabteilungen auf dem Luftwege vornehmen werden. Die englischen Bauern haben Anweisung erhalten, Stacheldraht und Zinken auf die Felder und Wege zu legen, um den Flugzeugen die Landung unmöglich zu machen. Sowohl die Truppen als auch lokale Milizen schlafen in ihren Uniformen. Die Sakristane halten in den Glockentürmen Wache, um sofort läuten zu können, wenn der Feind im Lande ist. Jeder Bauer, Hirt, Tagelöhner hat, wenn er die Glocken läuten hört, die Pflicht, wie ein Soldat zu handeln und zu versuchen, sich den Fallschirmspringern entgegenzustellen. In offiziellen und privaten Kreisen ist die „Invasion“ das einzige Gesprächsthema. In London wird täglich ein Spezialwetterbericht veröffentlicht, der genau angibt, welche Winde bzw. Wolken über dem Kanal herrschen und wie die Meeresströmung ist.“ — Wir haben den Eindruck, dass sich das Invasions-Barometer zum Teil auch schon die Schildkröten-Strategie zu eigen gemacht hat. Denn in der Nacht vom 16. zum 17. September gab die Reuter-Agentur folgenden Bericht heraus: „In der Meerenge von Dover war das Wetter günstig. Die Nacht war durch klaren Mondschein erhellt. Indessen fiel ein schwacher Regen und auch ein leichter Nebel wurde beobachtet.“ Aber die Deutschen sind auch bei diesem prachtvollen Wetter nicht gekommen. Und warum nicht? Sie warten vielleicht, bis der alte Zerstörer „Churchill“, wie man W. C. zu Ehren das Flaggenschiff der von den USA eingehandelten Zerstörer-Flottille taufte, auf dem Plan erschienen ist, um ihn durch einen Stukabombenvolltreffer zu den Meereskrebsen zu schicken.

England wird im Zeichen der Schildkröte noch blaue Wunder erleben. Mit Illusionen hat dieser Krieg nichts mehr zu tun. Die Briten versuchen, dem Kampf um die europäische Neuordnung immer noch einen hochpolitischen Anstrich zu geben, indem sie an das Mitleid Amerikas appellieren oder Schreckgespenster an die Wand malen. Da kann man nur lachen! Die europäische Politik ist über das Kapitel Grossbritannien mitten in diesem Kriege zur Tagesordnung übergegangen. Der Rom-Besuch des Reichsaussenministers von Ribbentrop in diesen Tagen wird hierfür einen weiteren Beweis liefern. Die Schlacht um die Insel ist eine rein militärische Angelegenheit, deren saubere Erledigung ein für allemal die Stabilität der Politik im neuen Europa sicherstellt. ep.

streiten. Hans im Glück wurde auch mit jedem Tausch glücklicher und kam dabei vom Goldklumpen auf das Pferd, vom Pferd auf den Esel und immer weiter abwärts. Warum sollten fünfzig alte Zerstörer nicht ähnliche Wunder bewirken?

Glücklich in seiner Barbarei!

Herr Montague gibt aber eine andere Erklärung. Er sagt, nach 1918 sei die böse Lehre des Materialismus tief in das englische Denken eingedrungen und habe seitdem die ganze britische Politik beeinflusst, die geradezu „extravagante Formen“ angenommen habe. Erst im September 1939 sei es auf den rechten Weg zurückgekommen, indem es seine alten „barbarischen Tugenden“ wieder entdeckte, die es zwanzig Jahre lang verdammt habe; insbesondere die britischen Flieger liessen Tag für Tag das Gold dieser Tugenden rein und hell erstrahlen. — Ein wertvolles Eingeständnis! Und ein Bekenntnis, das sehr stark an Adolf Hitlers Wort über die englische Politik und über die nächtlichen Heldentaten der englischen Flieger anklingt. Herr Montague ist ein Wort entfallen, das ihm sein Informationsminister Duff Cooper sicherlich nie verzeihen wird!

A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.ª pag.)

hender, que, mais cedo ou mais tarde, a Alemanha terá de tomar represalias também neste caso, pois guerra é guerra. Uma prova de que a Alemanha sabe revidar aos golpes dos seus inimigos temos, desde 7 de setembro, na sorte que coube a Londres. Os intrigantes e aqualadores não são atingidos por essa calamidade, pois encontram-se sempre longe da fogueira e têm tempo e lazer para encher os quatro cantos do globo com o seu berreiro, acusando de deshumanos e impiadosos os aviadores de Goering.

Carpideiras contractadas

Nos bons tempos de antanho, era praxe engajar carpideiras, sempre que morria alguém. Caba-lhes fazer ouvir seus prantos e lamentos, em altos brados, junto ao ataud, debulhando-se em lagrimas e cobrindo de cinza a cabeça, serviço esse pelo qual eram remuneradas. Esse habito existe ainda nos nossos dias, se bem que sob outras formas, e menos na vida do burguez, do que na vida politica. Pois chegámos a ver, ao lado dos sobreviventes enlutados, algumas dessas figuras chramingas e constrictas, aliás adequadamente pagas, bem como ao lado da eça do Estado polonez creado em Versalhes, assim tambem junto aos restos mortaes da Republica franceza, com sua defunta trinca „liberdade, igualdade, fraternidade“. E naturalmente se encontram postadas, ha uma semana já, ao pé dos escombros fumegantes das fabricas de munições londrinas, dos tanques de oleo em chamas e de docas e trapiches em ruinas. Uivam em torno do „inferno na terra“, esbravejam por causa dos „implacaveis bombardeios aéreos nocturnos“ levados a effeito pelos allemães (entretanto, pouco antes, rejubilavam-se ante os ataques nocturnos realizados, durante varios mzes, pelos bretões, em que eram visadas aldeias e cidades abertas allemãs). Choram a morte de „creanças, mães e enfermeiras“. Vociferam por terem sido damnificados o Palacio de Buckingham (que se encontra a 100 (cem) metros de distancia de um grande deposito de combustivel liquido), bem como a piscina das princezas, e deblateram por terem os bairros londrinos sido nivelados ao solo, sem o minimo resquicio de sentimentos humanos (U. P., 9-9), e assim por diante. Comprehende-se perfeitamente, que tambem as creancinhas refugiadas aquem Atlantico sejam trazidas, continuamente, á orbita das expansões lamuriantes e sejam fartamente exploradas em photographias: Vejam só, com que carinho o sr. Geoffrey Shakespeare abraça duas creanças „salvas“ de um navio presumidamente torpedeado pelos allemães (Photo A. P., 17-9)! Um jornal italiano investiu de rijo contra essas ladainhas e disse meia duzia de palavras acertadas e oportunas. Eis que vêm essas inveteradas carpideiras e ralham: „A imprensa fascista applaude a obra destruidora e deshumana da aviação nazi“ (U. P., 13-9). Numerosas considerações de propagandistas estrangeiros subordinam-se ao thema „crepusculo do occidente e de sua cultura“. Esses curiosos cavalheiros olham, com uma resignação artificial, para a outra banda do Atlantico e vaticinam que o velho mundo se devoraria mutuamente e que por fim só ainda restaria um „montão de ruínas“ ou um „lazareto“. E terminam suas lamurias, commummente, plagiando o conhecido canadense de Seume, que, embrenhando-se pela mattaria, exclamou: „Nós selvagens sempre somos gente melhor.“ — Naturalmente, não devem ser confundidas com essa lengalenga as reflexões ponderadas de homens conscios de sua responsabilidade, que, de quando em vez, tambem se manifestam em meio a essa grita. A guerra aérea não é uma brincadeira, e tambem o bombardeio de Londres representa um capitulo grave na Historia, talvez mesmo um grande cyclo historico. Todavia, se quizermos julgar, imparcialmente, a tragedia a isso vinculada, caber-nos-á responder á pergunta que visa descobrir o culpado.

A quem cabe a culpa?

Para os allemães e muitos neutros, bem como para a maioria dos ex-alliados vencidos da Inglaterra a resposta já foi dada, e não mais soffre contestação. Basta que todos recordem a via crucis da Europa Central, desde o Compiègne de 1918 até ao Compiègne de 1940, e os offercimentos de paz e as propostas de alliança de Hitler, que foram rejeitados, entre risos escarnecedores, pelos potentados de Londres e de Paris. Provavelmente tambem os ingleses estejam ao par da realidade, pois do contrario os episodios desenrolados quando do rompimento das hostilidades não viriam sendo tão frequentemente deturpados, de algumas semanas a esta parte. Affirmou Churchill, não ha muito, que fora Hitler quem acendera a fogueira (U. P., 11-9). Seus satelites sopram pelo mesmo canudo e esforçam-se por obliterar a realidade de que foi a Grã-Bretanha que promoveu, como todo afã, se bem que infructiferamente, o cerco; que foi ella que animou os polonezes a desafiar, constantemente, a Alemanha; e que foi ainda ella que declarou e iniciou a guerra. Os adoradores mais prudentes da Inglaterra attribuem ao governo londrino o peccado de uma omissão: Teria este ostentado, durante annos e annos, um „desinteresse criminoso“ em relação á Europa continental, facilitando, assim, a deflagração da guerra. Entretanto, com manobras deste e de outro quilate não se conseguem fazer eclipsar as realidades que deram, indirectamente, causa ás aggressões á Londres, nem tampouco os empreendimentos britannicos que foram a causa directa. Não foi então a Inglaterra que applicou, já em setembro de 1939, o bloqueio da fome? Não foi ella que andou se jactando, semana após semana, de que subjugaria o nacional-socialismo, graças á escassez de viveres e de materias primas? E não foi porventura ella que se entregou, pouco a pouco, systematicamente, a ataques a pacificas cidades allemãs, quando os aviadores teutos ainda lançavam bolas de algodão e guarda-chuvas? Os continuos avios dos allemães de que as represalias, que se faziam necessarias, não haviam de tardar, foram recebidos entre galhofas e eram interpretadas como signal de fraqueza. Eis que veio, da noite para o dia, o revide. A ninguém é dado censurar porisso o Alto Commando Allemão.

Das Todesurteil

Der Krieg von 1870/71 galt bisher in der Erinnerung des deutschen Volkes als das Musterbeispiel eines siegreichen Feldzuges, der Sieg über Frankreich als das klassische Vorbild eines totalen Sieges. Nun wird in den Geschichtsbüchern von morgen dieser Krieg auf den zweiten Platz rücken müssen. Die Gegenwart überstrahlt die ruhmvollste Tradition, weil das Volk einiger, die Führung entschlossener und die Notwendigkeit einer vollständigen Neuordnung Europas dringlicher geworden sind. Damals besiegte eine unter den europäischen Grossmächten eine andere. Das übrige Europa war unbeteiligter Zuschauer.

Jetzt aber stand das Europa von morgen gegen das Europa von gestern. Es gibt keine Unbeteiligten und keine Absichtstäter mehr. Eine Welt muss stürzen, weil eine neue leben will. Es gibt keine Kompromisse. Der Sieg des Neuen kann nur ein vollständiger, lückenloser, ausnahmsloser Sieg sein.

1870 im September wurde Paris umschlossen. Es wehrte sich mit verzweifelter Mut, und seine Niederrückung erforderte alle Kraft der deutschen Heere, die so gehindert wurden, damals schon die Hauptstadt des Feindes zu brechen, das Land zu besetzen und seiner Regierung ihren Willen aufzuzwingen. Bismarck forderte die Bombardierung durch schwere Artillerie, wir würden heute sagen: den Angriffsbefehl für die Stukas. Sie wurde ihm lange verweigert, und viel kostbare Zeit verstrich und viel deutsches Blut musste fliessen, weil der König von Preussen die Hauptstadt des Gegners schon wollte.

Im Januar 1871 sprachen doch endlich die Kanonen mit dem erwarteten Erfolg. Die Stadt kapitulierte, der Krieg war zu Ende. Aber immer noch herrschte im deutschen Hauptquartier die Vorstellung, man dürfe den Stolz des Gegners nicht beugen. Die Verteidiger von Paris traten zwar den Marsch in die Gefangenschaft an, aber die Stadt wurde von deutschen Truppen nicht besetzt.

Erst nachdem der Vorfriede unterzeichnet war, dessen Forderungen durch Pfänder gesichert werden mussten, rückten 30.000 Mann in die Pariser Vorstädte — nicht in den Stadtkern — ein. Und nun geschah etwas, was uns heute wie ein Scherz anmutet: die Soldaten der siegreichen Heere erhielten die Erlaubnis, sich Paris in kleinen Gruppen anzuschauen. Doch mussten sie waffenlos erscheinen, um die Pariser nicht zu kränken.

Man hielt das damals für Ritterlichkeit ... Deutschland empfing dafür keinen Dank. In all den folgenden Jahrzehnten verband sich mit den französischen Revanchegedanken die Vorstellung, der preussische Kommissar habe das heilige Pfaster der Lichtstadt geschändet, und Wut und Hass keimten aus der so gutgemeinten Saat.

Die fast zärtliche Schonung, die man den Gefühlen der Pariser und ihrer Stadt angedeihen liess, entsprach aber nicht nur dem ritterlichen Empfinden des alten Königs, sie entsprach auch den romantischen Vorstellungen unserer Grossväter. Mit ähnlicher Scheu und Ehrfurcht mag der Welteroberer Alexander die Stätten des alten Hellas betreten haben: ein Krieger aus dem Barbarenland, der eine, wenn auch bewaffnete Wallfahrt antrat.

Dieses Paris war ja nicht irgendeine oberste Hauptstadt. Es war immer noch die Hauptstadt der Welt. Man gab darin ein notwendiges Gastspiel. Aber man dachte nicht daran, ihr ihren Ruhm streitig zu machen.

An der Wiege des Zweiten Reiches, mochte seine Gründung auch von einem preussischen Junker erzwungen worden sein, stand immerhin eine Geisteshaltung, die wir heute als Liberalismus bezeichnen. Die „freiheitlichen“ Bürger, die sich gegen die zersplitternde Herrschaft ihrer Duodezfürsten auflehnten und die Einigkeit eines Nationalstaates herbeisehnten, bezogen ihre Vorstellungen immer noch aus dem Menschheitstempel Paris, aus dem Quell der französischen Revolution, der sogenannten „grossen“. Sie hatten die Metternichsche Aera noch in schlechter Erinnerung, und selbst Napoleon kam ihnen neben diesem Prunkstück der Reaktion wie ein Freiheitsbringer vor. Paris aber bewährte sich vor ihren Blicken als der Lebensborn der Auflehnung.

Paris hatte schon 1830 die Reaktion zum Teufel gejagt. Paris ging auch 1848 mit gutem Vorbild voran und schuf sich jene zweite Republik, die deutsche Schwärmer und Träumer so gerne nachgeahmt hätten. Bei den Frontkämpfern von 1870 stand die „deutsche Revolution“ von 1848 noch in frischer Erinnerung, viele von ihnen hatten damals Barrikaden erklettert oder doch wenigstens wilde Rufe „ausgestossen oder schwarzrotgoldene Tücher geschwenkt, eine deutsche Trikolore. War das eigene Beginnen auch kläglich im Sande verlaufen, so hatten die Pariser doch gesiegt, und man hatte ihren grösseren Elan, ihre grössere Fertigkeit in der Kunst, Revolutionen zu machen, ehrlich bewundert. Und seither waren ja nur 22 Jahre vergangen ...

Der deutsche „Gebildete“ aber hing an Paris

wie an einer Kultstätte geistiger Freiheit oder dessen, was er darunter verstand. Dort gab es eine freie Wissenschaft, dort hatte man sich längst schon von der Kirche losgesagt, dort gab es Rede- und sogar Gedankenfreiheit. Zwar nicht gerade unter Napoleon III.

Aber dieser Schönheitsfehler war gern vergessen, hatten doch die Pariser 1870 ihren Kaiser abermals abgesetzt und während der Belagerung durch die Deutschen noch Zeit gefunden, eine neue, eine dritte Republik ins Leben zu rufen.

Nein, man konnte der Freiheit, die man selber meinte, nicht ins Gesicht treten. Zwar zollte man dem deutschen Soldaten Bewunderung, der auf Frankreichs Schlachtfeldern endlich die deutsche Einheit wider die oft sehr gemischten Gefühle der eigenen Fürsten erstritt. Aber die Pickelhaube war und blieb dennoch ein Sinnbild der Reaktion, und hesser wars, man liess sie vor dem Invalidendom oder auf dem Schauplatz des Bastillenssturms nicht erst paradiieren ...

So geschah das Wunder, dass der Sieger sich vor dem Geiste des Besiegten neigte und seine Vorherrschaft im Reich der Geister anerkannte. Gleich den alten Kaisern, die zwar Rom eroberten oder einen Papst besiegten, aber doch nur, um vor ihm die Knie zu beugen und aus seiner Hand die Kaiserkrone zu empfangen.

Der Weg, der vom Versailler der Kaiserkrönung zum Versailler des Schanddiktats und zur Interimsherrschaft seines Weimarer Wechselbalges führte, ist kennzeichnend durch die Meilensteine eines grossen Irrtums. Der Sieg von 1871 brachte im neugeschaffenen Reich den Liberalismus zur Macht.

Der zaghafte Sieg über Paris liess den Geist von Paris Herr werden über Deutschland. Der Sturz Bismarcks war nicht nur der Abgang eines abgekämpften liberalen Mannes, er war der Endsieg des Liberalismus Pariser Prägung über den deutschen Nationalismus, den Friedrich der Grosse schon vor dem Pariser Umsturz freihändlerischer Gestalt hatte als die späteren demokratischen Erbpächter der Freiheit.

Paris siegte über Potsdam.

Gegen das Paris der dritten Republik trat 1914 ein Reich an, das sich dem Geist dieser Stadt noch ganz anders unterworfen hatte als 1871. Was damals noch als Ritterlichkeit zu vertreten war, produzierte sich 1914 als offene Liebdienererei. Die Bonzen der demokratischen Parteienwelt trugen nicht nur ihre französischen Knebelbärchen zur bewussten Unterscheidung vom preussischen Schnurrbart; sie dachten und handelten auch danach.

Und als Paris mit ihrer Hilfe siegte, siegten sie auf der ganzen Linie. Es konnte anders gar nicht kommen. Ihre Weimarer Republique war der Niederschlag dessen, was sie am französischen Vorbild verehrten, und die deutsche „Demokratie“ war am Ende pariserischer als Paris.

Es ist ein grimmiger Scherz der Weltgeschichte, dass die dritte Republik der Franzosen, das Paradies der Demokratie, letzten

Endes deshalb zugrunde ging, weil ihr Geist in Deutschland so „gründlich“ gesiegt hatte. Die Demokratie, diese Missgeburt staatlichen Denkens, stirbt, wenn sie das wird, was sie zu sein vorgibt. Sie ist lebensfähig, sie wurzelt sich fort nur in der Unvollkommenheit.

In der „vollkommenen“ Demokratie von Weimar errang der Nationalsozialismus streng legal die Macht.

Zum erstmalig wurde ein „demokratischer“ Grundsatz Wirklichkeit: das Volk eroberte sich den Staat. Und in diesem Augenblick versank das Scheingebilde von Weimar, und das Deutschland der wirklichen und ersten Volksherrschaft aller Zeiten zerschlug die dritte Republik, das Paradies des Liberalismus, und entthronte Paris, den Mittelpunkt der Welt.

Über dem Invalidendom flattert das Hakenkreuzbanner.

Der Marschritt deutscher Soldaten holt nach.

was die Grossväter 1871 versäumten

Und ihre Ritterlichkeit gilt diesmal nicht dem liberalen Frankreich, denn das liberale Frankreich ist nicht mehr.

Die Regierung des Marschalls Pétain ist vielleicht schon der Vorbote einer neuen Entwicklung. Als letzter, kläglich nachfahre Robespierres versuchte ein Börsenschieber namens Reynaud in die Emigration zu gehen.

Mit dem Bollwerk Paris aber fiel das letzte Widerstandsnest der Demokratie auf dem europäischen Festland. Das Jakobinerbanner, das über einem Jahrhundert europäischen Niederganges flatterte, ist niedergebott und wird niemals wieder gehisst werden.

Die Völker Europas, die so lange fasziniert auf Paris geblickt und sich von dort her falsche Ratschläge für die Gestaltung ihres Lebens holten, haben fast ausnahmslos den Sturz der letzten Säule nicht erst abgewartet.

Wo die Demokratie nicht wie in Deutschland, Italien und Spanien durch erwachende Völker hinweggefegt wurde, erstreckte sie in der eigenen Unzulänglichkeit: in Portugal, in Jugoslawien, Griechenland, Rumänien und Bulgarien, in Ungarn, in Finnland und in den Randstaaten.

Wo sie sich der Entwicklung gewaltsam entgegenstellte oder mit aggressiver Gewalt ihr Leben zu verlängern trachtete, dort wurde sie von der deutschen Faust vernichtet: in Polen, in Norwegen, in Holland und in Belgien, und Dänemark und Schweden legen auch schon wenig Wert auf den zweifelhaften Ruhm, als Naturschutzgebiete demokratischen

Alfred Rosenberg:

Durch den Fall von Paris Beginn eines neuen geistigen Zeitalters für Europa

Wenn man in Paris oder Genf vom „Frieden“ oder von der „Erhaltung des Friedens“ sprach, so meinte man immer den Frieden von Versailles den Frieden, der die Herrschaft des Weltkapitals über das deutsche Volk sicherte. Wenn man von „Europa“ sprach, dann meinte man die Herrschaft des Genfer sogenannten Völkerbundes, der doch nichts weiter war als die Fassade dieses französischen Hegemonie-Strebens, verbunden mit jüdischer Kapitalkraft, wobei die anderen sogenannten gleichberechtigten Völker nur als Statisten zugelassen waren. Wenn man in Frankreich von „Moral“ sprach, dann meinte man einen geistigen Zustand, der unfähig war, gegen die Korruption durch die Börsen aufzutreten. Und wenn Herr Reynaud noch am 13. Juni in seinem Appell an den Präsidenten Roosevelt erklärte, die „ganze Ordnung und die ganzen internationalen Gesetze“ seien in Gefahr, so meinte er damit die Gesetze jener Bankiers, denen er und seine Clique hörig sind und in deren Diensten er zum Kriege gegen Deutschland trieb.

Man wird von einem neuen sozialen Zeitalter dann sprechen können, wenn ein sozialer Wille und eine soziale Gerechtigkeit nicht nur in fasslichen Gesetzesparagrafen, sondern in der Tat des Lebens dafür sorgen, dass nicht das staatliche Leben von Börsen privatisiert und diese Umkehrung des Lebensgefüges „sozial“ genannt wird. Man wird Sorge tragen, dass — über alle wirtschaftlichen Zwistigkeiten des einzelnen Menschentums — eine grosse Bewegung die Tätigkeit einer Börsenvermittlung nicht an die Spitze von Moral und Kultur setzt, sondern zu unterst als eine vielleicht notwendige Vermittlungstätigkeit im Dasein, nicht aber als eine herrschende Gewalt, die durch Presse und andere Mittel das Leben ganzer Völker zu bestimmen vermag. D. h., mit einer revolutionären Wertordnung des Charakters wird die europäische Geistesrevolution ihren sichtbaren Anfang nehmen. Klare, am Leben

geprüfte Prägungen und Begriffe werden ein neues Denken herbeiführen und alles reinigend die zerschlissenen inhaltlosen Wortflitter des untergehenden Zeitalters ersetzen. Und mit einer lebendigen klaren Sprache kann und wird eine wirkliche innere Neugeburt all jener Völker wenigstens ermöglicht werden, die noch genügend Schöpferkräfte aus diesem grossen Umsturzprozess mitzubringen vermögen.

Wenn Herr Reynaud weiter in seiner Botschaft an Roosevelt jammerte, „90 vH. der Menschheit“ hätten „den Wunsch, mit den Moralprinzipien in Einklang zu leben, die durch Jahrhunderte hindurch festgelegt“ waren, so zeigt das nur, wie notwendig der Umsturz, die Ueberwindung der ganzen Geistesverwirrung geworden ist. Denn die sogenannten Moralprinzipien waren festgesetzt und durchgeführt worden von jenem Börsenzeitalter, das rücksichtslos gerade die tiefsten moralischen Charaktergesetze der europäischen Nationen zernagte und somit die Voraussetzung für die Herrschaft der internationalen jüdischen Börsenhorden herbeiführte.

Mit dem Fall von Paris aber beginnt ein neues geistiges Zeitalter für Europa, die Voraussetzung der Selbstbesinnung der europäischen Nationen, das Ende der abstrakten Phrase, das Ende geistesvergiftender Tätigkeit bodenentfremdeter Börsianer, das Ende auch jener Emanzipation der stets uns allen feindlichen jüdischen Rasse, die während der französischen Revolution in Paris beschlossen wurde. Von dort ist die Geistesverwirrung ausgegangen, und dort wird sie jetzt niedergebungen. Diese Tat des Führers weist in kommende Zeiten. Wir wollen uns aber schon heute in geschichtlicher Stunde bemühen, ihre Bedeutung wenigstens in einigen Strichen aufzuzeichnen mit der inneren Verpflichtung, in den Dienst dieses grossen Werkes die gesamte nationalsozialistische Erziehung zu stellen.

Comme 1940

von Joachim W. Reifenrath.

Zu langsam rinnt scheinbar die Stunde
Für die Geschichte der Welt
Dass die eben vernarbte Wunde
Wieder aufbricht im grünen Feld —.

Hier sind unsere Väter gefallen
Nun liegen die Söhne hier
Und die Geschütze hallen
Vater! Hinüber zu dir —.

Vater aus unseren Wehrehren
Kommt nun die Antwort von einst!
Wenn wir dem Feinde wehren
Wächst nun der Sieg, den du meinst!

Und Gräber und Kreuze wohl tausend
Stehen neben uns dunkel im Krieg
Doch über die Kreuze brausend
Stürmen wir nun in den Sieg —!

Zu langsam rann scheinbar die Stunde.
Wehe dem, der sie nicht hält —!
Denn aus des Krieges Wunde,
Steigt das Antlitz der neuen Welt!

Gehabens den Anschluss an die neue Zeit zu verpassen.

Die Demokratie hat sehr verschiedene Todesarten. Aber der Fall von Paris ist jedenfalls ihr Todesurteil, und das Hakenkreuzbanner auf dem Eiffelturm ist die mit Blut geschriebene Unterschrift der vollziehenden Gewalt.

Und England — — ?

Wir wollen keinen Zufall darin sehen, dass gerade in London der buntscheckige emigrierte Müllhaufen der europäischen Demokratie seiner endgültigen Ausräumung entgegenbangt.

Die Demokratie kehrt sterbend dorthin zurück, woher sie kam.

Und sinnfällig muss der letzte Barde der „Freiheit“ Winston Churchill heissen, er muss fett sein wie Robespierre und blutbefleckt wie Marat. Seine Freiheit muss Terror heissen, seine Brüderlichkeit Tyrannei und seine Gleichheit: Herrschaft des Geldsacks.

Das puritanische England, das die Verlogenheit zur höchsten politischen Weisheit entwickelte, war nie ein demokratischer Staat. Sein Wahlsystem ist reaktionärer als das der Bourbonen, die Käuflichkeit seiner Parlamentarier ist sprichwörtlich, und die Macht im Staate hat seit jeher nicht das Volk, sondern seit undenklichen Zeiten eine Verschwörung der zweihundert reichsten Familien, die einander nach ehrwürdigen Spielregeln die Pfürden und Futterkrippen zuschieben. Und doch war gerade dieser reaktionärste, unsozialste aller Staaten der grösste Förderer aller demokratischen Bestrebungen auf dem Festland.

Aus England bezogen schon die Wortführer der „grossen“ französischen Revolution ihre Schlagworte, als es den Briten darum ging, das Reich der Bourbonen zu stürzen.

Und wo immer seitdem in Europa demokratische Revolutionen gemacht oder schwankende Demokratien gestürzt werden sollten, dort hatte England seine Hand im Spiel. Es half alle Könige und Kaiser stürzen und behielt nur den eigenen. Es lobpreiste schwärmerisch den französischen Liberalismus und blieb der einzige Staat, der sich nie eine liberale Verfassung gab ...

Man muss das den Engländern lassen: sie haben als einzige rechtzeitig erkannt, dass die Demokratie ein Krankheitszustand der Völker ist, ein Quell ewiger Schwäche. Und sie erwählten sie zum Verbündeten.

Hundert Jahre lang hat die Demokratie auf dem europäischen Festland die Geschäfte Englands besorgt, die Völker geschwächt, zerrissen, von ihren nationalen Zielen abgelenkt, die Ursprünge ihrer Kraft verschüttet und ihre Schicksale volksfremden Interessentklüngen, Advokaten und Krämeren ausgeliefert, die Englands willfährige Geschäftspartner waren.

Stirbt die Demokratie, so muss auch England sterben, denn diese Insel sitzt wie ein blutsaugender Parasit auf dem kranken Körper Europas, und er muss verdorren, wenn Europa gesundet.

Nun das Ende der Demokratie, die Gesundung des Festlandes bereits Wirklichkeit ist, und die bessere Weltanschauung gesiegt hat, hegt dieser Parasit keinen sehnsüchtigeren Wunsch, als den, der Vergeltung zu entgehen, sich von Europa loszuwinden und neue Lebensgrundlagen zu ferneren, noch „demokratischeren“ Breiten zu finden.

Wenn London schon davon faselt, dass man das Schwergewicht des Empire nach Kanada verlegen, den König, die Regierung, das Parlament irgendwohin, weit weg von Europa verpflanzen müsse, dann sind diese Phantasien nichts anderes als die logischen Folgen des demokratischen Konkurses. Die britische Insel kann neben einem undemokratischen, national und sozial bestimmten Europa nicht gedeihen. Am liebsten möchte sie die Anker lichten und jenseits der Meere nach neuen Opfern suchen.

Vergebliche Träume — — —

Die Herren der Insel mögen ihre Koffer packen, selbst das eigene, betrogene Volk wird sie nicht daran hindern.

Aber die Insel bleibt.

Denn wollte sie bisher bestimmend und herrschend ein Teil des alten Europas sein, so bleibt sie in Zukunft erst recht ein Teil des neuen Europas und untertan den Lebensgesetzen und Lebensnotwendigkeiten seiner endlich erwachten Rassen und Völker.

(Leitartikel aus „Das Schwarze Korps“)

Eis como um official instructor escossez phantasiou fosse um combate a baioneta em que se visasse a pessoa do Fuehrer



So hat sich ein schottischer Ausbildungs-offizier den Bajonettkampf gegen den Fuehrer gedacht

O official radiotelegraphista ao receber u'a mensagem, a bordo de sua machina.



Der Funkoffizier beim Abhören der Funkzeichen an Bord der Maschine

Vemos aqui um paraquedista allemão, como sentinella de honra, deante do eficio que serve de quartel á sua arma



Vor dem Dienstgebäude steht gerade ein Fallschirmschütze als Ehrenposten



A' esquerda:

Aviões de combate teutos rumo ás costas inglesas.

Links:

Deutsche Kampflugzeuge beim Anflug gegen die englische Küste.

A' direita:

Eis as bombas com que os aviões de combate teutos têm castigado duramente os submarinos britannicos.

Rechts:

Das sind die Bomben, mit denen deutsche Kampflugzeuge britische U-Boote mit Erfolg bekämpfen.



Cessou em Shanghai o dominio inglez. — Foram empregados autos militares bem armados e cercas de arame farpado, afim de salvaguardar e, caso necessario, defender pela applicação da força, em ultramar, os interesses argentarios dos plutocratas ingleses.

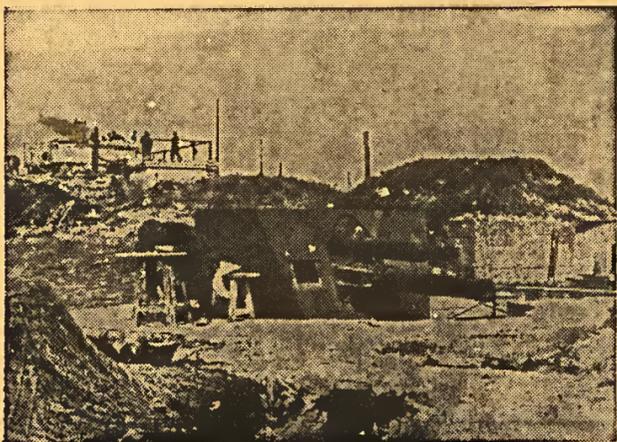
Posto de vigilancia inglez á entrada do bairro internacional em Shanghai — Eis um quadro que já não mais se reproduz, graças á retirada das forças ingleses do norte da China.



In Schanghai ging die englische Herrschaft zu Ende — Schwerebewaffnete britische Militärautos und Stacheldrahtverhaue wurden eingesetzt, um die Geldsackinteressen der englischen Plutokraten in Uebersee zu wahren, und wenn nötig, mit Gewalt zu verteidigen.



Ein britischer Wachtposten am Eingang zum internationalen Viertel in Schanghai — ein Bild, das mit dem Abzug der englischen Streitkräfte aus Nordchina wohl der Vergangenheit angehören dürfte.



A' esquerda:

Canhões costeiros francezes em Calais assestados por artilheiros allemães contra a Inglaterra.

Links:

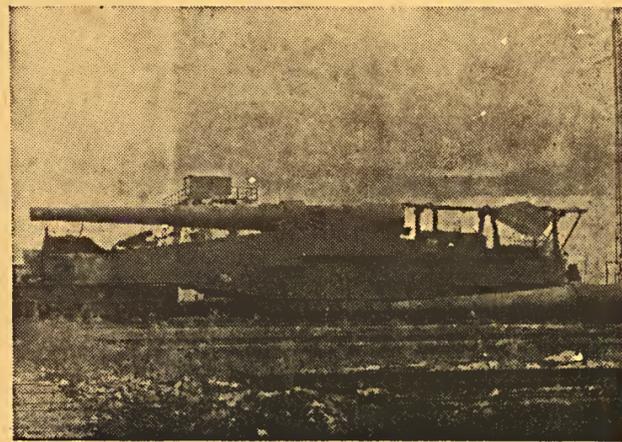
Französische Küstengeschütze in Calais, die jetzt gegen England gerichtet sind.

A' direita:

Canhões ferroviarios francezes que cahiram nas mãos dos allemães, no avanço victorioso destes.

Rechts:

Bei dem siegreichen Vormarsch deutscher Truppen erbeutete französische Eisenbahngeschütze.



Die Legionen des Duce siegen in Afrika

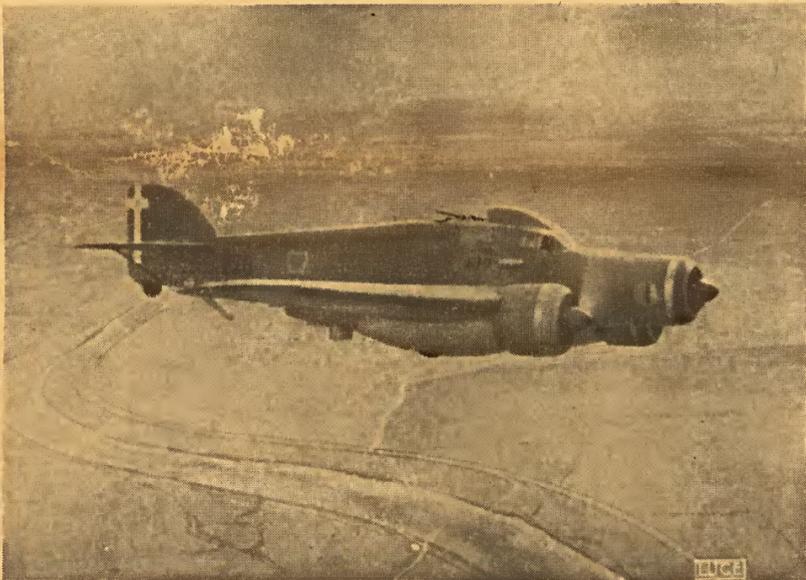
As legiões do Duce victoriosas na Africa

A campanha na Africa — Vemos aqui uma theoria de auto-caminhões italianos percorrendo a estrada costeira em Marmarica (Africa septentrional), a qual se estende entre o Egypto e a região de Barca e faz divisa, ao sul, com o deserto da Libya.



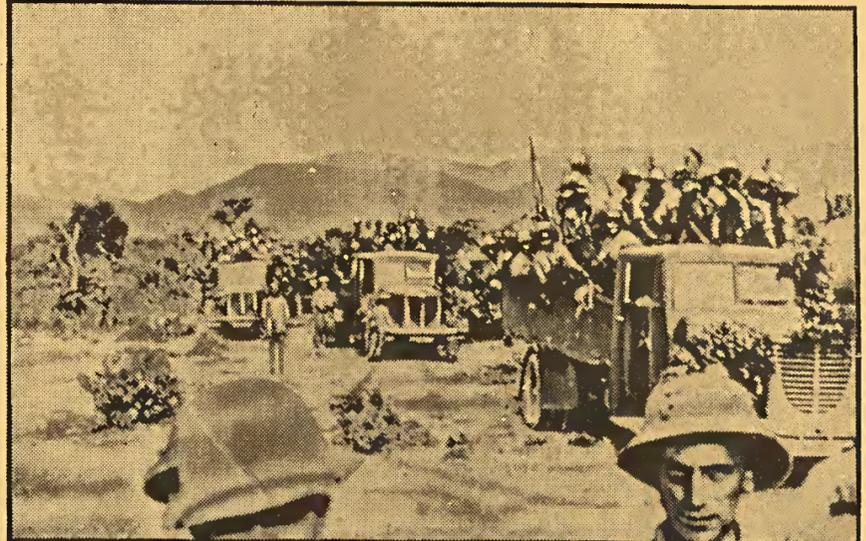
Italiens Kampf in Afrika — Italienische Autokolonnen fahren durch die Wüste. Blick auf die Küstenstrasse in Marmarica (Nordafrika), das zwischen Aegypten und der Landschaft Barka liegt und im Süden an die Libysche Wüste grenzt.

Avião de bombardeio italiano



Ein italienisches Bombenflugzeug

A tomada da Somalia britannica — A telephotographia aqu reproduzida apresenta um contingente de tropas motorizadas italianas no seu avanço através do deserto, pouco antes do brilhante feito de armas que consistiu na tomada de Berbera, capital da Somalia britannica.



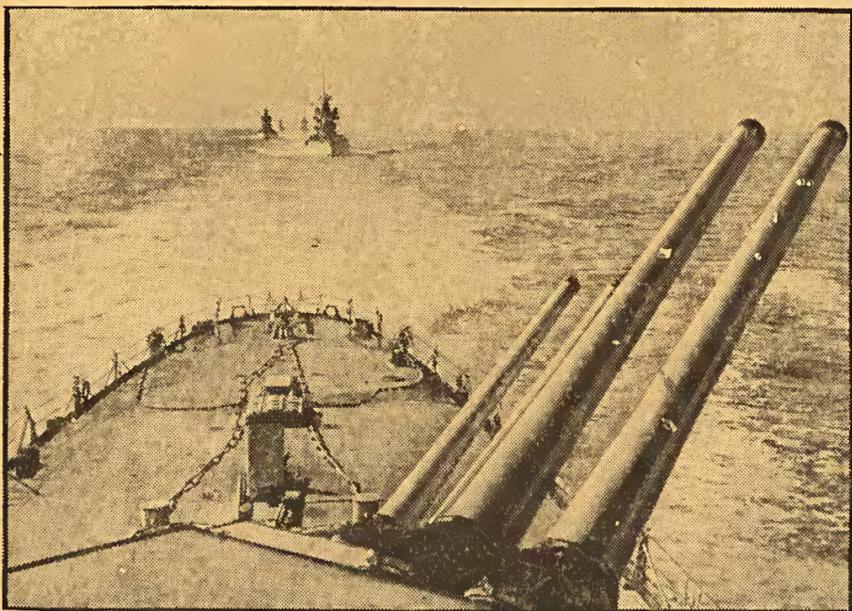
Bildtelegramm aus Afrika: Der Vormarsch der siegreichen Italiener auf Berbera — Motorisierte italienische Abteilungen auf dem Vormarsch durch die Wüste kurz vor der Einnahme der Hauptstadt von British-Somaliland.

Berbera vom Flugzeug aus gesehen



Berbera vista de um avião

Unidades da Marinha de Guerra italiana patrulhando o Mediterraneo — O governo da Italia dirigiu uma nota aos governos dos Estados neutros, em que os previne novamente de que tem de declinar de toda e qualquer responsabilidade quanto á segurança dos navios mercantes que rumarem em direcção aos portos do inimigo, no Mar Mediterraneo.



Italien warnt die neutrale Schifffahrt vor dem Anlaufen der feindlichen Mittelmeerhäfen — Die italienische Regierung hat an die Regierungen der neutralen Staaten eine Note gerichtet, in der erneut darauf hingewiesen wurde, dass Italien für die Sicherheit der Handelsschiffe jede Verantwortung ablehnen müsse. — Einheiten der Kriegsmarine auf Patrouillenfahrt.

Efficiente bombardeio do arsenal de Malta e da capital La Valetta e respectivo porto — Esta noticia foi repetida, varias vezes, no boletim militar italiano. O cliché apresenta as installações militares de La Valetta atingidas pelas bombas italianas. As densas columnas de fumaça assignalam os pontos em que se verificaram as explosões.



Das Arsenal von Malta und der Hafen der Hauptstadt La Valetta erfolgreich mit Bomben belegt ... So meldete schon mehrmals der italienische Wehrmachtbericht. — Die militärischen Anlagen von La Valetta sind getroffen worden und dichte Rauchsäulen zeigen die Explosionen an.

Zu den Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

TECHNISCHE ABTEILUNG: Krupp-Wühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstäbe, WIDIA-Metall. Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneideln, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schiebeline, Zirkel, Tourenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpackungen, KLINGERIT Dichtungspalten, Zylinderachsmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen-Scheiben, Ringachsmier-Lager, Kugellager, Gleiterei-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Linien und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallagelbätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahlstrahl-Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw. Holzindustrie-Zubehör, Kreisl-, Band- und Gattersäge-Bühnen Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw. Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke "TOTENKOPF" und "KRIEGER", Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Eisarseniat, Marke "BROMBERG", Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw. - Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Grösse, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate Bügeleisen und Lötcolben, Widerstandsdrahte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrahte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Löt- und Isoliertpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Sterndreieck-Schalter, autom. Schalter und bandbetätigter Drossel-Sicherungen. - Schalter Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren "LANZ BULLDOG", Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Säemaschinen "RUD. SACK", Mähmaschinen und Heuschere, "KRUPP", Milchzentrifugen "LANZ", Amiesentöwer, Pflanzenspreitern, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörende Geräte und Maschinen, Marken "BROMBERG", "O PODEROSO" und "COLONO". - Öl-Abteilung: Öle und Fette "SUNOCO" der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrlöl, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten. - Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung. Komplett-Einrichtungen für jede Industrie. - Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gusstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germanlawert A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig. Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau, Wolf A. G., Magdeburg, Lokomobilen, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberei-Maschinen.

Hugo Lichtenthaler Rua Aurora Nr. 135 Alt. deutsches Möbelhaus Grosse Auswahl in kompl. Zimmern und Einzeilmöbeln. - Auch TAUSCH u. KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Extra Fino Cafe Palmeiras advertisement with image of the product box and contact information: Rua das Palmeiras 274, Tel. 5-4429

Dec Füllhalter kleckst! advertisement for Helmitol disinfectant, featuring an image of a fountain pen and a diagram of the human urinary system.

Die tausendjährige Strasse

ROMAN VON ERNST ZAHN

(6. Fortsetzung.) Gab es einen Mann wie ihn? dachte Candida wieder. „Findest du das Leben auch so schön?“ fragte er dann. Sie nickte nur. Dann wollte sie wissen: „Wie soll es nun zunächst mit uns werden?“ Sie waren jetzt schon mitten auf dem See. „Wir müssen es nun doch den andern sagen, deinen Brüdern und meiner Mutter“, antwortete ihr Reding. „Und — der Schwägerin“, fügte Candida hinzu. Redings Gesicht entfärbte sich unmerklich. Ahnte sie etwas von dem, was ihm zu schaffen machte? dachte er. Dann fragte er kundschaffend: „Warum nennst du sie besonders?“ Candida legte die Arme um die Knie. „Ich weis nicht, was ich von ihr denken soll“, gestand sie leise. Reding suchte nach Worten. Zuviel auf einmal wollte gesagt sein. Es drängte ihn, nichts vor ihr geheimzuhalteten. Da fuhr sie schon fort: „Wenn ich furchtsam wäre, würde ich mich vor ihr fürchten.“ Und schloss: „Ich weiss, dass es unrecht ist; aber ich bin froh, dass du mich von Hause fortnimmst.“ „Du liebst doch Vater und Brüder“, wendete er ein. Sie entgegnete: „Wir haben einander immer gut verstanden.“ Da zwang Reding sich, von Faustina weiter zu handeln: „Vielleicht, wenn dein Bruder seine Frau zu nehmen versteht, wird es eine ganz gute Ehe. Sie ist stolz und verwöhnt und ehrgeizig. Nun sie zu euch gehört, wird sie nichts Höheres kennen, als das Wohlergehen eures Hauses.“ „Kennst du sie so gut?“

„Meine Bekanntschaft ist gleich alt wie die deines Bruders.“ Candida sprach nicht weiter. An ihm war kein Arg, dachte sie und scheute sich, ihn weiter auszufragen. Dann bat sie nur noch einmal: „Nimm mich bald zu dir!“ An diese Worte hing Reding Ohr und Herz. Die Zukunft stand vor ihm auf. Sie würden ein gut Stück ab von Stalden wohnen! Man würde selten zusammenkommen.

„Inskünftig werde ich es sein, weil ich dich habe“, gab er fröhlich zurück. Eine geraume Weile später landeten sie am Bootshaus, das den Redings gehörte. Martin hob Candida ans Ufer, und sie machten sich Hand in Hand auf den Weg nach Dallenwil. Ein Wind, dass sie nicht sangen. Einmal sagte Reding: „Sage mir, was die Welt kostet, ich glaube, ich kann sie kaufen.“

Confeitaria Viennense advertisement for a cafe-bar with a concert, featuring an image of a woman in a uniform and contact information: RUA BARÃO DE ITAPETINGA Nr. 239 / TEL. 4-9230

Dinge würden sich glätten, Bedeutung verblasen! Warum also aufbauschen, was vielleicht ein Nichts war oder wurde. „Wie wäre es, wenn ich dich jetzt gleich zu meiner Mutter ruderte?“ fragte er dann in plötzlicher Eingebung. Sie zögerte, meinte, Vater und Brüder wüssten nun nichts davon und stimmte dann doch aufleuchtend zu. Da legte er sich schwer in die Ruder. Das Boot flog übers Wasser. „Wie stark du bist!“ rühmte Candida.

Und als sie schon in der Nähe des Hauses waren: „Meine Mutter wird dir gefallen.“ Kurz danach bog sich Candida über Frau Margrits feste arbeitgezeichnete Hand. Sie tat es in plötzlichem Impuls eines jähen Vertrauens. Aber die andere bot ihr die Wange und sprach mit fröhlicher Offenheit: „Denke nicht, dass ich überrascht bin. Männer sind nicht schwer zu erraten und Söhne erst recht nicht. Ich weiss um meinen seit langem Bescheid.“ Nun sprach man davon, wie alles gekommen, strichte den gestrigen Hochzeitstag und

seinen Platz in der Verlobungsgeschichte. Auch der Name der Faustina fiel und klang vorbei. Dann gestand Martin der Mutter, dass er Candida schon bald heimzuholen wünsche. „Meinetwegen schon morgen“, lachte sie zur Antwort. Darauf führte sie Candida selbst durch die Räume des Hauses. Auch die Fabrikgebäude zeigte sie ihr, während Martin eine Weile abgerufen wurde. Candida lernte hier die Zeugen eines ungewöhnlichen Wohlstandes kennen, und dort die andern eines ausgedehnten und ertragreichen Betriebes. Die anscheinlichen Anlagen des Vaters und der Brüder mussten hinter denen von Dallenwil zurückstehen. Als Martin sich wieder zu ihnen gesellte, erschien er ihr im Rahmen seiner Arbeitsstätte als ein neuer. Seine schwunghafte Art, seine männliche Sicherheit und Ueberlegenheit verstärkten den tiefen Eindruck, den sie schon bisher von ihm empfunden. Sie sah zu ihm auf und verschenkte ihre letzten Gedanken an ihn. „Hier liegen grosse Möglichkeiten“, sprach Frau Margrit auf dem Wege aus den Fabrikanlagen ins Wohnhaus zurück. „Ihr mögt sie nutzen. Ihr seid die Kommenden!“ Da fühlte auch Candida, wie ihre Muskeln sich spannten und ihr Geist bereit war, das weiter auszuenden, wovon Frau Margrit sprach. In einem Rausch von Freude erlebte sie die nächste Stunde, fühlte sich Frau Margrit nahe und näher, unlösbar verbunden dem Sohne. Es war eine gute Zeit. Auch Reding bebte vor innerer Beglücktheit. Am Ende schlug er vor, Candida im Wagen nach Stalden zurückzubringen und fügte hinzu: „Nun wir schon einmal am Beichten sind, lass uns auch deinen Brüdern die Herzen ausschütten.“ Es war noch nicht Abend, als sie in Stalden mit dem Uebermut zweier Menschen, denen nichts zu sorgen bleibt, wieder einbrachen und Vater und Brüder mit Otwin Dorta über Geschäftsrapporten trafen. „Schluss mit der Geheimniskrämerei, Vater“, fiel Reding den alten Tobias an. „Wir haben in Dallenwil eine Mutter überrumpelt. Jetzt soll auch den beiden da das kalte Wasser des Schreckens über den Kopf spritzen.“

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestuben

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Manaus — Belem do Pará — Bahia — Belo Horizonte — Curitiba — Joinville — Blumenau — Florianópolis

In anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires — Montevideo — Santiago de Chile

Dienst am Kunden!

Jedem Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121 (Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5

Santos: Rua 15 de Novembro 114

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, feine mechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Epligenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr. Hoff, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163



Deutsche Edelstein-Schleiferei

R. Kröniger. Größte Auswahl in gefassten und ungesfassten Edel- und Halbedelsteinen

Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Vigi) Telefon: 4-1083 und privat 4-2240

Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396 u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Vor Annahme falschen Geldes schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim **Banco Alemão Transatlantico**
RUA 15 NOVEMBRO 268
und zahlen Sie ihre Rechnungen **per Scheck!**

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico S. Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 8—18,30 Uhr die besten homöopathischen Ärzte São Paulos unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen. Man spricht deutsch.

(Neben der homöopathischen Apotheke **Dr. Willmar Schwabe Ltda.**)

Deutsche Heilkräuter und Spezialitäten

Farmacia Germania

HEINRICH HÜLSKEMPER
Rua Libero Badaró Nr. 429

Deutsche Parfümerien und Toilette-Artikel

GEWISSENHAFTE ANFERTIGUNG
SÄMTLICHER IN- UND AUSLÄNDISCHER REZEPTE

AO PINGUIM Alexandre Balbis

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABARÚ, 2

São Paulo
Telefon:
Bar 4-5507
Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert. 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Damit sprach er den jungen Brüdern davon, wie er Candida gewonnen.

Christian, wie die Fahne, die jeder gute Wind flattern und rauschen macht, schwang seine Arme und Beine vor Vergnügen, presste Redings und der Schwester Hand und sagte zum Vater: „Ist das nicht ein glückliches Jahr, alter Herr?“

Bedächtiger kam auch Niklaus aus seiner gewohnten Zurückhaltung hervor und gratulierte. „Josef wird staunen, wenn er heimkommt“, meinte er. „Er hat wohl nicht gedacht, dass sein Beispiel die Candida so rasch ansteckt!“

Nun aber hiess Vater Tobias Otwin näherkommen und sprach zu Reding: „Der soll dir auch noch Glück wünschen. Es ist nötig, dass du weisst, wer er ist und was wir an ihm haben, und besser, dass ich es dir sage, als andere, die es nichts angeht. Meiner geschiedenen und verarmten Schwester Kind ist er. Da ist nichts zu verheimlichen; denn er hat ihr und uns nur Ehre gemacht.“

Da standen nun die beiden Männer, Reding und Dorta aufs neue einander gegenüber. Und durchdringlich war Otwins Miene. Sie verriet nicht, wie in diesem Augenblick seine Dankbarkeit gegen Tobias Walker, der wie schon oft offen und ehrlich zu ihm stand, gleich einer heimlich glühenden Kohle in ihm glostete.

Christian betrachtete mit weiten Augen und einer Art atemloser Spannung die beiden über alles gewöhnliche Mass gewachsenen Menschen, die mit einigem Zögern die Hände ineinanderlegten. Die Wucht der Gegensätze rührte ihn an, die helle schwunghafte Offenheit des Reding und die dunkle, fast drohende Sparsamkeit im Gruss des andern. Selbst ihre beiden Hände verrieten diese Gegensätze, weich, gross und weiss die des Reding und hart und grau wie alte Baumrinde die Otwins. Die helle Hand gab einen raschen, von gutem Willen durchbluteten Druck. In dem der andern lag es wie Frage und Misstrauen.

Otwin gab auch Candida die Hand. „Lass es dir gut gehen“, wünschte er und fügte hinzu, nun wolle er aber auch nicht weiter stören. Damit verliess er rasch die Stube.

Vater Tobias lobte ihn noch einmal und tat Reding eifrig dar, wie auch bei ihm hinter rauher Schale der gute Kern stecke. Dann sprach man von andern Dingen. Der noch immer von Freude zappelnde Christian schlug vor, man solle Josef das neue Familieneignis telegraphisch mitteilen. Aber Niklaus widersprach, man wisse ja nicht genau, wo man im Augenblick die Hochzeitsreisenden erreiche. Darauf gab Candida den Entscheid mit den Worten: „Lass ihn in Ruhe; er hat jetzt für andere nicht Zeit.“

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

Sie dachte dabei an die schöne Faustina und fühlte, dass sie auch von ihr ein Wort sagen sollte. Aber sie brachte keines über die Lippen.

Nach diesen Ereignissen verging eine Woche. Die Vermählungskarten des Reding mit der Candida Walker flogen aus. Der Bräutigam besuchte die Braut, diese wieder den Bräutigam. Ihre Stunden hatten Flügel. Ihre Liebe war froh wie der Frühlingswind. Er fegte alles hinweg, was ihr Glück hätte hemmen können.

Christian sagte zu Vater Tobias: „Hast du jemals zwei so schöne Menschen gesehen?“ Der Alte erwiderte lächelnd: „Der heitere Himmel strahlt auch so.“

Eines Abends sassen wieder alle beisammen in der Wohnstube zu Stalden, im Ohrenstuhl Vater Tobias; auf dem Ruhebett Hand in Hand Reding und Candida, in Stühle gelehnt, mit denen sie schaukelten, Niklaus und Christian.

Es war früh dämmerig geworden. Draussen rauschte ein Sturm. Die in der Stube hatten noch nicht Licht gemacht. Durch die Fenster sah man am Himmel, dessen Grau noch nicht völlig erloschen war, eine stumme Wucht und Wut qualmender schwarzer und brauner Wolken. Vieltönig, dumpf und geheimnisvoll klang das Lied des Ungewitters. Bäume brausten es. Es schwoll an und ab, und Klänge wie Schreie brachen aus ihm auf, wenn der Sturm einzelne Stämme bog und zu brechen drohte oder morsche Aeste aus Laubkronen riss. Der See kochte. Der Schlag der Wellen kam wie Peitschenschlag vom Ufer herauf. Alles das aber erstarrte zuweilen im Rasen und Giessen und flüchtigen Schütten des Regens.

„Ein Teufelswetter“, sagte Christian und drehte die Lampe an.

„Ob die Hochzeitsfahrer es besser haben?“ fragte Vater Tobias.

Niklaus meinte, im Süden sei der Himmel doch ewig blau, und begann wieder von der unvergesslichen Dienstzeit zu Bellenz zu reden und davon, dass das Hochzeitspaar nun noch arglos herumreiste und im Gegensatz zu aller Welt nichts davon wusste, was sich hier zu Hause inzwischen gepaart.

Das Brautpaar hörte zu, eines mehr von des andern Nähe als vom Gespräche eingesponnen.

Vater Tobias folgte mit den Gedanken noch immer den Abwesenden. Etwas Unbestimmtes zwang ihm den Sinn zu ihnen, und auf einmal war ihm, sie seien viel näher, und er lauschte mit einer jähren Spannung nach dem Flur hinaus: War da nicht eine Tür gegangen?

Der Sturm draussen schien noch zu wachsen. Ein Stoss traf in diesem Augenblick das Haus, dass es in den Fugen zitterte. Dann schlug die Tür der Wohnstube weit auf.

Candida erhob sich, sie zu schliessen. Aber zwei in Mäntel gehüllte und von Regen triefende Menschen traten auf die Schwelle. Sie hatten leitere, ein wenig gespannte Gesichter und suchten in den Zügen der Anwesenden nach der Wirkung einer Ueberraschung. Langsam aber starben Heiterkeit und Neugier hinweg.

Josef Walker und Faustina hatten ihre Reise vollbracht. Dem Josef sah man das

gute Leben an. Der hübsche Mensch strotzte von Ehagen. Er war mit seiner Frau Faustina zufrieden und hatte alles getan, auch ihre Zufriedenheit zu verdienen. Sie waren durch herrliche Landschaften, durch reiche und interessante Städte gereist, hatten in guten Hotels gewohnt und in grossen Magazinen eingekauft, was Faustina gefiel. Josefs Geldbeutel war reichlich gefüllt und sein Schrecken nur selten und heimlich gewesen, wann er gemerkt hatte, wie jener leichter und leichter wurde. Dabei hatte ihn das Wesen der Faustina betäubt. Sie hatte ihn von Genuss zu Genuss gerissen. Sie liebte dieses Leben. Die Kulissen der schönen Landschaft, der grossen Welt sagten ihr zu. Auch ihr Begleiter enttäuschte sie nicht. Er machte sich zum Diener ihrer Wünsche. Manchmal war er ihr in all seiner Unterwürfigkeit wie ein hübsches grosses Spielzeug, mit dem sie selbstvergessen tändelte. Die Tage und Nächte waren unter diesem Tändelspiel vergangen. Und nur ganz selten hatte sich die Stirn der Frau wie in jähem Zorn oder Kummer zusammengezogen. Wie etwa jenes einmal — Josef konnte es lange nicht vergessen — da mitten in seiner Umarmung sie aufgeschreckt war und sich vor Ekel geschüttelt hatte. „Allzulange wollen wir nicht fort bleiben“, hatte sie dann plötzlich gesagt. Nun und gestern erst hatte sie diesen Satz ebenso plötzlich dringender, fast zornig wiederholt und geklagt, sie halte es nicht mehr aus. Sie müsse ein Tagwerk, einen Grund zum Leben haben.

Da waren sie Hals über Kopf heimgefahren.

Josef hatte sich nicht dagegen gestraut. Er wusste, dass Faustina Launen hatte. Er nahm auch diesen Drang nach Hause für eine solche. Und es beschwerte ihn nicht zu sehr. Er selbst ging ja auch gern in den Alltag zurück und meinte, an dem ewigen Sonntag, den ihm Faustinas Besitz bedeute, werde ja niemand rütteln können.

Und nun standen sie auf der Schwelle. Ihre Gesichter spiegelten ihre Ueberraschung: Was tat Martin Reding auf dem Ruhebett neben der Schwester? fragte sich Josef. Aber das Staunen wandelte sich ihm in Vergnügen, als er sich vorstellte, wie er auf den Reding dort einmal eifersüchtig gewesen, und wie jetzt dazu nicht mehr Anlass war! Jener sass mit der Schwester Candida Hand in Hand! Nun ja, man hatte sich wahrscheinlich inzwischen noch besser angefreundet! Man flirtete vielleicht ein wenig! Warum nicht?

Faustinas Züge waren entstellter. Wie von Entsetzen! Und dann wieder von Zorn. Sie wusste sogleich: Die beiden dort waren oder wurden ein Paar!

Und ihr Gesicht wurde gelb. Die Lider fielen einen Moment über die Augen.

Aber da sprang schon Christian vom Stuhl und kam mit ausgestreckten Händen den Ankömmlingen entgegen. „Das nennt man überaschen, bei Gott! Willkommen daheim!“

Auch Niklaus blieb nicht zurück: „Nur ihr habt uns noch gefehlt“, rief er aus.

Die drei Brüder schüttelten einander die Hände.

Auch Vater Tobias kam heran. „Ich habe

es in allen Gliedern gespürt, dass ihr kommt“, erzählte er.

Noch immer stand Faustina unschlüssig und versucht umzukehren.

Da trat Reding zuerst und frei und freundlich auf sie zu. „Grüss dich Gott, Schwägerin“, sagte er und bot ihr die Hand hin. „Damit du gleich Bescheid weisst, nehme ich das Du voraus und nenne dich mit dem Namen, den du bekommen sollst.“ Von der Ueberzeugung beseelt, dass man Brücken schlagen müsse, hatte er plötzlich zu sprechen begonnen. Der gute Wille strahlte ihm aus den Augen.



Vom 1. Augenblick vertraut

und mit jedem Tage tragen Sie ihn lieber — den Anzug von

Renner

Filial **RENNER**

Unsere bekannte und bequeme Zahlungsweise erleichtert Ihnen die Anschaffung.

RENNER CONFECÇÃO FINA

Rua São Bento Nr. 51

Avenida Rangel Pestana Nr. 1563 SANTOS: Rua General Camara 15

Juckt es, dann niemals kratzen



denn dadurch spielen Sie nur eine lächerliche Rolle vor den Leuten, ohne die gesuchte Linderung zu finden. Wenn man einfach das bewährte Mitigal anwendet, so verschwinden Krätze und gewisse andere parasitäre Hautkrankheiten in kurzer Zeit. Vergessen Sie deshalb nicht: Juckt es, dann niemals kratzen.

Nehmen Sie

Mitigal

DER ERFOLG EINER SCHUTZMARKE:

VERTRAUEN DES VERBRAUCHERS ZU DER FÄHIGKEIT UND EHRlichkeit DES FABRIKANTEN, DER SEINE ERZEUGNISSE MIT SEINEM NAMEN KENNZEICHNET

Johann FABER

STELLT SEIT JAHRZEHNEN BLEISTIFTE HER UND VERSIEHT SIE MIT SEINEM NAMEN

Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung
Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Zum Hirschen Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe bis zur Nr. 40

Abfah Louis XV., jap. Form 40\$000, 45\$000
Das Haus, welches best. bedient u. reelle Preise hat

Rua Sta. Epiphania 285
nahe der Rua Aurora

Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten **TEMPEROL-FABRIKATE**

(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment. in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Faustina reichte ihm die Fingerspitzen. Es war nichts zu ändern, dachte sie dabei. Es musste alles hinuntergewürgt sein! Wusste Gott, was daraus wurde!

Dann nahm sie mechanisch auch Candidas Hand.

„Ich gratuliere.“

„Ich danke.“

Das war, als fielen zwei Holzklotze zwischen ihnen zu Boden.

„Ja“, bestätigte Vater Tobias' gutmütige Stimme, „während eurer Abwesenheit haben sich auch hier allerlei Neuigkeiten ereignet. Candida und Martin wollen es euch nachmachen. Und ihr werdet euch mit ihnen freuen, das weiss ich schon.“

Josefs Vergnügen wuchs. Alles war in ihm lebendig, was ihn schon immer zu Reding gezogen. Er gönnte ihm nicht nur die Schwester, sondern war stolz auf ihre Wahl. „Doppelt genäht hält besser“, brach er los. „Die Staldener und die von Dallenswil kommen einander immer näher. Ich wüsste nicht, was man sich noch wünschen könnte.“ Damit schüttelte er dem Brautpaar die Hände.

Zum Händeschütteln kamen auch die andern. Eine Weile war eitel Minne und Freude. Man liess die Heimgekehrten nicht erst in ihre Stube hinauf. Niedersetzen mussten sie sich und erzählen. Essen wurde gebracht. Auch die Walkers hatten mancherlei zu berichten. Wie Schweigsam Faustina war, merkten nur Reding und Candida.

Faustina kam langsam zu Bewusstsein. Ein wanderndes Feuer kam auf sie zu. Sie hatte es geahnt und die Augen geschlossen, um es nicht zu sehen. Jetzt stand es als grelle Flamme vor ihr: Reding und Candida! Er hatte sie, Faustina, verschmäht! Sie war ihm nachgereist in sein Land, um einen andern zu nehmen, und doch immer wider Willen und wie aus magischer heimlicher Gewalt ihm im Gedächtnis tragend. Eine Närrin war sie gewesen, nicht wissend, was sie tat. Aber eine Erinnerung war ihr geblieben: Eine Stube in Bellenz, ihre Stube — und Reding kniete neben ihrem Lager. Schwüle und eine Sekunde der Leidenschaft. Auch er, Reding, scheinbar davon entzündet! Vielleicht hatte ihre närrische Hoffnung aus der Erinnerung an jenen Augenblick gelebt. Und nun nahm derselbe Reding die andere, die ihr, Faustina, schon immer wie ein Alp gewesen! Er tat das ohne zu bedenken, dass daraus Unheil kommen könnte. Vielleicht ihr zum Trotz! Vielleicht lachte er schon heimlich über sie, und dass sie sich vor ihm gedemütigt hatte. Vielleicht wusste die andere, die Candida, jetzt schon alles, was zwischen ihrem Bräutigam und ihr, Faustina, gewesen, vielleicht hatte er ihr alles erzählt!

Faustina fror.

In diesem Augenblick schaute Josef sie an und erschrak. „Was hast du?“ fragte er. „Du siehst aus wie der Tod!“

„Ich bin müde“, antwortete sie leise.

Er vergass sogleich alles andere. „Natürlich“, stimmte er ihr eifrig zu, „es war auch eine lange Fahrt.“ Dann sprach er ihr zu, sich gleich zu legen. Und dann schoss ihm ein Gedanke durch den Kopf und machte ihn heiss und kalt vor Freude! Vielleicht hatte das mit Faustina seine natürliche Ursache — vielleicht —

Er schwatzte eine Menge Zeug: Junge Frauen müssten geschont werden, und man könne nie wissen, woher so bleiche Wangen kämen, und dergleichen. Damit zog er Faustina vom Sessel hoch.

Sie wehrte sich nicht. Sie war wie blind und taub.

„Gott behüte euch“, grüsste Josef lachend die andern, während sie beide mit drohlicher Hast aus der Tür liefen.

Einen Augenblick blieb es still in der Stube.

Dann scherzte Christian: „Komische Leute, die Liebesleute!“

Vater Tobias begann von anderen Dingen zu reden.

Candida stand auf und trat wie zufällig ans Fenster. Sie sah nichts; es war zu dunkel, aber sie wollte auch nichts sehen. Ihr Blick ging nach innen. Das Herz war ihr schwer.

Reding und Candida grübelten in der Nacht. Je weniger gesprochen wurde, um so mehr gab es zu bedenken. Aber am andern Morgen war wieder Alltag.

Dieser Alltag ist eine furchtbare Macht. Er gleicht der Mühle, die jedes Korn zu Mehl mahlt. In dem weissen Staub versinkt das Ungewöhnliche.

Faustina Solari, die jetzt Faustina Walker war, brachte die erste Nacht im Hause ihres Mannes hinter sich. Sie wehrte den Mann zurück, der sich ihr nähern wollte. Sie legte sich. Sie redete nicht. Sie zergrübelte sich das Gehirn. Dann kam der Schlaf und strich das Bewusstsein hinweg. Am Morgen stand im Licht des neuen Tages das Unabänder-

gegrüsst. Dann brachte ihr Candida den Kaffee.

„Wenn ich erst Bescheid weiss, werde ich dich nicht mehr bemühen“, sagte sie zu ihr und liess sich am Tische nieder.

Candida schaute auf. Die Bestimmtheit im Ton der andern lehrte sie, dass jene entschlossen war, von Anfang an mitzuregieren und den Platz zu beanspruchen, der ihr zustand.

Stille trat ein. Stumm nahm die eine ihr Frühstück ein, still ging die andere ab und zu.

Als Candida einmal wieder in die Stube trat, fand sie Faustina am Fenster stehend. Ihre Haltung verriet, dass sie forschend Umschau hielt, wie ein General über sein Manöverfeld. Und abermals eine Weile später gewährte sie vom gleichen Fenster aus, wie die Schwägerin ohne Führung und einer solchen nicht bedürftig, von Werkplatz zu Werkplatz, von Magazin zu Magazin und nach den Kontoren schritt, als habe sie die Absicht, sogleich mit allem und jedem vertraut zu werden. Sie erinnerte sich, irgendwann gehört zu haben, dass die Solari daheim die Seele des Geschäftes gewesen. Sie, Candida, wollte ihr auch hier nicht wehren noch neiden, was ihr Recht war. Nur mit der Liebe musste jene sich gedulden! Die wollte ihr, Candida, nicht kommen; die kam über ein Hindernis in ihr selbst, das sie nicht zu erklären vermochte, nicht hinweg.

Faustina setzte indessen ihren Inspektionsgang fort. Droben in der Stube hatte sie eine spitze Frage an Candida auf der Zunge gehabt: „Ist dein Herr Bräutigam gestern noch lange bei dir geblieben?“ Sie hatte sie verschluckt. Und jetzt vergass sie für eine Weile die Frage und den Hass, dem sie entsprang. In alle Räume, in alle Winkel schaute sie hinein, dort, wo die Sägen schrien und die Luft von Holzmehl stob, wo dieser Staub wie Mehl den Kleidern der Knechte anhaftete, dort, wo die Männer mit schwerem splitternden Schlag die Bäume entrindefeten, wo einer Späne in Körbe fasste, und wo ein zweiter Sägemehl in Säcke stopfte. In die Ställe mit den Kühen und die andern mit den Pferden drang sie ein. Scharf spähte sie umher; und ein gewisser Hochmut redete in ihr, dass das alles ihr gehöre. Manchmal, wenn sie etwas nicht verstand, fragte sie die Knechte und Arbeiter. Ihre Art zu fragen war kühl, so als wäre es eine Ehre, von ihr befragt zu sein. Wenn sie eine Meinung äusserte, verriet sich ein scharfer Verstand und herrische Wissensbegier.

In einem Magazin mit Nägeln, Beilen, Klammern, Bändern und vielem anderen Eisenzeug stand ein Stehpult. An diesem traf sie auf Otwin.

Er wendete sich um, als sie eintrat. Aber als er sie erkannte, kehrte er an seine Schreibarbeit zurück.

Faustina schaute ihm über die Schulter. „Ihr schreibt Kontrakte?“ fragte sie.

Er bejahte so kurz, dass sie den Eindruck hatte, ihr Besuch scheine ihm überflüssig. Da erklärte sie: „Ich will hier in Stalden nicht das fünfte Rad am Wagen sein. Darum gehe ich gleich auf die Lernfahrt.“

Darauf zeigte er ihr abermals sein düsteres Gesicht, und jetzt war ein warmes Licht in seinen Augen.

„Daran tut Ihr recht“, entgegnete er. „Wenn wir zu etwas kommen wollen, müssen alle mithelfen.“

Casa Alemã



Grosse Ausstellungen in den soeben eingetroffenen letzten Neuheiten in

- Damen-Kleider**
- Damen-Hüte**
- Baumwollstoffe**
- Dreieck-Tücher**
- Seiden-Stoffe**
- Handfaschen**
- Handschuhe**

Beachten Sie bitte unsere Schaufenster!

Schädlich, Obert & Cia.

Rua Direita 162 — 190

Dann legte sich Redings Arm um ihre Achsel. Er spürte etwas von dem, was sie hemmte, in sich selbst. Aber er dachte jetzt nur daran, dass sie sein war; und in der Freude darüber ging alles andere unter. Sein Griff stützte sie. Es war, als wollte er sie über jeden Stein hinwegheben, der ihr im Wege lag.

Elftes Kapitel

Man ging an jenem Abend auseinander, ohne sich noch viel über die Heimkehr der Neuvermählten ausgelassen zu haben. Es war spät geworden, und Reding musste heim. Man verlies sich in die Kammern, die Walkers daheim, Reding später in Dallenswil.

liche: Candida war dem Reding versprochen!

Und Faustina war bereit, abzuwarten, wie sie sich weiter dazu einzustellen habe.

Josef war besorgt und wollte wissen, wie es ihr gehe. Sie redete sich aus, sie wollte noch ruhen und hiess ihn, den es zu seiner Arbeit zog, auf sie nicht warten. Ein wenig zögernd verliess er sie. Aber er war immer ein pflichteifriger Geschäftsmann gewesen. Im Gefühl gehabter Ferien und begierig nach neuer Betätigung begab er sich nach dem Frühstück ins Kontor.

Eine geraume Weile später stieg Faustina nach der Wohnstube hinunter. Hier traf sie auf Candida, grüsste sie und wurde wieder

Dr. Max Rudolph
 Allg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
 Röntgen-Bestrahlungen
 Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576
 Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337
 Sprechstunden v. 3-5, Sonnabends v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori
 Spezialarzt für allg. Chirurgie - Röntgenapparat
 Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 10-12 Uhr
 Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick
 Facharzt für
innere Krankheiten.
 Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr
 R.L.F. Badaró 73, Tel. 2-3371
 Privatwohnung: Tel. 8-2263

**Deutsche Apotheke
 in Jardim America**
 Anfertigung ärztl. Re-
 zepte, pharmazeutische
 Spezialitäten - Schnelle
 Lieferung ins Haus.
 RUA AUGUSTA 2843
 Tel. 8-3091

**Deutsche Apotheke
 Ludwig Schwedes**
 Rua Lib. Badaró 318
 S. Paulo, Tel. 2-4468

Dr. Erich Müller-Carioba
 Frauenheilkunde, Geburtshilfe
 Röntgenstrahlen - Diathermie
 Ultraviolettstrahlen
 Konsult.: R. Aurora 1018 von
 2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.
 Wohnung: Rua Greenlandia
 Nr. 72. - Tel. 8-1481

Erwin Schmied
 Dentist
 Largo Santa Efigenia 1
 1. Stock, App. 11
 (Eingang von der Brücke)
 Sprechstunden von
 8.30-19.30 Uhr, Sonn-
 abends: bis 12 mittags

**DER HEXENSCHUSS
 IST NICHT MEHR
 ZU ERTRAGEN** **CAFIASPIRINA
 WIRD DEN
 SCHMERZ VERJAGEN**



• Um die furchterlichen Schmer-
 zen, durch "Hexenschuss" verur-
 sacht, zu beheben, nehmen Sie Caf-
 aspirina; denn es bringt Ihnen
 nicht nur schnell Erleichterung
 sondern stellt Ihr Wohlbefinden
 wieder her. Cafiaspirina ist ein
 Bayer Präparat... und Sie wissen,
 es ja schon: "Wenn es Bayer ist, so
 ist es gut."
 • Beugen Sie vor: Haben Sie stets
 Cafiaspirina zur Hand!

CAFIASPIRINA
 gegen Schmerzen

Jorge Damiani
 Deutsche Maßschneiderei
 für Herren und Damen
 Gut fortiertes Stofflager
 Rua Ypiranga 193
 Tel. 4-2320

Deutsche Schuhmacherei
 Rua Sta. Efigenia 225
 Umgezogen nach der
 Rua Ipiranga Nr. 225.
 Empfiehlt sich weiter
 zur guten Bedienung
 seiner Kundschaft.

Hermann Radelsberger

Werner Pfeffer
 Nickelação Cambucy
 Rua Lavapés 801
 SÃO PAULO

João Knapp
 Klempner, Installateur
 Regist. Rep. de Agua e
 Gsg. Rua Moni. Bassa-
 laqua 6. Telefon 7-2211.

Drück-, Schweiss-, Hart-
 löte- und Dreharbeiten
 übernimmt
Kolbe & Cia.
 Rua Guaianazes Nr. 182
 fundos
 Telephon 4-8907

Josef Hüls
 Erstklassige Schneiderei.
 Maßige Preise. Rua Dom
 José de Barros 266, fobr.,
 São Paulo, Tel. 4-4725

Uhren • Reparaturen
 Deutsche Uhrmacherei
OTTO
 Rua São Bento Nr. 484
 4. Stock, Saal 25

Gasa Wigando Köhler
 (gegründet 1899)

 Sämtliche Artikel für
 Küche, Haus und Garten;
 Werkzeuge aller
 Art
 Telephon 4-2254
Rua Seminário Nr. 39
 (neben der Post)

Lacke Pinsel Farben
 und alle übrigen Bedarfsartikel
 für Hausanstrich und Dekoration
EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifacio Nr. 114

**Kriegshilfswerk
 des Deutschen Roten Kreuzes**
 Arbeitsauskunft S. Paulo
 Jeden Dienstag von 3-5.30 Uhr Spenden-Aufnahme
 und Arbeits-Ausgabe in der Rua Arthur Prado 492

„Ihr könntet mich eigentlich einführen“,
 fuhr sie fort. „Ihr wisst am besten Be-
 scheid.“

„Warum nicht?“
 „Alle haben Vertrauen zu euch.“
 „Man hat es auch zu euch.“
 „Ich habe einen Walker geheiratet. Jetzt
 muss seine Sache auch meine Sache sein.“
 „Gerade so! Und bis zum Letzten. Die
 Zeiten sind schwer. Es geht heutzutage in
 allem ein wenig aufs Acusserste.“

Faustina mochte gar nicht weitergehen. Es
 war ihr, als stünde sie hier gleichsam beim
 Steuermann des Walkerschiffes. Und in man-
 chem schien er ihr bewundernswert und in man-
 chem rätselhaft. Er hatte etwas von einem
 Vater und doch wieder von einem Va-
 sallen. Und jetzt fühlte sie etwas wie Liebe
 zu ihm und im nächsten Augenblick eine
 Lust, diesen wilden, harten und verschlossenen
 Gesellen zu regieren, wie es ihr beliebte.

Auch er machte sich seine Gedanken über
 sie. Zunächst beeindruckte ihn wieder ihre
 Schönheit, und er wunderte sich, dass es
 einem Josef Walker gelungen war, sie zu
 erobern. Dann drängte sich ihm abermals
 die Gewissheit auf, dass mit dem ansehn-
 lichen Aeusern Stolz, Ehrgeiz und ein harter
 Wille gepaart seien. Er fühlte sich von ihr
 mehr als je angezogen. Fast unbewusst ver-
 schrieb er sich ihr in diesem Augenblick.
 „Ich habe gerade Zeit“, schlug er vor. „Wenn
 ihr wollt, können wir gleich dort beginnen,
 wo der Anfang einer Säge ist, beim Holz.“
 „Gut! Danke!“ stimmte sie zu.

Da begann er sie zu führen.
 Sie kamen auf die Lagerplätze. Da lag
 das Holz in rohen und bequemen Stämmen,
 in Brettern, Scheiten und Blöcken. Und Ot-
 win zeigte ihr die Arten, den harten Nuss-
 baum, die unverwundliche Eiche, die weiche
 Tanne und die Edelhölzer, die aus andern
 Weltteilen kamen. Er kannte alle in ihren
 Vorzügen und Schäden, ihrer Verwendbarkeit
 und ihrer Gefahr. Dabei sprach er kurz und
 rasch. Es war, als schlage er Nägel ein.
 Und jeder sass.

Sie kamen an diesem Morgen nicht weit.
 Aber der gemeinsame Gang, die Lehrstunde
 brachte sie einander näher als je vorher.
 Und die Lehre ging weiter. Sie dauerte
 Wochen und Wochen und ging vom Holz
 zum Haus und seinen Bestandteilen und sei-
 ner Einrichtung. Daneben lebte sich Faustina
 auch in den Haushalt ein und gewöhnte
 sich von Josef, dem Reisekameraden, um zu
 Josef, dem Ehemann.

Dieser Josef schwamm weiter in Zufrie-
 denheit. Er rühmte an Faustina die Liebe
 und die Tüchtigkeit. Diese stellte er täglich
 im Geschäft fest, und an jene glaubte er,
 weil sie ihm nichts versagte. Dass Faustina
 eigentlich mit den Gedanken ihm nicht recht
 und nie ganz gehörte, merkte der Trunkene
 nicht.

Faustinas Verhältnis zu den übrigen Haus-
 genossen blieb noch unklar. Sie begegnete
 dem Vater Tobias mit einer zurückhaltenden
 Achtung, und er seinerseits schwankte zwi-
 schen staunender Bewunderung und einem
 zeitweiligen Befremden. Im Grunde wurde
 er aus der eigenwilligen Schwiegertochter
 nicht recht klug. So war es mit Candida:
 Sie und Faustina lebten nebeneinander. Keine
 legte der andern etwas in den Weg; aber

keine versuchte auch der andern innerlich
 näherzukommen. Eine Kühle wehte im Raum,
 den sie miteinander teilten. Am besten ver-
 stand sich Faustina mit den jungen Brüdern.
 Ihre während der Bellenzer Militärzeit er-
 wachte Bewunderung für sie bestand fort. Sie
 rühmten, der Bruder Josef habe das Grosse
 Los gezogen. Selbst der trockene Niklaus
 war ihr eifrig zu Diensten. Christian mit
 dem feurigen Herzen hatte des Lobes nie
 genug. Ihn liebte Faustina auch. Ihn küsste
 sie manchmal nachts vor dem Schlafengehen.
 Dann zitterte er innerlich, als habe er ein
 königliches Geschenk bekommen.

Martin Reding kam selten nach Stalden.
 Es war eine stillschweigende Uebereinkunft
 zwischen ihm und Candida, dass diese um
 so öfter in Dallenwil zu Besuch war. Sie
 löste sich unmerklich aus dem Walkerhause los
 und wuchs der neuen Heimat zu. Das ge-
 schah um Faustinas und Josefs willen mit
 einer unklaren Ungeduld. Wenn sie an die
 jüngeren Brüder dachte, fasste sie manchmal
 ein schmerzliches Bedauern. Von ihrem Va-
 ter Tobias sagte sie einmal zu Reding: „Ist
 dir nicht auch, er sei plötzlich alt und müde
 geworden?“

Reding betrachtete den Alten und fand sein
 Gesicht weiss und seinen Blick abwegig, als
 suche er ein weit entferntes Ziel. „Mir
 scheint, es geht wieder einmal ein Wanderer
 seinen Weg“, sagte er leise zu Candida.

Da schluchzte sie auf. „Er war der, der
 uns Geschwister zusammenhielt!“, antwortete
 sie.

Aber Reding mit der aufleuchtenden Kraft
 seines Wesens erwiderte: „Das ist der Gang
 der Welt. Ich bin schuldig, dir einmal ihn
 und vieles andere zu ersetzen.“

Candidas Herz wurde wie ein breiter mäch-
 tiger Strom und floss dem Verlobten zu. Von
 Tag zu Tag bedeutete er ihr mehr.

Aus dem Bedürfnis ihrer Seelen heraus,
 das nach einem gänzlichen Ineinanderaufgehen
 strebte, beschlossen sie in diesen Tagen, bald,
 aber in aller Stille Hochzeit zu feiern. Frau
 Margrit, die unter Arbeit und Witwenschaft
 ein wenig menschenfeind geworden war, be-
 stärkte sie im Plan, das Fest in Dallenwil
 im Hause Reding abzuhalten. Die Walkers
 sollten alle kommen!

Aber in diesen Tagen erkrankte Faustinas
 Mutter, und sie reiste plötzlich nach Süden.
 Josef hatte ihr vorgeschlagen, die Schwester
 und Reding um Verschiebung ihrer Feier an-
 zugehen, aber sie hatte dem mit leidenschaft-
 licher Eile widersprochen. In Wirklichkeit
 war die Mutter inzwischen längst wieder
 gesund geworden, aber sie blieb dennoch fort.
 Der Tag dieser Hochzeit leuchtete ihr aus
 dem Dunkel ihrer nächsten Zukunft wie eine
 Feuersbrunst entgegen. Sie lebte in Bellenz
 ihre Tage wie im Fieber. Der Boden der
 alten Heimat war ihr heiss, und Heimweh
 riss sie nach Stalden zurück, ein merkwür-
 diges, ungeduld durchglühtes Heimweh, in dem
 der Ehrgeiz war, im Betriebe, darin sie schon
 anfang etwas zu bedeuten, nicht zu fehlen,
 darin aber auch, zwar nicht das Verlangen
 nach Josef, dem Mann, wohl aber jener
 dunkle Trieb nach der Luft lebte, in der
 Reding, der Mann der andern, atmete.

Die Redings verschoben die Hochzeit nicht.
 Frau Margrit verlor ein Wort darüber, dass
 die Schwägerin an dem wichtigen Tage feh-
 len werde; aber die Brautleute begegneten
 einander mit den Blicken und antworteten fast
 gleichzeitig, die Vorbereitungen seien schon
 zu weit gediehen, und man wisse nicht, wie
 lange sich Faustinas Rückkehr verzögern wer-
 de. Merkwürdigerweise sprachen sie sich nach-
 her nicht über ihre unwillkürliche Ueberein-

stimmung in dieser Sache aus. Jedes war in-
 nerlich froh, das abgetan zu wissen, was
 ihm heimlich Bedenken gemacht. In Candi-
 das Augen war die Gestalt Faustinas immer
 noch wie ein Schatten. Sie empfand es als
 Befreiung, dass er nicht in ihr Fest fallen
 würde; ebenso fühlte Reding durch das Fer-
 bleiben Faustinas eine alte Beklemmung we-
 nigstens für den Augenblick wieder gelöst.

Der Hochzeitstag rückte dann heran, weit
 verschieden von dem lauten und prunkhaften
 Fest, das in Stalden für Josef und Faustina
 bereitet worden. Kein Motorenlärm, kein Sä-
 gen und Hämmern und Zischen der Maschinen
 störte an diesem Morgen die Stille des Red-
 ingschen Wohnhauses. In einer seiner gros-
 sen Stuben war ein Tisch zum Altar umge-
 baut. An diesem und vor der kleinen Zahl
 der Gäste, den Mitgliedern der Redingschen
 und der Walkerschen Familie, vollzog ein
 Pfarrer die Trauung. In einem Nebenraum
 wurde nachher eine Mahlzeit geboten. Keine
 Musik ertönte. Keine Rede wurde gehalten.
 Christian, der Springinsfeld, hatte anfänglich
 gegen so viel Langeweile protestiert. Aber
 ihm wie den andern floss in dieser Stunde
 irgendwo aus den Dallenwiler Räumen, viel-
 leicht aber auch aus der ruhvollen Harmo-
 nie, die das Brautpaar umwehte, und aus
 der sachten vornehmen Freundlichkeit der
 Frau Margrit eine Wärme ins Herz.

Martin und Candida sasseneinander.
 Heiterkeit, die ihnen sichtlich aus dem Inner-
 sten strömte, verklärte ihre Gesichter. Sie
 erschienen jedem, der sie sah, als Menschen,
 die wie zwei Rosenbäume aus einem blauen
 Gartenbeet stolz und prangend aufwuchsen.

Vater Tobias konnte sich nicht enthalten,
 zu der neben ihm sitzenden Gegenmutter zu
 sagen: „Da sind zwei zusammengekommen,
 die Gott füreinander geschaffen.“

Von dem Feste selbst bleibt nichts Wei-
 teres zu berichten. Ein Wagen erwartete früh
 die Neuvermählten und entführte sie dem
 Kreis der übrigen. Aber am gleichen Abend
 noch betrat Martin Reding mit seiner Frau
 Candida auf einer Passhöhe, die Terrasse
 eines Gasthauses, dort, wo man die gewaltig-
 sten der heimatischen Berge wie Riesen-
 kriegler wachen sieht. Ihre Helme, silbern
 vom ewigen Schnee, blitzen. Dann verwand-
 delt die Abendsonne das kalte Weiss dieser
 Helme in Glut und wirft jedem der Eisum-
 panzerten einen Purpurmantel um die Schul-
 tern. Da atmen unterm Harnisch ihre Brüste.
 Die kleinen Menschen aber erheben bei ihrem
 Anblick und wachsen in einer unerklärlichen
 Sehnsucht aus sich selbst heraus und in einen
 unbekanntem Himmel hinein.

Reding hielt Candida im Arm, der sie
 überragende, irgendwie strahlende, die still-
 lere, breite, strenge, so wie er sie auf Gän-
 gen gerne führte und mehr trug als leitete.
 „Bist du glücklich?“ fragte er sie.

Sie aber, von einer an ihr fremden Leiden-
 schaftlichkeit erfasst, drängte sich an ihn
 und antwortete: „Du musst mich das nicht
 fragen. Du musst wissen, dass ich jetzt auf
 diesem Berg wie auf dem Gipfel meines
 Lebens stehe, und dass, wo du einmal nicht
 bei mir wärest, es mir sein müsste, als
 stürzte alle Wucht und Pracht des heiligen
 Heimatlandes zusammen und erschläge mich.“

Ihre Worte und ihr Wesen ergriffen Red-
 ing so, dass auch ihm die Brust von Liebe
 und innerem Jubel eng wurde und ihm einen
 Augenblick lang war, er müsse sich davon
 freijauchzen, so dass alle Berge im Echo
 tönten.

Am nächsten Morgen führen sie weiter von
 Tal zu Tal, von Stadt zu Stadt, wurden je-
 doch noch vor Wochenende von einer Depe-

sche erreicht, die die Nachricht enthielt, der
 Vater Tobias sei lebensgefährlich verunglückt.

Tobias Walker war eines Abends mit einem
 Holznauen über den See gefahren. Otwin
 hatte das Steuer geführt, und zwei Knechte
 hockten auf der Ladung von Langholzstämm-
 en. Der Alte unterhielt sich mit Otwin,
 wollte sich dann nach dem Vorderteil des
 Schiffes begeben und kletterte über die glat-
 ten Bäume. Dabei strauchelte er und stürzte
 über Bord in den See. Vom Sturz betäubt,
 versank er sogleich. Aber wie ein Sturm
 kam Otwin herangefegt und sprang ihm nach.
 So wild und gewaltsam war der Sprung des
 schweren Mannes, dass das Wasser ihn hin-
 abschluckte, wie ein Menschengaumen einen
 erstickenden Brocken. Aber nach wenigen Se-
 kunden tauchte er wieder auf, hielt den Kör-
 per des Tobias in den Armen und arbeitete
 sich mit ihm an Bord zurück, ehe nur die
 beiden Knechte ihm beispriegen konnten. Auf
 dem Nauen riss er dem Ohnmächtigen die
 Kleider auf und brachte ihn bald wieder zu
 Leben. Hinter dem Steuerhäuschen barg er
 ihn vor dem Winde und wickelte ihn in
 seinen eigenen Mantel. So rasch, als das
 schwere Fahrzeug es zuließ, fuhren sie heim,
 und hier war es wieder Otwin, der den fie-
 bernden Alten ins Haus und zu Bett brachte.
 Er trug ihn als sein eigen Blut, ohne zu
 denken, dass andere ihm näherstünden. In
 dem Mordmann tickte eine sachte Uhr von
 einem Herzen. Die der Söhne hätten nicht
 sorgenvoller schlagen können. Den Arzt be-
 stellte er und ging erst dann eines der Fa-
 milienglieder suchen. Wenig später brachte
 er Faustina, die von Bellenz wieder zurück
 war, Josef und Niklaus in die Krankenstube
 hinauf, während er den jungen Christian
 nicht zu Hause gefunden. Er hatte ihnen
 das Geschehene erzählt, und die Sonne be-
 stimmten nun auch Tobias mit Fragen. Er
 war bei vollem Bewusstsein; aber er mochte
 nicht viel sprechen, wies nur auf Dorta und
 murmelte: „Da! Dankt dem! Wieder einmal
 wäre es ohne ihn schief gegangen.“

Nun war es aber dem wortkargen Helfer
 genug. Er begab sich an seine Geschäfts-
 pflichten zurück.

(Fortsetzung folgt.)

Ausspannung tut not!

Wenn man die klimatischen Verhältnisse
 berücksichtigt, dann darf man wohl ruhig
 feststellen, dass hierzulande oft intensiver ge-
 arbeitet wird als drüben. Besonders in den
 heissen Sommermonaten verspürt der Einge-
 warderte das lebhafteste Bedürfnis, vorüberge-
 hend auszuspannen. Für einige Zeit sich ein-
 mal völlige Ruhe gönnen, von Geschäften und
 unruhigen Zeitläuften nichts sehen und hören,
 wer möchte das nicht gerne?

Nicht jeder von uns kann Körper und
 Geist diese Erholung verschaffen. Der Exis-
 tenzkampf wird von Tag zu Tag härter und
 rücksichtsloser und wie viele müssen auf eine
 Ruhepause Verzicht leisten, weil besondere
 Verhältnisse es nicht anders erlauben. An-
 dere wieder halten sich für unentbehrlich
 und bereuen erst dann ihre Unterlassungs-
 sünde, wenn der geschwächte Körper streikt.

Soweit soll man es aber nicht kommen
 lassen. Wer jährlich eine Tonofosan-Kur
 durchführt, der verschafft dadurch seinem Or-
 ganismus dringend notwendige Aufbaustoffe.
 Tonofosan, ein Bayer-Produkt, gibt Körper
 und Geist neue Frische und Widerstandsfä-
 higkeit.

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
 Rechtsanwälte
 São Paulo, Rua Libero Badaró 443,
 Tel: 2-0804, 2. St., Zim. 11-16/ Postfach 444

Ein Krankenhaus auf Rädern

Das „Deutsche Rote Kreuz“ ganz modern

Deutschland ist — das haben die letzten Monate gezeigt — nicht nur mit den besten Männern, sondern auch mit den besten Kriegsgeräten, den besten Geschützen, Flugmaschinen, Panzerwagen und Seefahrzeugen in diesen Krieg, den es zur Sicherung seiner Lebensrechte zu führen gezwungen war, eingetreten. Aber nicht nur das — sagen wir — Aggressiv-Militärische ist gut bei den Deutschen, sondern auch die andere Seite, die Betreuung der verwundeten und kranken Soldaten, ist ganz der Neuzeit entsprechend geregelt. Die Pflege des verwundeten und kranken Soldaten ist in Deutschland in die Hände einer Organisation gelegt, die sich seit mehr als hundert Jahren in allen Kriegen als „Deutsches Rotes Kreuz“ einen unvergänglichen Namen gemacht hat. Krankenschwestern und männliche Helfer dieser Organisation haben schon die Väter und Grossväter der heute Kämpfenden gepflegt und wenn heute die Sammelbüchsen des „Deutschen Roten Kreuzes“ überlaufen, wenn jede der allmonatlich stattfindenden Strassensammlungen zugunsten des „Roten Kreuzes“ doppelt so viel einbringt, als ihre Vorgängerin, dann ist das ein Zeichen für das Vertrauen, das die deutsche Bevölkerung dieser charitativen Einrichtung entgegenbringt.

Das „Deutsche Rote Kreuz“ verdient das Vertrauen, es ist auch technisch absolut auf der Höhe. Neulich hatten wir Gelegenheit, ein erst kürzlich in Betrieb genommenes Bereitschaftslazarett zu besichtigen. Dieses erste „motorisierte“ Krankenhaus des „Deutschen Roten Kreuzes“ war in der Stadt Lods, die heute Litzmannstadt heisst, zusammengestellt worden. Es ist deswegen so neuartig, weil es, weit über die Möglichkeiten des früheren Barackenbaues hinaus, schnellstens hier und dort eingesetzt werden soll. Das „fahrbare Krankenhaus“ muss also einen möglichst weit reichenden Aktionsradius haben und es muss in seinen Fahrzeugen restlos alles mit sich führen können, was zum Betrieb und zum Unterhalt eines Lazarettes gehört. Um beide Forderungen miteinander in Einklang zu bringen, waren genaue Überlegungen namentlich auch in bezug auf die Belastung der Wagen notwendig. Es wurde, soweit nur möglich, Leichtmetall verwendet und das bedeutet allein schon bei den Betten und Tischen eine Gewichtersparnis von 50 bis 75 vH. Die Platten, aus denen die Baracken dieses Lazarettes zusammengesetzt werden, sind normiert. Es können zwei Baracken mit vollem Inventar, bei einer Belegziffer von je 16 Kranken, auf einen Anhänger verladen werden, denn die Plattenstärke — Elektron (Leichtmetall) in Verbindung mit Isoliermaterial — beträgt nur 13 mm. Das Gesamtgewicht der mit diesen Mitteln aufgerichteten Baracke stellt sich auf 1,8 Tonnen. Eine gleich grosse Baracke bisheriger Bauart hat 7,8 Tonnen gewogen. Die Baracken des „fahrbaren Krankenhauses“ messen 10 mal 5,30 m im Geviert und sind 2,70 m hoch, sie können auch auf unebenem Boden errichtet werden, denn ihre Grundrahmen stehen auf 25 in der Höhe von 40 cm verstellbaren Wagenhebern.

Durch die Anwendung sorgfältig überlegter technischer Einrichtungen ist ermöglicht worden, dass an dieses motorisierte Barakenzelt die gleichen hygienischen Anforderungen gestellt werden können, wie an jedes feststehende Krankenhaus. Das war auch notwendig, weil das Bereitschaftslazarett nicht nur eine Durchgangsstation darstellen, sondern u. a. auch in stande sein sollte, in Gefahrenzonen Kranke aus Krankenhäusern aufzunehmen und eine grössere Anzahl von Menschen — der ganze Lazarettzug fasst vierhundert Personen — längere Zeit hindurch zu beherbergen. Es braucht kaum erwähnt zu werden, dass das motorisierte Lazarett des „Deutschen Roten Kreuzes“ wie jedes feststehende Krankenhaus Abteilungen für Chirurgie, für innere Medizin, für Hals-, Nasen- und Ohren-Erkrankungen und für Zahn- oder Kieferbehandlung besitzt. Ein Laboratorium für Bakteriologie mit allen notwendigen Instrumenten und Chemikalien ist ebenfalls vorhanden.

Die Baracken des mobilen Lazarettes sind durch eine Lichtschiene mit elektrischer Beleuchtung versehen, an die auch die Apparate, Heizkörper und Nachttischlampen angeschlossen sind. Da das obere Drittel der Platten aus „Plexiglas“, einem neuen, ausserordentlich bewährten Werkstoff, besteht, hat das Tageslicht ungehinderten Zutritt. Die Betten haben keine Füsse, sondern Rahmen, ein zusammengesetztes Bett ist nur 3 cm breit und hundert Betten können auf diese Weise auf 3 m Ladefläche verstaubt werden. Ein zusammengelegter Nachttisch hat die Grösse eines gewöhnlichen Buches.

Ausser dem Inventar der Baracken wird ein Wassertankwagen mitgeführt, ein Brennstoffwagen und ein Küchenwagen mit zwei Lebensmittelanhängern.

Durch diese Fahrzeuge ist das Bereitschaftslazarett unabhängig in bezug auf Trinkwasser und Nahrungsmittel, es kann infolgedessen auch in ausgesprochenen Katastrophengebieten eingesetzt werden. Vier eigene Generatoren sorgen für den elektrischen Strom, der für die medizinischen Apparate, für Beleuchtung oder für Koch- und Heizungszwecke gebraucht wird: An 1000 Liter Heisswasser können an einem Tage laufend für die Operationsbaracke geliefert werden. Ein Wäschereiwagen mit zwei Anhängern, ein Desinfektionswagen mit zwei Anhängern für Wäsche- und Sterilisierbetrieb, zwei Küchenwagen, ferner Kraftwagen für die Leitung des Ganzen und Krafttrader für die Befehlsübermittlung gehören ebenfalls zu der Gesamtorganisation dieser denkwürdigen Einrichtung.

Der Aktionsradius des motorisierten Lazarettes beträgt 2000 km. Seine Lebensmittelwagen, seine Brennstoffreservoirs, seine Frischwasservorräte und seine vollkommenen technischen Einrichtungen erlauben es dem „fahrbaren Krankenhaus“, in kurzer Zeit Entfernungen zurückzulegen, an die ein Lazarett-Tross in den Jahren des Weltkrieges niemals hat denken können. Der Krieg von heute rechnet mit ganz neuen Massstäben. Das gilt auch für das Sanitätswesen.

Im Schatten Des Krieges

Brief aus Deutschland

Wenn man mit unternehmenden jungen Menschen zwischen 20 und 30 Jahren in Deutschland spricht und mit ihnen die Lebensmöglichkeiten nach dem Kriege erörtert, dann kann man immer wieder hören: „Naja, ich gehe erst einmal in die Kolonien.“ Der bisherige Kriegsverlauf lässt es diesen Deutschen als sicher erscheinen, dass Deutschland mit Kriegsende wieder eine Kolonialmacht ist. Mit dieser Tatsache an sich begnügt man sich, man fragt nicht viel weiter, welche Kolonien es sein sollen, wo sie liegen werden, wenn auch die Vorstellung wohl an die ehemaligen deutschen Kolonien in Afrika anknüpfen möge. Dafür sprechen auch jene Sprachkurse für afrikanische Eingeborensprachen, die jetzt in allen grösseren Städten Deutschlands veranstaltet werden und die gut besucht sind. Man lernt Suaheli, die Eingeborensprache des ehemaligen Deutsch-Ostafrika, des heutigen Kenya der Engländer, eines — wie sich gerade in den letzten zwei Jahrzehnten herausstellte — ausserordentlich zukunftsreichen Kolonialgebietes. Die von dem Volksbildungswerk der Deutschen Arbeitsfront veranstalteten Kurse werden von jungen Beamten, Kaufleuten, Handwerkern, aber auch von Frauen besucht. Allwöchentlich zweimal finden sie sich in den Abendstunden auf den Schulbänken eines Berliner Gymnasiums zusammen. Ein Kenner afrikanischer Sprachen weilt die Suaheli-Schüler in die Geheimnisse dieses Bantudialekts ein, der mit den europäischen Sprachen nicht das mindeste zu tun hat, so dass zur Erlernung Ausdauer und Fleiss gehören. Sie lernen jetzt mitten im Krieg die Sprache Ostafrikas, damit sie nach Beendigung

des Krieges sofort als erste in die erwarteten deutschen Kolonien gehen können.

Auf den deutschen Standesämtern werden die Ferntrauungen jetzt immer häufiger. Diese Trauungen verlaufen wie üblich — nur einer fehlt dabei: der Bräutigam. Er steht bei der kämpfenden Truppe an der Front und wird vertreten durch einen Stahlhelm, der mitten auf dem Tisch des Standesbeamten vor dem Sessel der Braut liegt. Der Krieg diktiert den beiden jungen Menschen, die sich fürs Leben verbinden wollen, dass sie in dieser wehevollen Stunde ihres Lebens voneinander getrennt sind. Der Bräutigam hat vor seinem Bataillonskommandeur eine Erklärung unterzeichnet, in der er seinem unwiderruflichen Willen Ausdruck gibt, das Mädchen seiner Wahl zu heiraten. Er weiss und ist damit einverstanden, dass die Ehe in dem Augenblick zustande kommt, da seine Braut vor einem Standesbeamten erklärt, dass sie mit ihm die Ehe schliessen will. Zwei Monate hat sie Zeit dazu. Danach erlischt die Erklärung des Bräutigams ebenso sicher, wie sie vor Ablauf dieser Frist nicht widerrufen werden kann. Der Standesbeamte hält dem jungen Mädchen, das in wenigen Minuten den Namen des „ferngetrauten“ Mannes tragen wird, noch einmal die ganze Bedeutung ihres Entschlusses in ersten Worten vor. Er unterstreicht die Bedeutung der Ferntrauung, die eine abgewandelte Form der Kriegstraung darstellt. Laut und klar bekräftigt die junge Frau ihr „Ja“, leistet ihre Unterschrift, denkt wohl jetzt voll inniger Zuneigung an den Mann, mit dem sie nunmehr gemeinsam den

Lebenskampf weiterführen will. Ein wenig verwirrt von der Wirkung dieses Augenblicks schreitet sie hinaus, und spürt, dass sie nun auch eine der vielen Frauen ist, die infolge des Krieges allein dastehen.

Und auch das bringt der Krieg so mit sich: in den späten Nachtstunden zwischen ein und zwei Uhr funken die deutschen Sender den sog. Soldatenfunk. Es ist etwas ähnliches wie früher der Schiffsfunk, der allnächtlich den Seeleuten weit drussen auf den Weltmeeren dringende persönliche und familiäre Mitteilungen übermittelte. Ueber einen gewaltigen Raum, von Polen bis zur Küste des Atlantik und hoch hinauf nach Norwegen, sind die deutschen Soldaten verstreut. Gewiss gibt es Feldpost, Feldtelefon und Feldtelegraph. Aber in gewissen Fällen reichen sie nicht aus. Und so funken die deutschen Sender ihre Botschaften denn allnächtlich in den Aether „Feldpostnummer 11 00

Kriegsbericht Hans Herbert Hirsch

Ziel: Flugplatz Rochester!

Deutsche Kampfflugzeuge schossen die „besten Jäger der Welt“ ab

Bei klarstem Sonnenwetter sind wir in Nordfrankreich gestartet. Durch einen herrlichen Himmel lichter Kumuluswölkchen schraubte sich die Gruppe bis zu der Höhe, in der sich das Geschwader vereinte. Ueber X. trafen wir mit Jägern und Zerstörern zusammen, die ähnliche Aufgaben wie wir hatten.

Dünkirchen kommt unter uns in Sicht. Grau und braunrot liegen die Trümmer der einst heiss umkämpften Stadt unter uns. Unheimlich tot wirkt der Anblick.

In knapp zehn Minuten haben wir den Kanal überflogen und sind jetzt über der englischen Küste. Von der in der englischen Propaganda so laut und marktschreierisch gepriesenen Abwehr ist noch nichts zu spüren. Jedenfalls schießt bis jetzt weder die Flak, noch zeigen sich irgendwelche der „besten Jäger der Welt“: Spitfires, Hurricane oder Defiants.

Unbehindert fliegt unser Kampfgeschwader seinen Kurs weiter, in wohlgeordneter Formation fliegt Kette hinter Kette und dann Staffel hinter Staffel und Gruppe neben Gruppe. Rein schulmässig geht dieser Vorstoss in das Innere Englands, in das Herz dieses Landes mit einer wahnwitzigen Führung vor sich. Wir fiebern alle in Erwartung des Zieles und des Befehls zum Angriff. Flugplatz Rochester südwestlich London ist unser Ziel!

Unter uns tauchen die ersten Sperrballone auf. Wie dicke schwarze Würste stehen sie zwischen den dünnen Wolkenfetzen, für uns ohne irgendwelche Bedeutung.

Es zuckt in allen Fingern, gern würden wir ein paar Löcher in die Pellen dieser plumpen Dinger schiessen, aber wir haben einen anderen Auftrag. Vielleicht auf dem Rückweg ... Canterbury unter uns. Ach, habt ihr uns doch schon entdeckt?! Ganz plötzlich hängen rechts und links über uns Flakwölkchen in der Luft. Aber sie vermögen den Verband nicht zu sprengen, ruhig ziehen die deutschen Kampfmaschinen weiter ihre Bahn.

Das Ziel liegt unter uns. In allen Einzelheiten ist der Flugplatz zu erkennen; genau wie das Luftbild, das der Fernaufklärer mitbrachte, breitet sich das Fluggelände unter uns aus. Da sind die beiden Flugzeughallen, die drei Flughafengebäude, die im Bau befindlichen Unterkünfte, der Justierstand und die beiden Funkmasten. Der Platz ist mit Jagdverbänden belegt; einzelne Maschinen stehen noch am Rande des Rollfeldes, die anderen werden schon in der Luft sein, um unseren Angriff abzuwehren.

Die ersten Bomben fallen. In steiler Kurve jagen die verderbenbringenden „Eier“ dem Erdboden entgegen, detonieren mit mächtiger Stichflamme und riesiger Sprengwolke, da, wo sie hinfallen, Zerstörung und Brand zurücklassend. Staffel auf Staffel fliegt an, mitten drein in das rasende Abwehrfeuer der

28, Kanonier Werner Müller, Kind und Frau wieder besser, lassen grüssen, Brief unterwegs“, oder „Feldpostnummer 23 478, Leutnant Paul Weber, Mutter seit drei Wochen ohne Post, bitte sofort Nachricht geben“, oder „Feldpostnummer 75 369, Unteroffizier Heinrich Heissmann, bitte in dringender Familienangelegenheit sofort zu Hause melden“. Wenige Sekunden dauert nur jede Botschaft, eine Stunde lang währt allnächtlich diese Sendung. Nachdenklich hört man zu. Und aus dem anonymen Grau der Masse der Soldaten schälen sich die persönlichen Schicksale des einzelnen heraus, sieht man die Menschen vor sich treten mit ihren eigenen Sorgen und ihrem eigenen Erleben. Das grosse Geschehen, von dem so viel geredet wird, dass das Schicksal des einzelnen darüber beinahe vergessen wird, tritt zurück. Man empfindet mit diesen Müttern, die ihren Ruf voll Sorge in die Welt senden lassen, man stellt sich vor, was hinter den Familienmitteilungen alles stehen kann.

Flak. Kein Flugzeug wird getroffen, alle drehen wohlbehalten wieder ab und machen sich auf den Heimweg. Ein Blick zurück. Der Flughafen ist ein rauchender, brennender Trümmerhaufen. Das Rollfeld wurde zu einem Trichterfeld; da, wo Hallen und Unterkünfte standen, schwelen Brände und explodieren Munitions- und Benzinvorräte. Nordwestlich des Platzes stand die Flugmotorenfabrik Pobjoy Air Motors and Aircraft Ltd. mit Werkhallen und Nebengebäuden, auch sie war einmal ...

Zerstörung, Brand, Tod — England hat es so gewollt!

Zur Ehrenrettung der „besten Jäger der Welt“ sei erwähnt, dass sie jetzt auf dem Plan erschienen. Gleich ein ganzer Haufen kommt angeschwirrt, geradenwegs von vorn versuchen sie den Verband zu zersprengen und ihn dann in gemeinsamer Feuerkraft auseinanderzureissen. Die erste ist heran, Typ Hurricane. Schon auf weite Entfernung beginnt sie zu schiessen, feuert aus allen Röhren auf uns und kann auch Treffer anbringen. Es knallt und kracht in der Kabine, als ob die Hölle los sei. Holz und Glas splintern, die Fetzen fliegen nur so zwischen uns herum.

Als erster wird der Flugzeugführer verwundet, glatter Oberschenkeldurchschuss. Dann setzt der linke Motor aus; der Beobachter ruft, dass auch er verwundet ist.

Das war zuviel auf einmal. Der Bordfunker hockt an seinem MG., einen Feuerstoss nach dem andern hinüberjagend, his der Jäger, der in Sekundenschnelle über uns hinwegbrausen will, in die Garben hineinfliegt. Rauchfahne, Stichflamme, senkrechter Absturz. Dass wir jenseits des Kanals notlanden müssen, ärgert uns nun nicht mehr.

Die anderen Briten haben unsere Nachbarmaschinen angegriffen; manche kommt bös zugerichtet nach Hause, einige mit mehr als 30, 40 Einschüssen, aber sie kommen nach Hause, bringen die Besatzungen heil zurück und haben ihren Auftrag erfüllt. Eine ganze Reihe der britischen Jäger fiel unseren Jägern und Zerstörern in die Hände, und da waren sie dann auch in „guten Händen“.

Aus der „Dora“ hebt man den Flugzeugführer heraus. Um die Schulter trägt er schon einen Notverband. Ein Sanitätskraftwagen rollt heran. Ein Querschläger hat dem tapferen Feldweibel die rechte Schulter durchschlagen. Der sofortige ungeheure Blutverlust hatte eine Ohnmacht zur Folge, und noch über England hoben ihn Bordfunker und Bordschütze aus seinem Sitz und verbanden ihn notdürftig. Der Beobachter flog die Maschine bis über den Feldflughafen und wechselte dann wieder den Platz mit dem inzwischen zu sich gekommenen Flugzeugführer. Mit zerschossener Schulter und einem kraftlosen Arm landete Feldweibel Sch. die ziemlich stark beschädigte Maschine. Auf einem Rad rollte die „Dora“ aus, die Gummibereifung des anderen Fahrgestellrades hing in Fetzen unter dem Rumpf ...

Rauchwolken und Schiffsstücke wiebeln durch die Luft

Kapitänleutnant Rollmann erzählt von seiner Fahrt / Kriegsbericht J. Brennecke

Immer näher schiebt sich das U-Boot an die Pier. Der Befehlshaber der Unterseeboote, Konteradmiral Dönitz, mit den Offizieren seines Stabes ist erschienen. Eisern steht die Ehrenkompanie. Drei donnernde Hurras brausen den Tapferen entgegen. Und nicht minder kräftig, wenn auch etwas rauher und dunkler in der Stimme, kehren sie zurück von denen da im grauen, öligen, verschmierten Arbeitszeug, von denen da, die an Deck des Bootes stehen und aus deren Augen Stolz und Freude leuchten, deren Gesichter aber die Härte der Tatbereitschaft, des Opfers und des Kampfes tragen. Der Bart — auch der fehlt nicht, Wilde braune oder schwarze Krausen schmücken die Gesichter dieser Männer; oben im Turm der Kommandant. Seine Aermelstreifen sind zerschissen und verblühen.

Als erster springt der Kommandant an Land, entert die steile eiserne Stufe der Molé und

wird von seinem Admiral durch Handschlag begrüsst. Mit dem Kommandanten begibt sich dann der Befehlshaber der Unterseeboote an Bord. Vor der angetretenen Besatzung spricht der Admiral soldatisch knappe Worte der Anerkennung. Er erwähnt in seiner Ansprache noch einmal die grossartigen Erfolge des Kapitänleutnants Wilhelm Rollmann und überreicht ihm das Ritterkreuz.

Wir steigen hinab durch das enge Turmluk des Bootes und sprechen unten in seinem Heiligum den Kommandanten, einen gebürtigen Wilhelmshavener, gross geworden in Friedrichshafen und Koburg. Kapitänleutnant Rollmann erzählt:

„Gaaergenau saß der Aal“

„Ja, es ist vielleicht merkwürdig, aber so ungemein schön, dass wir ausgerechnet zu Beginn und zum Abschluss der Fahrt ein englisches Kriegsschiff vernichteten. Sehen



Sie, der Zerstörer lief uns, nachdem wir 14 Tage in See waren, vor das Rohr. Zerstörer abzuknallen, ist für einen U-Boot-Kommandanten von vornherein keine leichte Aufgabe. Wie bekannt, sind diese Schiffe, deren Hauptaufgabe es u. a. dank ihrer hohen Geschwindigkeit und Manövrierfähigkeit ist, U-Boote anzugreifen, zu rammen oder durch Wasserbomben zu versenken, die gefährlichsten Gegner der Unterseebootwaffe. Es war eine harte, langwierige Arbeit, überhaupt an den Zerstörer heranzukommen.

Er fuhr wilde Zick-Zack-Kurse und wechselte dauernd seine Fahrtstufen. Und dennoch gelang es mir, eine gute Schussposition zu erreichen.

Er musste fallen, der Wirbelwind. O ja, ich hatte ihn erkannt, diesen flinken, aber nicht allzu flinken Burschen. Schussposition. Rohr ausfahren. Rohr ein! Torpedo fertig — los!

Sie können es nicht begreifen, niemand an Land wird es begreifen, was das für Sekunden sind, dieses grausame Warten auf den Treffer, das sind keine Sekunden mehr. Wie Ewigkeiten drängen sie sich auf. Durch das Schrohr erblicke ich fast gleichzeitig mit einer unser Boot durchschüttelnden Detonation eine in den Himmel steigende Rauchfahne. Genau mitschiffs, aber auch haargenau sass unser Aal. Der ersten Detonation folgt eine zweite. Noch einmal wirbeln Rauchwolken und Schiffsteile durch die Luft. Vermutlich sind Munitionskammern oder die Kessel detoniert.

Minenfischen bei Mitternachtsonne

Don einem Teilnehmer

Voraus an Steuerbord das ausgezackte, wuchtige Felsmassiv, achteraus der riesige Inselfelsklotz, der den Berghängen vorgelagert ist, und an Backbord ein breit ausladendes, verwittertes Felsrelief — das sind die Markierungen eines der fesselndsten Reviere hier oben an der Nordküste Norwegens, in denen jemals die flinken deutschen Räumboote auf Minenjagd gingen. Den Minenfeldern geht es zuleibe, mit denen England die Erzzufuhr nach Deutschland abriegeln wollte.

Es ist ein Glückstag heute, ein Fangtag, wie er den Räumbooten nur selten beschert ist. Zwar schaukelt die hohe Dünnung die kleinen Boote tüchtig hin und her, aber sie machen sich nicht viel daraus, denn im übrigen ist das Wetter prächtig.

Kaum sind wir beim Minenfeld angelangt und machen den ersten Turm, da brüllt schon unser Sperrmaat: „Ausgeschluppt!“ Die Sirene heult. „Aiee!“ frohlocken die Männer auf der Brücke und schnalzen mit den Fingern: „Das erste Ei!“ Nein, gleich zwei Eier. Achteraus tanzen die stacheligen schwarzen Teufelskugeln auf den Wellen. Und schon tutet's auf dem Nachbarboot und fast im selben Augenblick auch hinten auf dem Boot ganz rechts. Noch zwei Minen! Vier auf Anhieb — das macht Laune und ist von guter Vorbedeutung. „Vivant sequentes!“ ruft der Flottillenarzt herüber, der auf dem Nebenboot eingestiegen ist, und der Flottillenchef meint: „Das macht Spass, wenn was raus kommt!“ Und er fügt hinzu: „Wir müssen uns tüchtig ranhalten, wenn wir unsern Rekord halten wollen, die Minensuche hat mächtig geschafft und sitzt uns auf den Fersen.“

„Wir dürfen uns auf keinen Fall schlagen lassen,“ mahnt auch der Kommandant von dem Boot, das gerade an uns vorbeischießt und am Bug eine Meerjungfrau im Wappen führt, die zärtlich eine Mine umschlingt. Hält doch unsere Flottille mit rund 300 geräumten Minen den Rekord aller Minensuch- und Räumflottilien der deutschen Kriegsmarine, ein Rekord, der mit zäher Arbeit und letztem Einsatz eines jeden Mannes an Bord der Boote sauer erworben ist.

Der Ehrgeiz hat alle gepackt, der Drang, die Minen aus dem Wasser zu zaubern und unschädlich zu machen — diese Todfeinde des Seemanns. „Fünzig Minen müssen es werden!“ Eher laufe ich nicht ein!“ trumpft der Flottillenchef auf, und die Energie, die aus seinen Augen leuchtet, lässt keinen Zweifel darüber, dass er auch ausführt, was er sich in den Kopf gesetzt hat. „Na, Spass, Kinder! Bei der 20. gibt's einen Schnaps — ausnahmsweise!“

Es ist eine wahre Lust, die Flottille bei der Arbeit zu sehen. Da preschen die Boote mit hoher Bugwelle in einer Front, die, Dra-

Weggewischt war der Tommy

Ein Prachtwetter herrschte, die See vollkommen ruhig, als mein Ausguckmann voraus einen grauen Schatten ausmachte. Ein Mast — oder der Turm eines U-Bootes? Ran, immer näher ran. Wir fuhren über Wasser und mussten höllisch vorsichtig fahren. Also doch ein U-Boot, ein Prachtstück eines Engländers, unverkennbar an seinen Turmaufbauten. Ich ging auf Tiefe und manövrierte mich noch näher mit dem Seehorizont heran. Es dauerte lange, ehe ich endlich eine günstige Schussposition erreichen konnte.

Raus mit ihm, dem letzten seines Stammes. Ein leichter Ruck und der Torpedo verliess das Rohr. Warten, warten, warten — endlich ein Grollen und Rumoren. Durch das Schrohr nur eine Sprengwolke, und Sekunden später nichts mehr. Weggewischt war der Tommy. Aus!

Ich liess schnell auftauchen, um noch zu retten, was zu retten war. Nur einen einzigen Mann und auch diesen noch verletzt, konnte ich übernehmen — ausgerechnet einen Australier. Der vollkommen benommene Soldat erzählte später, dass er vor Wochen erst aus Australien gekommen wäre. Man hätte ihn nach einer kurzfristigen, völlig unzulänglichen Ausbildung auf dieses Boot gesetzt. Als Gefangener trat er nun seine letzte Seefahrt in diesem Kriege an.

„Tja, dat ist allens,“ endete Kapitänleutnant Rollmann.

chen“ hinter sich herschleppend, die wie kleine Torpedos durchs Wasser pflügen. Da holen sie das Gerät wieder ein, wenden, scheeren wieder heran, die Wurfleinen fliegen von Bord zu Bord. Da stieben sie wieder auseinander, Signalflaggen flattern auf, die Signalgäste hantieren, die Beine fest an Deck gestemmt, im Schaukeln der Boote mit den Winkflaggen und Morsescheinwerfern. Da schrillt die Signalpeife des Flottillenchefts, raseln die Maschinentelegraphen, springt der Steuermannsmaat, der die Peilungen vornimmt, vom Peilkompass zum Kartenhaus unermüdlich hin und her und macht seine Eintragungen. Und dazwischen immer wieder das Heulen der Sirenen: „Ausgeschluppt!“ — da peitschen die Schüsse der MG übers Wasser, die Scharfschützen betätigen sich im Abschiessen der Minen, die eine nach der anderen in das Wassergraben sinken.

Aber manchmal gibt es einen Knalleffekt. Da detoniert eine Mine schleudert Wasserfontänen turmhoch in die Luft, die sprühend in sich zusammenstürzen. Wie ein Schlag ist die Detonation im ganzen Boot zu spüren. Dann starrt alles gebannt auf dieses Schauspiel, dann stockt für ein paar Augenblicke der Betrieb, um gleich weiterzugehen. Bilanz des Vormittags laut Loggbuch: Zwölf Minen versenkt oder zur Detonation gebracht.

Nachmittags wechseln wir das Revier. Und wieder dasselbe Bild. Längst ist die zwanzigste Mine fällig gewesen und damit der versprochene Schnaps Nikolaschka. Die Nacht ist hereingebrochen, und im fahlen Licht der Mitternachtssonne wirkt alles zauberhaft verklärt und ist doch verdammt rauhe Wirklichkeit. Wieder heult die Sirene von Nachbarboot. Aber weit und breit ist keine Mine zu entdecken. Winkspruch Flottillenchef an Sperrmaat: „Ist Ihnen die Mitternachtssonne zu Kopf gestiegen?“ — Sperrmaat an Flottillenchef: „Nein, es war nur Uebereifer.“ Na also, Müdigkeit gibt's nicht. Energie und Müdigkeit des Flottillenchefts hält alle Männer munter, und die Arbeit geht in gleichem Tempo fort. Minen raus, Minen raus, immer mehr Minen raus!

So geht es auch die Nacht durch, die die Mitternachtssonne zum Tag macht. Und am Morgen sind es bereits 46 Minen. Weiter, immer weiter! Noch zehn Minuten, und es ist Nachmittag. Es will und will keine mehr heraus. Seit einer Stunde durchpflügen wir umsonst das Wasser. Dann also Schluss. Es ist auch so eine phantastische Leistung: sechsvierzig Minen in zweiunddreissigstündiger ununterbrochener Arbeit. Eine Leistung, die nur eiserner Wille äusserste Anspannung, letzte Hingabe jedes einzelnen Mannes erzwingen kann. „Und die Belohnung, Herr Kaleu?“ — „Eine Nacht Schlaf — morgen wieder seeklar!“

keine Funksprüche mehr empfangen. Flugzeug „Kurfürst“ ist damit taub geworden.

Die wichtige Nachricht, dass plötzlich dicker Seenebel über den Zielflughafen der „Kurfürst“ hereingebrochen und eine Landung nicht möglich ist, hat die Besatzung nicht mehr erreicht.

Jetzt steht das Flugzeug dicht vor der Küste und hat in wenigen Minuten den Platz erreicht. Die Männer in der Funkstelle horchen hinaus in die Finsternis der Nacht, in der jetzt vom Westen her Motorenlärm vernehmbar wird. Das sind die Kameraden, mit denen sich die Männer hier unten auf dem verantwortungsvollen Posten der Funkstelle eins fühlen müssen in dem schweren Dienst.

Scheinwerfer versuchen, ihre grellen Lichtkegel durch das Nebelgewoge nach oben zu werfen, um dem Flugzeug anzuzeigen: Hier seid ihr am Ziel, hier ist euer Ausgangshafen. Was werden sie auf der „Kurfürst“ machen? Das ist die bange Frage, die auf

Wirtschaftlicher Aufstieg in Böhmen und Mähren

Bevor die ehemalige Tschechoslowakei mit dem Deutschen Reich verbunden war, spielte die damals trostlose Lage der tschechoslowakischen Wirtschaft in der internationalen Diskussion eine besondere Rolle. Dieses Land war von Natur mit vielen Schätzen gesegnet und hatte doch eine Arbeitslosigkeit, wie sie kaum grösser in einem anderen Land je gewesen war. Besonders lagen die ehemals reichen Industrien des Sudetenlandes darnieder; man erinnere sich der lauten Klagen dieser Industrien, die ehemals zu den bedeutendsten des Oesterreichisch-Ungarischen Reiches gehört hatten, und es war schwer zu begreifen, weshalb diese früher auf gesunder Grundlage entstandenen reichen Gebiete einem solchen Niedergang anheimfallen mussten.

Inzwischen hat sich gezeigt, dass eine unglückliche Politik gegenüber den Minderheiten der alten tschechoslowakischen Republik wie auch die verständnislose Trennung von zusammengehörenden Gebieten mit zu den wichtigsten Ursachen des wirtschaftlichen Ruins gehörte. Als die Deutschen das Sudetengebiet besetzten und dieses damit von der Tschechoslowakei getrennt wurde, war das Minderheitsproblem gelöst, und wenigstens in diesem Teil der Republik der Aufbau der Industrien mit dem grossen Hinterland des Deutschen Reiches möglich. Aber die Lage der übrigen Teile der Tschechoslowakei, also des heutigen Protektoratsgebietes, war damit noch keineswegs gelöst. Böhmen und Mähren hatten zwar grosse Industriegebiete verloren, ohne jedoch neue Absatzmärkte für die eigene noch verbleibende Produktion gewonnen zu haben. Erst das Ende der Tschechoslowakischen Republik als eigener Staat hat eine neue Aera wirtschaftlicher Betätigung erschlossen, in der alle Kräfte dieses wirtschaftlich gut entwickelten Landes allmählich zu freier Entfaltung kommen konnten. Wie immer man zur Auflösung der Republik stehen mag, daran konnte von Anfang an niemand zweifeln, dass vom wirtschaftlichen Gesichtspunkt die Entstehung des Protektorats ganz neue Aussichten für eine bessere Entwicklung der tschechischen Wirtschaft schaffen musste.

Seitdem sind erst eineinhalb Jahre vergangen, also eine Zeit, die viel zu kurz ist, um diese neuen Möglichkeiten bereits voll zur Auswirkung bringen zu können. Trotzdem ist es erlaubt, an gewissen Erscheinungen schon jetzt ein Urteil darüber abzugeben, ob die Wirtschaft des Protektorats einem Aufstieg oder einem Niedergang entgegenstreitet. Staatspräsident Dr. Hacha äusserte sich vor kurzem hierzu folgendermassen:

„Wenn wir uns heute neuerlich das Los einiger kleiner Völker in diesem Krieg vor Augen führen, wissen wir die Vorteile zu würdigen, die sich daraus ergeben, dass wir von den unmittelbaren Leiden des Krieges verschont sind und dass das tschechische Volk insbesondere auf wirtschaftlichem Gebiet in Ruhe sein von Friedensliebe erfülltes Dasein fortsetzen kann. Das Reich fördert die wirtschaftliche Prosperität Böhmens und Mährens einerseits durch weitere Ausgestaltung des wirtschaftlichen Verkehrs mit dem Reichsmarkte, andererseits durch Respektierung der besonderen wirtschaftlichen Interessen, welche das Protektorat als Ganzes hat, namentlich auf dem Gebiete des Exportes. Auf diese wertvolle Hilfe gestützt, vermochte die tschechische Regierung eine Reihe bedeutsamer wirtschaftlicher und sozialer Fragen zu lösen, insbesondere die alte Frage der Arbeitslosigkeit, die Frage des Ernährungsplanes, des Ausbaus der gelenkten Wirtschaft auf dem Gebiete der Industrie, des Handels, des Handwerkes und der Landwirtschaft, die Organisation der Preis- und Wirtschaftskontrolle, die Erhöhung der Löhne und Gehälter usw.“

Der wertvollste Faktor für die Beurteilung der wirtschaftlichen Entwicklung eines Landes ist der Arbeitseinsatz. Die Arbeitslosigkeit ist ja nicht allein in wirtschaftlicher

dem Gefechtsstand der Gruppe und auf der Funkstelle gestellt wird.

Gleich muss der Betriebsstoff zu Ende sein. Werden sie mit den Fallschirmen abspringen, um sich zu retten? Was werden sie tun? Eine Landung bedeutet restlosen Bruch. Und dann verstummt plötzlich das Motorengeräusch. Man vernimmt nichts mehr. Die Männer auf dem Boden können nichts tun, können nur abwarten. Die Ungewissheit über das Los der Kameraden bedeutet allen eine Qual.

Es währt eine lange Zeit, ehe das Telefon schrillt. Die Besatzung meldet sich. Man will es kaum glauben. Die Meldung wirkt wie eine Sensation. Durch eine etwas lichtere Stelle im Nebel hat der erfahrene Flugzeugführer den Aufklärer unmittelbar im flachen Strand heil landen können. Kurz entschlossen und im letzten Augenblick der sich noch bietenden Chance hat der Mann damit seine Kameraden und die wertvolle Maschine gerettet.

Hinsicht, sondern auch unter jedem anderen Gesichtspunkt des staatlichen Lebens die verehendste Erscheinung einer niedergehenden Wirtschaft. Im Protektorat ist es nun gelungen, schon in einem Jahr die Zahl der Arbeitslosen von 92.859 auf 20.870 zu senken, und die Zahl der Beschäftigten von 1.707.345 auf 2.103.911 zu erhöhen. Diese beiden Zahlen sind aufschlussreich, einmal für die Tatkraft und den Erfolg, mit der das Problem der Arbeitslosigkeit überhaupt angefasst und gemeistert worden ist, zum anderen auch dafür, dass es in der kurzen Zeit bereits gelungen ist, über die alten Arbeitsmöglichkeiten hinaus neue zu schaffen. Denn es ist ja nicht allein die Arbeitslosigkeit dadurch stark gemindert worden, dass zahlreiche tschechische Arbeiter im Altreich und in der Ostmark Arbeit gefunden haben, sondern es sind auch im Protektorat selbst die Beschäftigungsmöglichkeiten ausserordentlich gestiegen.

Hier also zeigt sich der Vorteil des Anschlusses an das Reich besonders deutlich, und die weitere Rückwirkung auf die Belegung der Wirtschaft gleichzeitig noch darin, dass die im Reich arbeitenden Tschechen in erheblichem Umfang ersparte Lohngelder in ihre Heimat senden konnten. Dieser Betrag wurde bisher bereits mit 90 Millionen Kronen beziffert. Er kommt der Wirtschaft im Protektorat zur Anlage auf Sparkonten, Banken sowie zur Steigerung der Kaufkraft zugute. In allen Fällen trägt dieses Geld wiederum zur Steigerung der Produktion in Böhmen und Mähren bei.

Es hat sich infolge dieser Belegung der Wirtschaft schon jetzt als notwendig erwiesen, durch eine Regelung des Arbeitsmarktes dafür Sorge zu tragen, dass die erforderlichen Fachkräfte auf ihren Gebieten bereitgehalten werden. Dies gilt nicht zuletzt auch für die Landwirtschaft, der arbeitslose Notstandsarbeiter und Rentenempfänger zugeführt werden können. Ebenso ist dafür gesorgt, dass in der Landwirtschaft wie auch in der Metallindustrie nicht durch einen willkürlichen Wechsel der Arbeit plötzlich die Produktion gefährdet wird. Deshalb ist auch für eine allgemeine Arbeitspflicht bereits eine gesetzliche Grundlage geschaffen worden, die Arbeitspflicht aber noch nicht in Kraft getreten. Auch die Arbeitslosenhilfe wurde für diejenigen Fälle, in denen die Arbeitslosigkeit sich nicht umgehen lässt, unter dem Gesichtspunkt einer sorgfältigen sozialen Betreuung gebessert.

Unter den Industrien von Böhmen und Mähren treten besonders die Metall- und Textilbetriebe hervor. Die Eisen- und Metallindustrie war von jeher besonders stark im Protektoratsgebiet vertreten. Diese gewaltige Industrie, die von der Eisenerzeugung über die Hüttenwerke bis zum Edelmetall und den hochentwickelten Veredlungsbetrieben in engem Raum zusammenlebt, war nach dem Verlust der österreichisch-ungarischen Märkte in entscheidendem Umfange auf den Export angewiesen. Der kleine tschechoslowakische Staat konnte mit dieser grossen Produktion selbst nicht fertigwerden, und die Industrie musste sich selbst den Weltmarkt erobern. 1937 betrug der Anteil der Eisenindustrie am Export des Landes 25,7 vH. Nach der staatspolitischen Wendung hat sich dieser Anteil noch wesentlich erhöht; er macht nach der Eingliederung des Protektorats fast 60 vH. aus. Die Textilindustrie Böhmens und Mährens beschäftigt heute wieder mehr als 100.000 Menschen, zu denen noch die Heimarbeiter hinzukommen. Durch den Krieg sind dieser Industrie besonders grosse Aufgaben entstanden, so dass die Befriedigung des eigenen Bedarfs zusammen mit dem hochentwickelten Export genügend Arbeitsmöglichkeiten für die Werke dieses Industriegebietes geschaffen haben. Auch die Landwirtschaft hat wesentliche Fortschritte gemacht, wie sich auf der landwirtschaftlichen Ausstellung in Prag zeigte; sie ist dem Ziel der Selbstversorgung durch Intensivierung schon erheblich nahe gerückt.

Flugzeug „Kurfürst“ hört nicht mehr

Erlebnis aus der Arbeit unserer Fernaufklärer / Kriegsbericht Albert Klapprott

Den Männern der Bodenfunkstelle einer Fernaufklärergruppe schlägt der Puls schneller, als sie auf den Kameraden blicken, der am Funkgerät angestrengt horcht und mit den Tasten das Rufzeichen des Fernaufklärers in den Äther hinausjagt. Flugzeug „Kurfürst“ ist im Anflug zum Horst nach vieltündigem Aufklärungsflug über dem Nordmeer und an der englischen Ostküste.

Das ist an sich eine Alltäglichkeit bei den Fernaufklärern, die von der östlichen Flankenstellung aus das englische Inselreich erkunden und auf schwierigen Flügen in mühe-

voller Kleinarbeit wichtige Erkundungsergebnisse sammeln.

In der Funkerbude schrillt das Telephon. Anruf vom Gefechtsstand der Gruppe. Der Staffelpatrolle fragt an, ob sich die „Kurfürst“ auf die verschiedenen Anrufe hin gemeldet und die für sie ausgesandten wichtigen Funksprüche bestätigt habe. Das ist nicht geschehen. Man weiss, dass ein englischer Flak-Treffer die Peilanlage und den Funkempfänger der „Kurfürst“ beschädigt und gebrauchsunfähig gemacht hat. Die Maschine kann nur noch senden, aber selbst

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt ...

Berlin, 13. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht veröffentlicht am Freitagmittag den folgenden Heeresbericht:

„Eines unserer U-Boote versenkte 6 feindliche bewaffnete Handelsschiffe mit insgesamt 37.600 BRT. Britische Flugzeuge, die in der Nacht Einflüge nach Nord- und Westdeutschland durchführten, konnten ihre Ziele nicht erreichen. Die wenigen Bomben, die auf Wohnviertel und ein Dorf abgeworfen wurden, richteten nur geringen Schaden an. Bei eigenen Flügen der bewaffneten Aufklärung über Südengland wurden Industrieanlagen in London, Bexhill, Brighton, Banbury und anderen Orten bombardiert. Südwestlich der Insel Man wurde ein 8000-Tonnen-Handelsschiff schwer beschädigt. In der Nacht zum 13. September bombardierten deutsche Geschwader wiederum die Hafen- und Dockanlagen von London und Liverpool und riefen neue Brände und Explosionen hervor. Die Vermutung der britischen Häfen wurde fortgesetzt. Ein feindliches Flugzeug wurde abgeschossen, ein eigenes fehlt. In der Nacht vom 12. zum 13. September versuchten leichte feindliche Seestreitkräfte den Hafen von Boulogne zu bombardieren. Der Gegner, der nicht den geringsten Schaden angerichtet hatte, wurde durch das Feuer unserer Küstenbatterien verjagt.“

Berlin, 14. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht veröffentlicht am Samstagmittag den folgenden Heeresbericht:

„Trotz ungünstiger Witterungsbedingungen setzte die deutsche Luftwaffe am Freitag während des Tages sowie in der Nacht ihre Vergeltungsangriffe gegen die englische Hauptstadt fort und konnte dabei zahlreiche Volltreffer an den Docks, Lagerhäusern und Fabriken erzielen. An verschiedenen Punkten sind neue Brände ausgebrochen. Ausserdem wurden mit Erfolg Flughäfen, Industrieanlagen und Eisenbahnen in Südostengland bombardiert. Der Feind führte einige Einflüge von kurzer Dauer in Holland, Belgien und Frankreich durch und warf an verschiedenen Stellen Bomben ab, ohne jedoch bedeutenden Schaden anzurichten. Infolge des stark bedeckten Himmels fanden im Laufe des Tages nur vereinzelte Luftkämpfe statt. Acht feindliche Flugzeuge wurden durch Jäger und Flak abgeschossen, zwei eigene Flugzeuge fehlen.“

Berlin, 15. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Sonntagmittag mit:

„Trotz bedeckten Himmels setzten die deutschen Fliegergeschwader am 14. September und in der Nacht zum 15. September ihre Vergeltungsangriffe gegen kriegswichtige Ziele in Mittel- und Südengland, insbesondere in London, fort. In der britischen Hauptstadt wurden Volltreffer auf den Docks und Hafenanlagen erzielt. Wirksam bombardiert wurden der Hafen von Liverpool, die Walzwerke von Warrington, verschiedene Flugplätze und Verkehrsanlagen sowie südenglische Häfen. Während des Angriffs auf einen Geleitzug im Norden Irlands wurde ein Handelsschiff von 8000 t versenkt. Ueber London fanden verschiedene Luftkämpfe statt, die für unsere Jäger günstig ausfielen. Bei nächtlichen Einflügen warf der Feind Bomben auf kleine Ortschaften in Belgien, Holland und Westdeutschland ab, wobei ein Truppenübungsplatz das einzige militärische Ziel war, das getroffen wurde. 7 Personen wurden getötet und 16 verletzt; der Materialschaden ist unbedeutend. Die Flak schoss 5 feindliche Flugzeuge ab, unsere Jäger 25. Fünf eigene Apparate sind nicht zurückgekehrt. Oberleutnant Müncheberg erzielte seinen 20. Luftsieg.“

Berlin, 16. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Montagmittag mit:

„Am 15. September und in der Nacht zum 16. September wurden unter sehr schwierigen atmosphärischen Bedingungen die Vergeltungsflüge gegen London fortgesetzt. Un-

sere Kampfflugzeuge griffen die Docks und Hafenanlagen an und trafen die Gasanstalt von Bromley mit einer schwerkalibrigen Bombe, setzten ein Gasolinlager in Brand und erzielten Volltreffer auf Bahnhöfen, kriegswichtigen Fabriken in Woolwich und anderen Stadtteilen. Während dieser Angriffe kam es zu heftigen Luftkämpfen. Weiter wurden bombardiert die Hafenanlagen von Dover und Portland, wo ein Gasolinlager in Brand geworfen wurde. Weiter wurde eine Flugzeugfabrik in Southampton angegriffen. An der irischen, schottischen und ostenglischen Küste wurden beim Angriff auf verschiedene Geleitzüge zwei Handelsdampfer mit insgesamt 18.000 t versenkt, einer in Brand geworfen und ein weiterer schwer beschädigt. Ferner wurde ein Handelsdampfer von 8000 Tonnen im Aermelkanal versenkt. Abteilungen der deutschen Luftwaffe griffen während der Nacht Liverpool und Birmingham an und riefen zahlreiche Brände hervor. Versuche feindlicher Flugzeuge die Reichshauptstadt während der letzten Nacht anzugreifen, scheiterten. In einigen westdeutschen Städten fielen einige Bomben auf Wohnviertel, an einer Stelle wurden mehrere Häuser zerstört und eine Schule geriet in Brand. 2 Zivilisten wurden getötet und mehrere andere verletzt. Die Flak schoss ein Flugzeug, die Nachtjäger ein weiteres ab. Der Hafenschutz und Patrouillenboote der Kriegsmarine konnten an der Kanalküste drei feindliche Flugzeuge abschieseln. Gestern verlor der Feind insgesamt 79 Flugzeuge, 43 eigene Maschinen kehrten nicht nach ihren Basen zurück.“

Berlin, 17. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Dienstagmittag mit:

„Am Montag haben unsere Küstenbatterien wiederum den Hafen von Dover beschossen. Es konnten mehrere Volltreffer an britischen Handelsschiffen festgestellt werden.“

Infolge der schlechten Witterungsbedingungen beschränkte sich die Tätigkeit der Luftwaffe am 16. September vormittags auf bewaffnete Aufklärung. Im Verlauf dieser Operationen wurden wirksam Flugplätze in Mittel- und Südengland und die Hafen- und Industrieanlagen von Whithy mit Bomben belegt. Gegen Mittag wurden die Vergeltungsangriffe gegen London fortgesetzt, die ohne Unterbrechung und mit steigender Heftigkeit bis zum Morgen des 17. September fortgesetzt wurden. Hafenanlagen und Docks sowie andere kriegswichtige Ziele wurden mit zahlreichen Bomben aller Kaliber belegt, so dass an vielen Stellen Brände ausbrachen. Auch Nachtangriffe gegen Liverpool wurden durchgeführt. 3 feindliche Flugzeuge wurden im Luftkampf abgeschossen, ein weiteres am Boden zerstört. Zwei eigene Flugzeuge kehrten nicht zu ihren Horsten zurück. Im Laufe des Tages und der Nacht unternahm der Feind keinen Angriffsversuch auf deutsches Gebiet.“

Italienischer Heeresbericht

Rom, 12. (TO) — Das italienische Hauptquartier veröffentlicht am Donnerstagmittag den folgenden Wehrmachtsbericht:

„Italienische Flugzeuge bombardierten wiederum während des Tages und in der Nacht die Eisenbahnanlagen an der ägyptischen Küste und die feindlichen Stellungen bei Sollum und Sidi-el-Barani. Es brachen Brände aus, Explosionen wurden hervorgerufen und grosse Schäden angerichtet. Feindliche Panzerwagen wurden angegriffen, teils zerstört und mit MG beschossen. Der Feind versuchte einen Luftangriff gegen Derna, wurde jedoch von unserer Flak abgewiesen. Ein feindliches Blenheim-Flugzeug wurde abgeschossen, ein weiteres wurde wahrscheinlich zerstört. Eines unserer Flugzeuge ist nicht zu seiner Basis zurückgekehrt. Wie nachträglich bekannt wird, wurden bei der Bombardierung von Aden am 1. und 2. September zwei feindliche Torpedoboote versenkt. Unsere Geschwader bombardierten den Flugplatz von Khartum und erzielten einen Volltreffer an einem Flugschuppen.“

Ferner wurden der Eisenbahnknotenpunkt und die Anlagen von Hayia, der Eisenbahnknotenpunkt und der Flugplatz von Adhara mit Bomben belegt, wo zahlreiche Gebäude und drei Lagerhäuser getroffen wurden. Ein ausbrechender Brand war auf weite Entfernung sichtbar. Alle unsere Flugzeuge sind zurückgekehrt. Der Feind versuchte mit Handgranaten und kleinkalibrigen Geschützen den Brückenkopf von Casalla anzugreifen. Das Feuer unserer Artillerie zwang ihn jedoch, nach einstündigem Kampf zu fliehen. Wir hatten keine Verluste. Ein anderer Angriff gegen Dubat-Abteilungen bei Cherilli (an der Ostküste von Wajr) wurde nach zweistündigem Kampf ohne eigene Verluste abgewiesen. Ein englisches Flugzeug bombardierte das Wohnviertel von Assab; es wurden Beschädigungen an Häusern angerichtet, 1 Person getötet und 2 verletzt. Ein weiterer feindlicher Luftangriff gegen den Flugplatz von Scasciaman südlich Addis-Abeba richtete geringen Schaden an. Ein feindliches Flugzeug wurde abgeschossen und die drei Mann Be-

satzung gefangenengenommen. Feindliche Flugzeuge versuchten einen Angriff auf die Flottenbasis Massaua, warfen jedoch angesichts des sofortigen Einsetzens der Luftabwehr ihre Bomben ins Wasser. Bei dem feindlichen Luftangriff auf Dessie, der im vorgestrigen Heeresbericht erwähnt wurde, wurden zwei feindliche Flugzeuge abgeschossen. Eines unserer U-Boote ist zu seiner Basis zurückgekehrt, nachdem es im Atlantik 27.000 t englischen Schiffsraumes versenkt hat.“

Rom, 13. (TO) — Das italienische Hauptquartier veröffentlicht am Freitagmittag den folgenden Heeresbericht:

„Nachdem es im Atlantik englische Handelsschiffe mit insgesamt 18.000 t, und zwar einen Tanker von 10.000 t und einen Dampfer von 8000 t mit voller Ladung versenkt hat ist eines unserer U-Boote in den Heimathafen zurückgekehrt. In Nordafrika setzte unsere Luftwaffe ihre Tages- und Nachtangriffe auf feindliche Stellungen, Kraftwagenparks und andere militärische Ziele an der ägyptischen Küste fort. Ein Erdöldepot wurde in Brand geworfen und durch verschiedene Volltreffer wurden Lastautos und Panzerwagen unbrauchbar gemacht. In Ostafrika griffen unsere Geschwader ein Zeltlager und Baracken bei Abiq im Sudan sowie eine feindliche Kolonne von 20 Lastkraftwagen im Gebiet von Katulo (Kenya) an. Der Feind führte Luftangriffe gegen Massaua durch, das vier Angriffe erlebte, und beschädigte einen Schuppen, weiter gegen Assab, wo ein Krankenhaus, eine Lazarettküche und Wohnhäuser im Stadtzentrum zerstört wurden; es gab 6 Tote unter der italienischen und Eingeborenenbevölkerung und einen Verletzten. Weiter flog die englische Luftwaffe gegen Asmara und Gura an, wo der angerichtete Schaden unbedeutend ist. Schliesslich wurden die Flugplätze von Gimma und Sciasciamanna bombardiert, wo leichte Schäden verursacht und 9 Personen verwundet wurden. Ein feindliches Flugzeug wurde von unseren Jägern abgeschossen, wahrscheinlich haben auch 2 weitere Flugzeuge ihren Stützpunkt nicht mehr erreicht.“

Rom, 15. (TO) — Das Oberkommando der italienischen Wehrmacht teilt am Sonntagmittag mit:

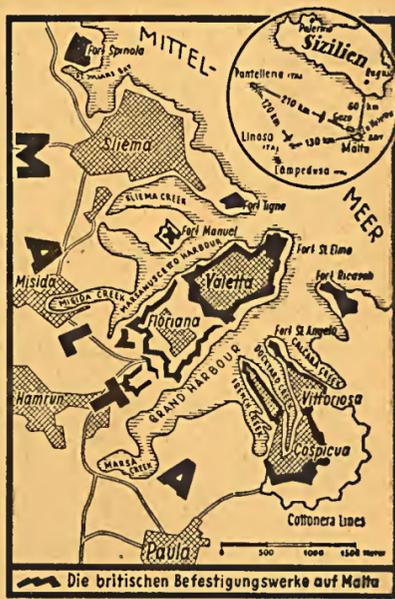
„In der Cyrenaika haben unsere vorgeschobenen Abteilungen die Grenze überschritten und liegen in lebhaftem Kampf mit feindlichen Streitkräften. Unsere Luftwaffe nimmt an den Kämpfen teil, bombardiert und greift im Tiefflug feindliche Truppenkonzentrationen und Lastkraftwagenkolonnen an. Zwei feindliche Blenheim-Flugzeuge wurden abgeschossen. Das Arsenal von Valeta und der Wasserflughafen von Calafra auf der Insel Malta waren das Ziel nächtlicher Bombenangriffe. Trotz schlechter Witterungsbedingungen wurden bei allen Zielen Volltreffer erzielt. Im östlichen Mittelmeer wurden feindliche Streitkräfte neuerdings von unseren Fliegern bombardiert und getroffen. Unsere Flugzeuge kehrten sämtlich zu ihren Stützpunkten zurück. Im Indischen Ozean konnte ein britischer Kreuzer von 10.000 t, der von unseren Luftgeschwadern bombardiert, getroffen und schwer beschädigt wurde, nur mit geringer Maschinenkraft und dem Bug unter Wasser seine Fahrt fortsetzen. In Nordafrika unternahm der Feind einige Luftangriffe und warf Brandbomben über Bomba ohne irgendwelches Ergebnis ab. In Italienisch-Ostafrika führte der Feind Luftangriffe gegen das gesamte Gebiet zwischen Asmara und Adi-Uni durch, wobei ein Eingeborener getötet und einer verletzt und einiger Materialschaden in einem Dorf verursacht wurden.“

Rom, 14. (TO) — Das Oberkommando des italienischen Heeres teilt am Sonnabendmittag mit:

„Im östlichen Mittelmeer bombardierten unsere Luftstreitkräfte einen Geleitzug, der von mehreren Einheiten der Kriegsmarine begleitet wurde. Diese wurden später von unseren Wasserflugzeugen mit Torpedos angegriffen. Ein Dampfer mittlerer Grösse wurde von einem Torpedo erreicht und blieb unbeweglich liegen, während die anderen Dampfer die Flucht ergriffen. Bei einem späteren Erkundungsflug stellte man fest, dass der getroffene Dampfer verschwunden war, er dürfte gesunken sein. Ebenso wurde ein zweiter beschützter Geleitzug wiederholt von unseren Bombern angegriffen. Dabei erhielt ein Handelsschiff einen Volltreffer und wahrscheinlich auch ein Kriegsschiff; letzteres stellte nämlich das Feuer ein. Trotz heftigen Feuers der Abwehrbatterien kehrten alle unsere Flugzeuge zu ihrem Stützpunkt zurück. In Nordafrika herrschte an der Cyrenaika-Grenze rege Tätigkeit der Aufklärungsabteilungen. In Ostafrika wurden feindliche Zeltlager in der Zone von Ras-el-Sili nördlich von Gallabad angegriffen und bombardiert. Ein feindliches Flugzeug, welches nach dem Angriff auf Sciasciamanna als wahrscheinlich abgeschossen im vorgestrigen Heeresbericht aufgeführt worden war, wurde von unseren Flugzeugen völlig ausgebrannt aufgefunden. Die aus einem Offizier und zwei Unteroffizieren bestehende Besatzung wurde gefangenengenommen.“

Rom, 16. — Das Hauptquartier des italienischen Heeres teilt am Montagmittag mit: „Unsere Truppen besetzten Sollum und zerstörten 50 britische Tanks und Panzerwagen.“

Malta e suas fortificações



Malta und seine Befestigungen

Der Vormarsch geht weiter. Der Feind hat auf seinem Rückzug zahlreiche Lager in Brand gesetzt. Durch unsere Luftwaffe wurden ihm schwere Verluste zugefügt. Eines unserer Geschwader bombardierte im Sturzflug den Hafen Halfar auf Malta und erzielte Volltreffer auf feindliche Luftabwehrbatterien und Flugzeughallen. Eine starke Explosion und gewaltige Rauchentwicklung wurden festgestellt. Feindliche Jäger starteten, aber vermieden das Zusammentreffen mit unseren Jägern. Unsere Sturzkampfflieger gingen darauf zum Angriff über, schossen eine Feindmaschine ab und beschädigten eine weitere. Alle unsere Flugzeuge kehrten nach ihren Stützpunkten zurück. Im östlichen Mittelmeer versenkten unsere Schnellboote ein feindliches U-Boot. Ein feindlicher Kreuzer, der von unseren Luftstreitkräften angegriffen wurde, erhielt einen Treffer durch eine Bombe mittleren Kalibers. In Ostafrika bombardierten unsere Flugzeuge militärische Einrichtungen des Feindes in Goss, Rejel und im Sudan. Feindliche Einflüge nach Assab, Massaua, Diredaua Asmara und Bura verursachten den Tod von vier Personen sowie geringen Sachschaden. In Matenne unternahmen Eingeborenenruppen einen überraschenden Angriff auf eine feindliche Karawane die von einem australischen Offizier geführt wurde, und schlugen den Gegner in die Flucht.“

Rom, 17. (TO) — Das Hauptquartier des italienischen Heeres teilt am Dienstagmittag mit:

„Im Abschnitt von Sidi-el-Barani fanden gestern heftige Kämpfe zwischen unseren Truppen, die vorrückten, und britischen Panzerkräften statt. Die Schlacht geht inmitten dichter Sandwolken weiter, die der warme Saharawind, der sogenannte Chibli, aufwirbelt. In den feindlichen Linien sind bestimmte Krisensymptome zu beobachten.“



Die Gesundheit ihres Sohnes

macht der Mutter häufig viele Sorgen, vor allem, wenn die furchtbare Diarrhoe den kindlichen Körper angreift. Aber da wir in den bekannten Eldoformio-Tabletten ein bewährtes Mittel gegen Diarrhoe besitzen, können wir dieses schwere Ubel verhüten.

Vergessen Sie niemals: **Gegen Diarrhoe stets**



Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern wie Erwachsenen helfen.

In Bade-Artikeln

erhielten wir ein überaus reichhaltiges Sortiment zu billigen Preisen

- Bade- und Handtücher
- Seifentücher
- Badeschuhe
- Badeteppiche
- Badepantoffel
- Bademäntel
- Frottierstoffe

GARNITUREN mit Badetuch, Badeteppich, 2 Handtücher, 2 Seifentücher, in hübschen, neuen Dessins

CASA LEMCKE
SAO PAULO — Rua Libero Badaró 303
— SANTOS — Rua João Pessoa 45-47 —



DIE NÄHMASCHINE
FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Casa Esperança

Delikatessen
ff. Aufschnitt
Feinkostmittel
für den feinsten
Geschmack u. in
allen Preislagen

Stets frisch

BARBETRIEB

Rua 7
de Setembro 79
na Avenida
RIO DE JANEIRO
Telephon: 23-1505

Herren-Schneiderei

Prima Mass-Anzüge
Kommt ins Haus
Erstklassige Referenzen
Rua Ouvidor Nr. 160
4. Stock, Saal 8
Telephon 42-7228
Rio de Janeiro



Pebeco ist ganz anders als die vielen Zahnpasten!

reinigt den Mund physiologisch und bekämpft wirksam Zahnfäule.

Rio-Besucher

befucht
DANUBIO AZUL
Avenida Mem de Sá 34
Telefon 22-1354
Prima Küche
Täglich Konzert
Ersten Stad Tanz

"UFAR"

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Telegraphadresse: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art
Zimmerantennen
Import von: Stablaternen
Fahrradlaternen
Trockenelementen
Radio-Material
Messinstrumenten

Casa Westfalia

Das deutsche Feinkostwarenhaus im Zentrum.
Alle Spezialitäten in frischen und Dauerwaren.
Aufschnitt, Konserven, Weine, Liköre, Butter,
Landbrot, Honig usw.

Bar- und Restaurationsbetrieb

Deutsche und internationale Küche. Täglich kalte und warme Spezialitäten. Deutsche Bedienung.
Jens Jensen - Rio - Rua da Assembléa 37

Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO
Altrenommierte Familienpension im Zentrum der Stadt. — Wunderschöne Lage.
Grosser Garten. — Mässige Preise.
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
Inh. N. Neubert

Bar und Restaurant „Buenos Aires“

Rio de Janeiro - Rua Buenos Aires 56
Telefon: 43-1097 — Besitzerin: Emma Hupe
Erstklassige internationale Küche
Geöffnet bis 9 Uhr abends

Bar und Restaurant Fischerklause

RIO - Tel. 43-5178
Rua Th. Ottoni 126 / Deutsche Küche / Brahma-Chopp — Inhaber: Fritz Schaade

Berretung Deutscher Morgen
R. dos Andradas 84
2. Stock, App. 23
Rio de Janeiro
Telefon 23-4977

BAR UND RESTAURANT

Cidade Heidelberg

GUTE BRASILIAN. U. DEUTSCHE KÜCHE
Sonntags geschlossen
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag
Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO
Tel. 23-0658

Hotel „Balneario“

RIO DE JANEIRO — COPACABANA
R. Siqueira Campos 43 / Tel. 27-3451
Das geeignete Haus für Geschäftsreisende
Tagespreis ab . . . Rs. 153000 compl.
Nahe am Badestrand und gute Verbindungen
Bond und Omnibus vor der Tür
Heinrich F. Lucas

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGI & FUCHS
SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
Aufschnitt
RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO
(Ecke Barão de Ipanema)
Geöffnet bis 1 Uhr nachts — Tel. 47-0805

Yacht Club Brasileiro, Nitheroy

Aus Anlass des vierunddreissigjährigen Bestehens des Clubs, das am Samstag abend durch ein Festessen gefeiert worden war, fand am vergangenen Sonntag nachmittag die traditionelle Jubiläums-Regatta statt, die um 2 Uhr ihren Anfang nahm und an der neben den eigenen Booten auch solche des Yacht Club Fluminense, des Club dos Caiçaras und der Escola Naval teilnahmen.

Infolge des bereits zu Anfang ausserordentlich heftigen und sich im Laufe der Regatta ständig steigenden Sturmes konnte nur ein Teil der gestarteten Boote das Ziel erreichen. Eine Reihe Boote musste die Fahrt bereits nach der ersten Runde abbrechen, wenn sie nicht mit Sicherheit Bekanntschaft mit dem nassen Element machen wollte, andere machten diese Bekanntschaft, d. h. sie kenterten, da sie sich und ihrem Boot zuviel zugefrat hatten, und mussten mit Hilfe herbeigerufener Lanchen nach Hause geschleppt werden, wieder andere hatten Mastbrüche, zerrissene Segel oder sonstiges „Kleinholz“ zu verzeichnen, kurz eine Sturmregatta, die der vorjährigen, ebenfalls ausgesprochenen „Sturm“-Jubiläumsregatten in nichts nachstand und vor allem auch die infolge des schönen Sonntagsnachmittagswetter zahlreich erschienenen Zuschauer voll und ganz auf ihre Kosten kommen liess.

Während der Kurs der Sharpies und Jollen über das bekannte Sacco-Dreieck führte, hatten die grossen Boote — Guanabara-Kreuzer, Klasse Mixta „A“ und „B“ — ihren Weg

über die Calaboco-, Gragoatá-, Hospital-Boie zum Club zurückzunehmen, wobei neben der Leistung des Guanabara-Kreuzers „Frauenlob“ (Herr Heuer), der trotz grosser Konkurrenz und trotz zerrissenen Gross-Segels und zerrissener Foek als Erster in seiner Klasse durchs Ziel ging, die hervorragende Segelkunst der Sharpies und Jollen zu erwähnen ist, die — soweit sie überhaupt das Ziel erreichten — dies ihrer ausgezeichneten Technik und der angestrengtesten Tätigkeit ihrer Besatzung verdanken, die sich selbst auf den sogenannten „Ruhestrecken“ keine Erholung gönnen konnte, sondern ihr Boot durch Ausschöpfen des auf der Kreuzstrecke eingedrungenen nassen Elements zu erleichtern und damit für die folgende Runde wieder kampffähig zu machen hatte.

Die einzelnen Resultate sind folgende:
Klasse — Mixta „A“: 1. „Kehrwieder“ (YCB): Herr Voss; 2. „Procelaria“ (Flum.): Herr Dr. José Candido Pimental Duarte;
Klasse — Mixta „B“: In dieser Klasse erreichte kein Boot das Ziel;
Klasse — Guanabara: 1. „Frauenlob“ (YCB): Herr Heuer; 2. „Mergulhão“ (Esc. Naval);
Klasse — 12 qm. Sharpies: 1. „Forelle“ (YCB): Herr Berghoff; 2. „Ella“ (Caiçaras): Herr Helio Araujo; 3. „Delphin“ (YCB): Herr Boeddener;
Klasse — Jollen: 1. „Onkel Ruebe“ (YCB): Herr Meyer; 2. „Robbe“ (YCB): Herr Kircher. Bh.

Sonderkonzert zugunsten des Deutschen Roten Kreuzes in Rio de Janeiro

Am Sonnabend (14. Sept.) fand in dem G. V. „Lyra“ ein Sonderkonzert zugunsten des Deutschen Roten Kreuzes statt, welches durch das verstärkte Orchester des BdsR., den G. V. „Lyra“, sowie die Solisten Frl. Enaura de Mello (Violine) und Herrn F.

Cardozo (Tenor) unter der Gesamtleitung von Georg Hering veranstaltet wurde.

Das Konzert als solches war wohl den meisten Anwesenden bereits von früheren Veranstaltungen her bekannt, die hier nochmals wiederholt wurden, dessenungeachtet fanden sie viel Beifall vor dem anwesenden Publikum. Sehr erfreut waren alle, auch wieder einmal eine Darbietung des G. V. „Lyra“ zu hören und man kann wohl sagen, dass alle aufs angenehmste enttäuscht wurden. Jedenfalls hat der G. V. „Lyra“ bewiesen, dass — wenn er auch in der letzten Zeit nicht in die Öffentlichkeit getreten ist — so doch gearbeitet wurde und wir hoffen, dass der G. V. „Lyra“ in Zukunft aus seiner Reserve etwas mehr heraustreten wird.

Viel Anerkennung und Begeisterung lösten sowohl der Tenor Herr F. Cardozo aus, der eine Zugabe geben musste sowie Frl. Enaura Mello, als sie den Czaras von Monti spielte. Das Publikum liess ihr keine Ruhe bis sie ihn wiederholt hatte.

Alles in Allem eine sehr gelungene Veranstaltung.
F. K.

Hemorrhoiden?

„RECTO-SEROL“



Ausstellung „Mutter und Kind“ sowie „Bäckerarbeiten“ in Rio de Janeiro

veranstaltet vom BdsR. im Deutschen Heim

Am vergangenen Sonnabend lud die Frauengruppe des BdsR. die deutschen Frauen in Rio ins Deutsche Heim, um in deren Anwesenheit die Ausstellung „Mutter und Kind“ zu eröffnen. Nachdem die Leiterin der Frauengruppe die aussergewöhnlich zahlreich

erschienenen Frauen aus Rio, Nitheroy sowie weiterer Umgebung Rios herzlich begrüsst hatte, folgte ein sehr nett zusammengestelltes Programm, woran sich auch die Jugendgruppe beteiligte, indem diese einige Lieder und Volkstänze zum Besten gab.

Die Leiterin gab nun über das verflossene Jahr einen Arbeitsbericht, woraus man entnehmen konnte, dass in dieser Zeit wirklich Grosses geleistet worden ist. Wörtlich sagte sie u. a.: „Wir hier draussen können nur kleine Opfer bringen — unsere Frauen aber drüben in der alten Heimat müssen ihre Männer und sogar ihre Kinder opfern, die mit den englischen Fliegern im Kampf stehen, dass wir eine gerade Haltung zu bewahren haben und zu jeder Zeit opferbereit sein müssen, sind wir unserem Führer schuldig.“

Hierauf wurde sämtlichen Anwesenden eine Tasse Kaffee mit reichlich Kuchen dargeboten und anschliessend die Ausstellung eröffnet. An Handarbeiten sind in der Mehrzahl Kinderkleidchen und Wäsche in wirklich sehr geschmackvoller Ausführung ausgestellt, manche Mütter, aber auch manches Grossmütterlein hat ihre unendliche Mutterliebe in diesen Arbeiten zum Ausdruck gebracht, die sich so richtig in dieser Ausstellung spiegeln. Verschiedene Arbeitskameraden haben bei dieser Gelegenheit ihre Bastelarbeiten mitausgestellt. Sofort ins Auge fallen die Metallgehämmerten Tablettts sowie die sehr künstlerisch ausgeführten Schmiedearbeiten. Die aus Holz gemasterten Kriegsschiffsmodelle haben sehr gut gefallen, ebenso die Aquarelle und Zeichnungen, die, wie zu beobachten war, sofort

Käufer fanden. Viele andere schöne Stücke, die in Heimarbeit angefertigt worden sind, fasste das Auge, jedoch ist es uns wegen Raummangels nicht möglich, alles namentlich anzuführen. Alles in Allem sei gesagt, dass diese Veranstaltung der Arbeitskameradinnen und Arbeitskameraden des BdsR. viel Beifall bei den Rio-Deutschen gefunden hat.
F. K.

Herrn Wilhelm Neumann und Frau wünscht der Verlag Deutscher Morgen anlässlich ihrer silbernen Hochzeit viel Glück und noch ein recht langes Eheglück.

Zur silbernen Hochzeit wünschen
Hd. Wilhelm Neumann und Frau
ein frohes Fest und noch weitere glückliche Jahre!
Die Arbeitskameraden
des BdsR. „Auto-Union“, Rio de Janeiro

Putz gmforgt

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Nema)

Berlin, 12. — In einem westdeutschen Grenzort wurde eine Schachtel in Grösse einer Damenhandtasche gefunden, die leicht umschürt war und Hunderte der sogenannten Colorado-Käfer enthielt, die bekanntlich die schlimmsten Schädlinge der Kartoffeln sind. Es wurde festgestellt, dass ähnliche Taschen auch in Luxemburg und an der belgischen Grenze von britischen Flugzeugen abgeworfen worden waren. Damit ist ein weiterer Beweis für die verabscheuungswürdige Kriegführung der Briten zur Vernichtung des deutschen Volkes geliefert.

Berlin, 12. — Die Bombenabwürfe englischer Flugzeuge auf die Berliner Innenstadt trafen u. a. auch den Garten des Reichspropagandaministers Dr. Goebbels. Im Arbeitszimmer des Geschäftsträgers der USA, Alexander C. Kirk, wurden ebenfalls mehrere Bombensplitter an den Wänden entdeckt.

Berlin, 12. — Die Gaststätten der Reichshauptstadt werden ab heute bereits um 23 Uhr schliessen. Bisher war die Polizeistunde auf Mitternacht festgesetzt.

München, 12. — Der italienische Kolonialminister Teruzzi hatte in München mit dem Leiter der deutschen Kolonialorganisation, General Ritter von Epp, eine wichtige Aussprache.

Madrid, 12. — Der Londoner Korrespondent der Madrider Zeitung „ABC“ berich-

tet, dass die englische Zensur rücksichtslos alle Schilderungen von der Bombardierung Londons zusammenstreiche. In die Nähe der Themse dürfen keine Zivilpersonen kommen. Das Hafenviertel sei hermetisch abgesperrt. Der Verkehr liege völlig lahm. Die Londoner sässen mit traurigen, verzweifelten und übermüdeten Gesichtern in den Luftschutzkellern.

Madrid, 12. — Exkönig Carol von Rumänien hat sich mit der britischen Regierung zwecks Einreise nach England in Verbindung gesetzt. Das Auswärtige Amt in London war aber bisher nicht imstande, irgendeine Antwort zu erteilen. Spanien und Portugal haben jedenfalls ebensowenig wie die Schweiz ein Interesse an einem längeren Aufenthalt des Exkönigs in ihren Hoheitsgrenzen.

Vichy, 12. — Marschall Pétain besuchte Arbeits- und Sportlager der französischen Jugendorganisation und betonte in einer Ansprache dass die Jugend durch Kameradschaftsgeist jenen Individualismus überwinden müsse, der die Niederlage herbeigeführt habe.

Stockholm, 12. — Die ersten 500 Sack Brasilkaffee für Schweden, die in Santos verladen wurden, sind nach siebenwöchiger Seereise im Hafen Petsamo eingetroffen. Die Transportkosten sind achtmal so hoch wie vor dem Kriege.

Berlin, 13. — Deutsche Minensucher haben entdeckt, dass die Engländer in der Nordsee sogenannte Antennenminen ausgelegt haben. Es handelt sich um kugelförmige Minen mit den bekannten „Hörnern“, die aus Zündstoffen und Blei bestehen und Antennen von etwa 20 Meter Länge angeschlossen haben, die durch Stachelbojen gehalten werden. Wenn ein Schiffsrumpf auf eine solche Antenne trifft, löst sich der elektrische

Rua Miguel Couto (ex Ourives) 47 - Tel. 43-8131
RIO DE JANEIRO



KOFFER - REISEARTIKEL
AKTENTASCHEN - SCHUL-
MAPPEN - BRIEF- UND
GELDTASCHEN - GÜRTEL
Eigene Fabrikation - Reparaturen

D. SCHEBEK

Rua General Camara 137 - Tel. 23-1114

Hotel Floresta
FRIBURGO



Est. de
Rio de
Janeiro
RF. Leo-
poldina
Rua 3 de
Janeiro
161
Tel. 162
Das
schönst-
gelegene
in Fri-
burgo
Bes.:
M. Sitte

**MIRAMAR-
PAQUETA'**

(Barca-Seite links)
Telephon 206

**Restaurant
Hotel / Bar**

Rio de Janeiro

Luftige Zimmer
Vorzügliche Wiener
Kueche / Mässige Preise
Grosser Garten fuer
Picnics usw.

**Einziges deutsches
Hotel am Platze**

Reparaturen
sämtlicher
Uhren
garantiert



Josef Herold
Uhrmacher

Rua da Alfandega, 130

Bar und Restaurant VICTORIA

Rio - Rua 1.0 de Março 33 - Tel. 23-4347

Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN
La Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

Aerztetafel Rio

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Be-
handlung der Ernährungsstörungen (Pech-
durchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Haut-
krankheiten, Ultravioletts-Strahlen).
Consultorio: Rua Miguel Couto 5
von 2-5 Uhr. Tel. 22-0713. - Wohnung:
Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão
no H. S. F. de Assis
Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:
Rua Quitanda 5 - Tel. 22-5550 - Rio

Dr. Paul Cardozo-Legène

Haut- und Geschlechtskrankheiten
in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt
Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912 Rio de Janeiro
Sprechstunden: 9-12 und 3-6
Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Dr. W. Huber

Spezialarzt
für Frauenkrankheiten und Chirurgie
Täglich von 3-6 Uhr - Telephon 22-2657
Rua Alvaro Alvim 24, 8. St., Cinelandia
Rio de Janeiro

Preiswert **Kölnisch Wasser** Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Mit
100
jähriger
Optik



Aufgenommen mit dem
Objektiv der ersten
Voigtländer-Kamera
bei voller Öffnung!

Sie meinen, diese Aufnahme wäre mit einem modernen Objektiv gemacht - Irrtum, denn das Objektiv ist im Jahre 1840, also vor fast 100 Jahren gebaut. Eine so wunderbare Scharfzeichnung hatte schon damals das erste Voigtländer-Fata-Objektiv - das gleichzeitig das erste „errechnete“ Objektiv der Welt überhaupt war - bei einer Lichtstärke von 1:3,7!

Stellen Sie sich nur einmal diese grandiose Entwicklung vor: 1839 die von aller Welt bestaunte Kamera Daguerre's, mit der man 10-20 Minuten belichten mußte, 1840 die erste Voigtländer-Kamera mit Lichtstärke 1:3,7, bei der man in der Sonne mit 45 Sekunden Belichtungszeit auskam.

Mit dem Wagnis, ein mathematisch errechnetes Objektiv hoher Lichtstärke zu bauen, hat Voigtländer nicht nur den Weg zum Porträt erschlossen, sondern der Optik der ganzen Welt einen neuen Weg gewiesen, auf dem alle folgen mußten.

In aller Welt

berühmt:

Voigtländer-Objektive

SOCIEDADE ANONYMA SCHERING

RIO DE JANEIRO
CAIXA POSTAL 540

SÃO PAULO
CAIXA POSTAL 2127

PORTO ALEGRE
CAIXA POSTAL 866

RECIFE
CAIXA POSTAL 630

Strom aus und bringt die Mine zur Explosion.

Berlin, 13. - Der Oberbefehlshaber des Heeres Generalfeldmarschall von Brauchitsch, besichtigte dieser Tage die an der französischen Kanalküste stehenden deutschen Truppeneinheiten.

Berlin, 13. - Die deutschen Wetterwarten sagen für die zweite Hälfte der kommenden Woche eine Besserung der Wetterlage in der Kanalzone voraus. Dementsprechend arbeiten deutsche Aufklärungsflugzeuge über den bombardierten Gegenden Londons, um den deutschen Kampfgeschwadern den weiteren Einsatz zu erleichtern.

Berlin, 13. - Der Bischof von Berlin, Konrad Graf Preysing, besichtigte das von britischen Bomben schwer getroffene katholische Hedwigs-Krankenhaus in der Reichshauptstadt und liess sich von Aerzten und Schwestern Einzelheiten berichten.

Plünderer in London

Stockholm, 13. - In verschiedenen Londoner Stadtteilen wurde nach den deutschen Luftangriffen geplündert. Die Polizei hat strengste Strafen angedroht und für alle Beamten den Urlaub gesperrt. Die auf frischer Tat gefassten Plünderer sollen mit dem Tode bestraft werden.

Stockholm, 13. - In London versucht man, die Arbeit in den Fabriken und im Handel jetzt einige Stunden früher zu beginnen, da die Bewohner der Vororte infolge der deut-

Vichy, 13. - Dem „Petit Journal“ zufolge wird fieberhaft an der sogenannten „französischen imperialen Strasse“ gearbeitet, welche Französisch-Westafrika mit Nordafrika verbinden und die Erzeugnisse nach den Mittelmeerhäfen schaffen soll. 4000 Kilometer dieser Strasse, die auch der Umgehung der englischen Blockade dienen soll, sind bereits in Angriff genommen.

Brüssel, 13. - Ein Erlass des Generals von Falkenhausen verfügt die Wiedergutmachung der Schäden jener Personen, die von den belgischen Behörden wegen ihrer Zusammenarbeit mit den deutschen Behörden im Weltkrieg verfolgt wurden. Eine Schadenersatzkommission tritt am 15. September in Funktion.

Bukarest, 13. - Die drei grössten Synagogen in der rumänischen Hauptstadt sowie drei weitere Synagogen in Craiova wurden auf Anordnung der Regierung geschlossen.

Newyork, 13. - Im Staate New Jersey ist die Pulverfabrik Hercules in Denville in die Luft geflogen. Bei der Explosion, die in einem Umkreis von 200 Kilometern spürbar war, sind zahlreiche Tote und Verwundete zu beklagen.

Stockholm, 13. - Deutsche Sturzkampfflieger bombardierten heute nachmittags ein grosses Tankdepot in der Nähe des Buckingham-Palastes. Einige Bomben gingen unweit des Königsschlusses nieder, wo sich nach Mitteilungen des Londoner Informationsministeriums „Ihre Majestäten“ gerade aufhielten. Angeblich wurde ein Schwimmbassin und die Schlosskapelle beschädigt.

Stockholm, 13. - Ein Londoner Feuerwehrmann erklärte im britischen Rundfunk, dass seine Kameraden seit einer Woche kaum noch zur Ruhe gekommen sind. Es sei aussichtslos, alle Brände zu löschen, denn stündlich mehrten sich die Feuerstätten.

Berlin, 13. - In der „Berliner Börsenzeitung“ schreibt der General der Artillerie Hasse, dass England infolge der Zerstörung fast aller Häfen im Süden und Südosten der Insel bald in erschreckender Form den Mangel an Lebensmitteln und Rohstoffen spüren werde. Tag und Nacht vernichtet die deutsche Luftwaffe Rüstungs- und Flugzeugfabriken, Oellager, Werften, Flugplätze, Gasanstalten, Elektrizitätswerke und Eisenbahnverbindungen. Entscheidend ist vor allem die systematische Vernichtung der englischen Luftwaffe. Bald werde der Tag kommen, an dem die Deutschen in der Luft keinen Feind mehr trafen und an dem sie mit der Kriegs-

marine zusammen ihre Aktion fortsetzen könnten, ohne auf wesentlichen Widerstand zu stossen.

Unterirdisches Leben

Madrid, 14. - Der Londoner Korrespondent der Zeitung „ABC“ überschreibt seinen letzten Aufsatz „Eine grosse Tragödie breitet sich über die Stadt aus“. Er meint dann, dass die Londoner Bevölkerung so viele Leiden nicht mehr lange ertragen könne. Viele Stadtteile seien ohne Wasser, ohne Gas und ohne elektrisches Licht. Die Leute könnten die Luftschutzkeller nicht verlassen. Die Stadt führe heute ein unterirdisches Leben. Alle Habseligkeiten habe man in die Luftschutzräume mitgenommen, vor allem Schmucksachen, Geld und Wertgegenstände. Die Strassen lägen voller Trümmer von zerschlagenen Autos und zerbrochenen Fensterscheiben und seien voller Trichter von den Bombeneinschlägen.

Vichy, 14. - Der stellvertretende Ministerpräsident der Regierung Pétain, Pierre Laval, wird in Paris mit den deutschen Militär- und Zivilbehörden Probleme der französischen Ernährungslage besprechen. Infolge der britischen Blockade wird man in der unbesetzten französischen Zone zu einer rationellen Verteilung der Lebensmittel schreiten müssen. Dabei möchte man sich auch jener Erfahrungen bedienen, die Deutschland beispielsweise in der Konservierung von Lebensmitteln sammelte. So denkt man vor allem an die Pulverisierung und Trockenaufarbeitung von Gemüse. Um jeden Preis will man durch Zusammenarbeit mit den deutschen Behörden der Gefahr einer Hungersnot begegnen.

Vichy, 14. - Die französische Presse soll auf Anweisung der Regierung gegen jene katholischen Kreise Frankreichs einen Feldzug einleiten, die die Jugend im Geiste der Revanche gegen Deutschland erziehen möchten. Besonders Laval will mit diesen Bestrebungen des Klerus, welche die deutsch-französischen Beziehungen schwer belasteten, unbedingt aufräumen.

Venedig, 14. - Auf der bekannten Biennale in Venedig wurden der deutsche Film „Der Postmeister“ und der italienische Film „Die Belagerung des Alcazar“ preisgekrönt.

Moskau, 14. - Nach Mitteilung der „Pravda“ sind die ersten Tankdampfer mit Petroleum für Deutschland auf dem neuen Binnenschiffahrtsweg vom Schwarzen Meer nach Brestlitowsk ausgelaufen.

Bukarest, 14. - Am Namenstag Cornelio Zelea Codreanu, des Gründers der Eisernen Garde, der im November 1938 mit zahlreichen Unterführern von den Polizeiorganen des Königs Carol ermordet wurde, fand in Bukarest unter stärkster Beteiligung der Legionäre sowie der Bevölkerung eine eindrucksvolle Kundgebung statt. Zahlreich war die Eisernen Garde, die in den Jahren 1938-1939 über 2500 Mitglieder durch Massen-

PETER JURISCH
RECHTSANWALT

RIO DE JANEIRO - CAIXA POSTAL 136
EDIFICIO ODEON, SALA 809

morde verloren hatte, aufmarschiert. An der Messe in der Kirche der Eisernen Garde nahmen auch Vertreter der deutschen, italienischen und spanischen Gesandtschaft teil.

Amsterdam, 14. - Der Leiter der holländischen nationalsozialistischen Bewegung Mussert hat die Einrichtung einer niederländischen SS verfügt, die den Ordnungsdienst bei Versammlungen übernimmt. Anlass zur Gründung der niederländischen SS bildete der Mora an einem Mitglied der „NSB“ durch politische Gegner. Die niederländische SS soll eine Schwesterorganisation der bekamten deutschen Einrichtung sein und nicht nur die Blutsverwandtschaft betonen, welche zwischen dem deutschen und dem holländischen Volke besteht, sondern gleichzeitig auch den Sinn erkennen lassen, den die holländischen Nationalsozialisten für Anstand, Manneszucht, Ehre und Mut haben.

Deutschlands Fliegerschulen überfüllt

Berlin, 15. - Auf eine Meldung des britischen Rundfunks, wonach italienische Flieger nach Deutschland gebracht werden, um hier den Mangel an Piloten zu beseitigen, wird von zuständiger deutscher Seite erklärt, dass das Reich bisher nicht nötig gehabt habe, die Waffenbrüderschaft seines Partners in Anspruch zu nehmen, da die deutschen Verluste verhältnismässig klein gewesen sind. Deutschland hat seit Jahren darauf hingearbeitet, ein Volk der Flieger zu werden,



schen Fliegerangriffe angeblich abends nicht mehr nach Hause kommen können und die Nacht in dem ersten besten Luftschutzkeller zubringen müssen. In die Schaufenster der Lebensmittelgeschäfte dürfen keine Waren mehr gestellt werden.

und der Personalbestand der deutschen Luftwaffe ist daher heute so gross, dass ein erheblicher Teil überhaupt noch nicht zum Einsatz gegen England gekommen ist. Zudem ist der Andrang der deutschen Jugend zur Luftwaffe in den letzten Jahren so stark, dass alle Fliegerschulen bis auf den letzten Platz besetzt sind und viele Bewerber auf später vertröstet werden mussten.

Berlin, 15. — Die „Essener Nationalzeitung“ schreibt, dass die RAF sowohl beim Angriff wie auch in der Verteidigung bereits Apparate der dritten Linie benutzt. Diese Flugzeuge aus einer veralteten Bauzeit haben auf den Gang der Operationen kaum noch einen Einfluss.

Berlin, 15. — Am heutigen Sonntag führte die deutsche Luftwaffe trotz stärkster Konzentrierung der RAF-Jäger zerstörende Bombenangriffe auf die Hauptstadt des Empires durch. Während die Kämpfe über London umfangreicher waren als sonst, hatten andere deutsche Kampfgeschwader über Liverpool und anderen Industriegebieten kaum einen Widerstand angetroffen.

Stockholm, 15. — „Dagens Nyheter“ zufolge musste die Londoner Bevölkerung von 168 Stunden in der vergangenen Woche rund 70 Stunden in den Luftschutzkellern zubringen. Zum Entsetzen der Londoner Damen dringen in die Luftschutzräume auch Ratten in grossen Scharen ein, die aus den brennenden Hafenvierteln abwandern. Die Lage Londons wird zum Teil bereits als schlimmer bezeichnet als die Lage Warschaws vor dem Fall.

Athen, 15. — Die Offensive der italienischen Truppen gegen Aegypten richtet sich nach Versicherung zuständiger Kreise in Rom nicht gegen das ägyptische Volk, sondern gegen die englischen Truppen im Lande am Nil. London versucht, König Faruk zur Kriegserklärung an Italien zu veranlassen, aber weder der König noch die ägyptische Regierung sind bisher dem Wunsche der Engländer nachgegeben.

Berlin, 15. — Der englische Versuch, London überstürzt zu räumen, wird von unterrichteter deutscher Seite als ein hoffnungsloses Unternehmen bezeichnet. Die Millionen Menschen, die jetzt mit ihrer Habe der Gefahrenzone entkommen möchten, geraten erst recht in Lebensgefahr, da das Vorgelände Londons nicht offenes Agrarland ist, sondern ein wirt verbautes Industriegebiet. Gerade dieses Industriegebiet bildet aber das Hauptziel der Angriffe der deutschen Luftwaffe. Die Londoner Bevölkerung sieht daher furchtbaren Wochen entgegen, in denen sie dem Hunger, der Kälte und dem Regen ausgesetzt sein wird.

Noch nach tausend Jahren...

Stockholm, 15. — Die Londoner Berichterstatter der schwedischen Zeitungen schreiben in ihren Aufsätzen, dass sich in London ein Geschick erfülle, dessen Tragik in der Geschichte keinen Vergleich aufzuweisen habe. Man erinnert an den Untergang Karthagos und an den Brand Roms und meint, dass die Welt noch nach tausend Jahren von dem Schicksal der Hauptstadt des britischen Weltreiches sprechen werde.

Berlin, 15. — Der spanische Innenminister Serrano Suner wird bis zum 19. September in der Reichshauptstadt bleiben. Anschliessend wird er Nürnberg, die Stadt der Reichsparteitage, und die Schlachtfelder im Westen besuchen.

Bukarest, 16. — In Rumänien fand eine grundlegende Regierungsombildung statt. Gleichzeitig wurde am 15. September früh das Gesetz über die politische Neuordnung des rumänischen Staates veröffentlicht. Danach ist Rumänien von jetzt ab ein „nationallegionärer Staat“. Die einzig politische anerkannte Bewegung in dem neuen Staat ist die Legionärbewegung. Chef des Staates und Führer des Regimes ist General Antonescu, Befehlshaber der Legionärbewegung (Eiserne Garde) ist Prof. Horia Sima.

Berlin, 16. — Am Sonntagabend unternahm Reichsmarschall Göring an Bord eines Kampfflugzeuges vom Muster „Ju 88“, das er selbst steuerte, einen Nachtflug über London. Er liess sich nur von zwei Zerstörerflugzeugen begleiten. Nach der Rückkehr sagte der Reichsmarschall: „Ich freue mich, meine Luftwaffe zu einer so starken Waffe gemacht zu haben. Sie hat in Polen, Norwegen und im Feldzug an der Westfront eine entscheidende Rolle gespielt und wird jetzt unser schärfstes Schwert im Kampf gegen England sein.“ — Das Hauptquartier des Reichsmarschalls befindet sich in einem kleinen Ort in der Normandie.

Stockholm, 16. — Die Londoner Bevölkerung hat vom Montagabend bis Dienstagfrüh wiederum mehr als zehn Stunden im Luftschutzkeller zugebracht. Infolge der Zerstörung vieler Kanalisationsröhren ist die Stadt der Gefahr des Pestausbruches ausgesetzt. In London ist die Kanalisation wegen der schwachen Fröste in der kalten Jahreszeit nur in geringer Tiefe gelegt und kann durch die deutschen Bombenwürfe sehr leicht zerstört werden.

Stockholm, 16. — Nordamerikanische Berichterstatter in London hatten ihren Zeitungen ellenlange Telegramme vom Sieg britischer Truppen über deutsche Invasionstruppen gekabelt. Mehr als 10.000 deutsche Sol-

daten seien von den Engländern einfach aufgegeben worden, als sie bei St. Malo an Land zu gehen versuchten. Die britische Admiralität sah sich darauf genötigt, diese Meldungen als frei erfunden zu dementieren, da die Deutschen noch gar keine Landungsversuche unternommen hätten.

Madrid, 17. — „London findet keinen Schlaf mehr“, so meldet der Berichterstatter des Madrider Blattes „ABC“. Die Börse sei geschlossen und in der City werde nicht mehr gearbeitet. Ab 19 Uhr seien die Londoner nur noch in den Luftschutzräumen anzutreffen.

Berlin, 17. — Nach amtlicher Mitteilung sind in der Nacht vom Montag zum Dienstag zum erstmalig seit Monaten keine britischen Flieger in das Reichsgebiet eingeflogen.

Berlin, 17. — Zu Ehren des spanischen Innenministers Serrano Suner gab Reichsaussenminister von Ribbentrop im Hotel Adlon Unter den Linden ein Essen. Unter den anwesenden deutschen Persönlichkeiten sah man Reichsinnenminister Dr. Frick, Staatsminister Dr. Meißner, Generalfeldmarschall Wilhelm Keitel, den Reichsführer SS Himmler, Reichsorganisationsleiter Dr. Ley, Staatssekretär Freiherr von Weizsäcker, Staatssekretär Gauleiter Bohle, Gauleiter Bouhler, Botschafter a. d. Faupel, den deutschen Botschafter in Madrid, Eberhard von Stohrer, und andere namhafte Männer aus Staat, Partei und Wehrmacht. Auf spanischer Seite waren der Botschafter in Berlin, General Espinosa de los Monteros, mehrere Botschaftssekretäre sowie die Begleiter des Ministers Serrano Suner erschienen.

Trotz Sturm und Regen 'gen England

Berlin, 17. — Auch bei schlechtem Wetter hat die deutsche Luftwaffe am Dienstag ihre Angriffe gegen die englische Hauptstadt fortgesetzt. Es gab sechsmal Fliegeralarm. Am Abend drangen sogar 300 deutsche Flugzeuge durch den Verteidigungsgürtel der Hauptstadt und begannen das Bombardement, das das Getöse der krepierenden Flakgranaten überlötete. Eine Bombe grössten Kalibers riss bei ihrem Einschlag ein Loch von neun Metern Tiefe. Mit gut gezielten Bombenabwürfen wurden auch weite Strecken der

Das Oberkommando der Wehrmacht gibt bekannt...

Berlin, 18. (TO) — Das Oberkommando der deutschen Wehrmacht teilt am Mittwochmittag mit:

„Die Vergeltungsflüge gegen London wurden während des 17. September und in der Nacht zum 18. mit zunehmender Heftigkeit fortgesetzt. Bomben aller Kaliber wurden auf die Westindien-, London- und Victoriadocks, Wasserwerke, Gasanstalten, Bahnhöfe und andere kriegswichtige Ziele abgeworfen. Neue grosse Brände waren die Folge. Während des Tages richteten sich andere Angriffe gegen den Flughafen Croydon, Flugplätze und kriegswichtige Ziele an der Südküste. Liverpool wurde wiederum bei Tage und bei Nacht angegriffen. Volltreffer wurden mit schwerkalibrigen Bomben in der Flugzeugfabrik in Liverpool Speke erzielt. In der Nacht zum 18. September wurde auch der grosse nordenglische Hafen Glasgow angegriffen. Ein Dampfer von 5000 t wurde bei einem Angriff auf Nordirland schwer beschädigt. Während der Nacht unternahm britische Flugzeuge Einflüge gegen Nord- und Westdeutschland und bombardierten neuerdings Wohnviertel und Siedlungen, wo an einigen Häusern Schäden angerichtet wurden. Der Feind verlor gestern 7 Flugzeuge im Luftkampf, 2 weitere wurden von der Flak abgeschossen. Vier eigene Flugzeuge kehrten nicht zu ihren Basen zurück.“

Italienischer Heeresbericht

Rom, 18. (TO) — Das Hauptquartier des italienischen Heeres teilt am Mittwochmittag mit:

„In Nordafrika haben die italienischen und libyschen Truppen, die auch bei dieser Gelegenheit ihre militärischen Tugenden und ihre absolute Treue zu Italien unter Beweis stellten, ihren siegreichen Vormarsch fortgesetzt und Sidi-el-Barani, 100 km Luftlinie von der ehemaligen Cyrenaika-Grenze, besetzt sowie mit der Schaffung neuer Stützpunkte und der Organisation der rückwärtigen Verbindungslinien begonnen. Ueberall wurde der hartnäckige Widerstand des Feindes, der von Panzerabteilungen unterstützt war, gebrochen.“

Weihnachts-Vorschau erfüllte alle Erwartungen

Die unermüdliche, planvoll durchgeführte Arbeit der Frauengruppe des Bundes der schaffenden Reichsdeutschen (São Paulo), hat in wachsendem Masse die Anerkennung immer weiterer Kreise der deutschen Kolonie in dieser grossen Stadt erworben. Das wurde bei der Weihnachts-Vorschau in den Tagen vom 15. bis zum 18. September im Heim des M. G. V. „Lyra“ besonders offenkundig. Der soziale Zweck dieser Ausstellung und die daran geknüpften Hoffnungen erfüllten

elektrischen Hochspannungsleitung inner- und ausserhalb von London vernichtet. Ein Luftalarm unterbrach die Unterhausitzung, ein anderer hinterte König Georg VI. an der Verleihung von Militärdemäillen.

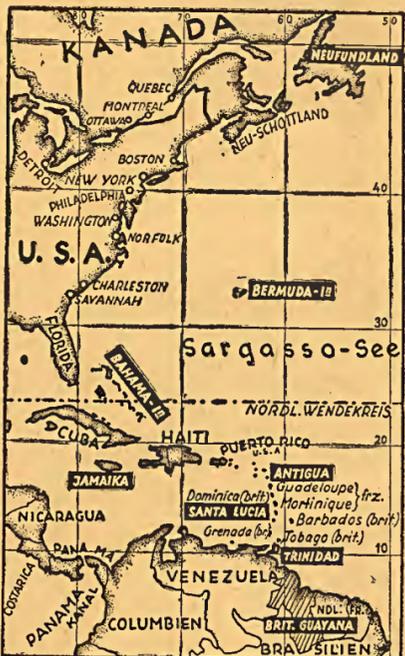
Berlin, 17. — Der spanische Innenminister Serrano Suner wurde in der Reichskanzlei vom Führer empfangen. Die Aussprache dauerte länger als eine Stunde. Am selben Tage empfing der Führer den italienischen Kolonialminister, General Attilio Teruzzi.

Rom, 18. — Die englischen Behörden in Palästina haben grosse Schwierigkeiten bei der Aufstellung eines arabisch-jüdischen Korps. Die Araber weigern sich, die britischen Pläne zu unterstützen.

Amsterdam, 18. — Wie der „Telegraaf“ mitteilt, haben die britischen Bombenabwürfe auf friedliche holländische Städte und Dörfer im ganzen Lande grosse Empörung ausgelöst. Die Holländer sind um so erregter, als die Königin Wilhelmine in einer Rundfunkrede erklärte, sie habe der englischen Regierung eine anscheinliche Summe zur Verfügung gestellt, damit diese Bomber und Nachtjäger für den Krieg bauen könne.

Stockholm, 18. — Der Berichterstatter der „Stockholms Tidningen“ besuchte mehrere Nächte hintereinander die Bahnhöfe der Londoner Untergrundbahn, die der Bevölkerung als Zufluchtsräume bei Luftangriffen zur Verfügung gestellt wurden. Er schreibt: „Die Leute schlafen auf den Treppen, den Kopf auf die Gasmaske gestützt. Tausende und Abertausende übernachteten hier. Den Fahrgästen ist es unmöglich, bis zum Zuge zu gelangen, ohne auf irgendjemand zu treten. Der Selbsterhaltungstrieb führte die notleidenden Klassen Londons dazu, mit ihren Kindern so tief als möglich unter der Erde Unterschlupf zu suchen. Sie kauften nachmittags eine Bahnsteigkarte und rücken dann mit Kindern, Kissen, Matratzen und Esspaketen an. In zerrissene Mäntel und Woldecken eingehüllt, lagern sie auf einigen Quadratmetern schmutzigen Bodens. Die Mütter tragen ihre Säuglinge dicht an sich gepresst, da diese schon die Kälte spüren. Es herrscht eine unerträgliche Zugluft, die ausserdem so verbraucht ist, dass man kaum in ihr atmen kann. Unaufhörlich weinen und schreien die Kinder.“

O accordo britannico-estadunidense — Pelas clausulas do convenio recentemente celebrado entre a Inglaterra e os Estados Unidos, aquella cede a estes, em arrendamento, bases navaes e aéreas que ella possui no Atlantico do norte e do centro, recebendo, em troca, 50 destrovers antiquados. Disporão, assim, os Estados Unidos de bases para sua frota, na Terra Nova, nas ilhas Bermudas, Bahamas, Jamaica, Santa Lucia, Trinidad, Antigua, e na Guyana inglesa, pontos estes assignalados no mappa reproduzido pelo clichê.



Karte zu dem Abkommen zwischen den Vereinigten Staaten und Grossbritannien, nach dessen Bestimmungen die Vereinigten Staaten Flotten- und Luftstützpunkte in den britischen Besitzungen im Nord- und Mittelatlantik in Pacht nehmen und Grossbritannien dafür 50 Zerstörer, die die Altersgrenze bereits überschritten haben, abtreten. Die Vereinigten Staaten erwerben danach Flottenstützpunkte auf Neufundland, den Bermuda-Inseln, den Bahama-Inseln, Jamaika, Santa Lucia, Trinidad, Antigua und in Britisch-Guyana.

man aus ihr einfach nicht ohne ein Päckchen unterm Arm fortgehen konnte. Ihre Stände und Tische bargen eine Fülle praktischer, preiswerter Sachen, wie sie eigentlich nur Deutsche einander zu Weihnächten zu schenken pflegen. Berge von Kinderkleidern und Schürzen fanden raschen Absatz, nicht minder aber die sehr schönen handgearbeiteten Tischdecken, Wandschoner usw. Schnell vergriffen waren auch viele künstlerische Holz- und Keramikarbeiten, und die meisten Nachbestellungen hatte wohl die Jugendgruppe mit ihren reizenden Laubsäge-, Ton- und Malarbeiten zu verzeichnen. Auf Wochen hinaus haben diese Nachbestellungen neue Arbeit gegeben. Es ist dankbar zu begrüssen, dass diese Ausstellung einigen im Kunsthandwerk tätigen Volksgenossen, die leider viel zu wenig bekannt sind, Gelegenheit geboten hat, ihr Können unter praktischen Beweis zu stellen. Das erwünschte Interesse dürfte da ebenso sehr beim Besucher wie beim Aussteller vorhanden gewesen sein. Die Ausstellung wurde allein am Eröffnungssonntag von rund 500 Personen besucht, doch auch in den nachfolgenden Tagen konnte die Frauengruppe feststellen, dass ihr Fleiss diesmal alle Erwartungen erfüllt, wenn nicht übertraffen hat. Und darin besteht zugleich der schönste Dank, denn diese Arbeit wird ja nicht um der Herausstellung von einigen Namen oder Zahlen geleistet, sondern für den nächsten Mitmenschen, das ist hier im Ausland der Volksgenosse mit der kinderreichen Familie, das ist der unverschuldet in Not geratene Volksgenosse, das ist schlechthin die ganze Gemeinschaft der Deutschen. — Wir werden in einem kurzen Bildbericht in unserer nächsten Ausgabe einen Nachtrag von dieser gelungenen Weihnachts-Vorschau bringen. ep.

Das Deutsche Generalkonsulat

in São Paulo, Rua São Luiz 174, ist er sucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen oder deren Nachkommen zu ermitteln. Wer Auskunft über den Aufenthalt der Genannten geben kann, wird ersucht, dem Generalkonsulat Mitteilung zu machen.

- Adler, Bernardo; Altmann, Julião; Bangder, Pater Friedrich; Baragiola, Käthe; Berger, Leopold; Bischoff, Erwin; Bischoff, Erna geb. Stadie; Eberstaller, Waltraut Betty; Egli, Gallus (Amalia) geb. Schlögel; Fried, vier Geschwister; Füringer, Johann; Gompertz, Hans und Olga; Gross, Wolfgang; Hein, Fritz; Henschkel, Paul und Alma geb. Grosse; Hessler, Josef geb. 1. 10. 19; Hoerz, Johann; Hofmann, Adolf; Hoehlein, Frau; Huss, Emma; Janosch, Ernst; Kolakowsky, Paul; Krebs, Fritz Israel; Krumbholz, Paul; Lange, Gustav, geb. 11. 6. 13; Lawitschka, Friedrich; Mallaun, Rudolf; Markowsky, Leopold; Mauri, Wilhelm Anton; Maysr, (oder Maiser) Kurt, Andreas Otto; Maysr, (oder Maiser), Hans, Moritz Paul; Metzger, Gustav; Naek, John; Neiss, Martha; Rank, Gerhard; Reinders, Bernhard; Schaeffer, Hermann; Schilling, Katharina; Schoessler, Anita geb. Harfst; Schulte, Karl; Sochaczewski, Walter; Stumpf, Franz; Wallerath, B.; Wittenburg, Paul; Wukschitz, Ernst.